

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – UFG  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA**

**TAINARA DE OLIVEIRA DA SILVA**

**UMA ANÁLISE DISCURSIVA NOS CAUSOS DE GERALDINHO  
NOGUEIRA**

**GOIÂNIA-GO  
2023**



**UFG**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE LETRAS

## **TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES**

### **E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

#### **1. Identificação do material bibliográfico**

Dissertação     Tese     Outro\*: \_\_\_\_\_

\*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

**Exemplos:** Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

#### **2. Nome completo do autor**

Tainara de Oliveira da Silva

#### **3. Título do trabalho**

Uma análise discursiva nos casos de Geraldinho Nogueira.

#### **4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)**

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

**[1]** Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

**a)** consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

**b)** novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Marquez da Fonseca Fernandes, Usuário Externo**, em 10/04/2023, às 10:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tainara De Oliveira Da Silva, Discente**, em 10/04/2023, às 17:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3655711** e o código CRC **30A78766**.

**Referência:** Processo nº 23070.002824/2023-91

SEI nº 3655711

**TAINARA DE OLIVEIRA DA SILVA**

**UMA ANÁLISE DISCURSIVA NOS CAUSOS DE GERALDINHO  
NOGUEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras e Linguística.

Área de Concentração: Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Marquez da Fonseca Fernandes.

**GOIÂNIA-GO  
2023**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva, Tainara de Oliveira da  
Uma análise discursiva nos casos de Geraldinho Nogueira  
[manuscrito] / Tainara de Oliveira da Silva. - 2023.  
CIV, 104 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Eliane Marquez da Fonseca Fernandes .  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,  
Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e  
Linguística, Goiânia, 2023.

Bibliografia. Anexos.

Inclui siglas, fotografias, abreviaturas, símbolos, lista de figuras.

1. Análise Dialógica do Discurso . 2. Gênero Causo . 3. Enunciado .  
4. Cultura Caipira . 5. Geraldinho Nogueira . I. Fernandes  
, Eliane Marquez da Fonseca, orient. II. Título.

CDU 81



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE LETRAS

### ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 5 da sessão de Defesa de Dissertação de **Tainara de Oliveira da Silva**, que confere o título de Mestra em Letras e Linguística, na área de concentração em Estudos Linguísticos.

Aos vinte e quatro dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e três, a partir das quatorze horas, via Google Meet, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada “Uma análise discursiva nos causos de Geraldinho Nogueira”. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora Eliane Marquez da Fonseca Fernandes (PPGLL-FL-UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Grenissa Bonvino Stafuzza (PPGEL UFCAT), membro titular externo e Professor Doutor Sinval Martins de Souza Filho (PPGLL-FL-UFG), membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido(a) a candidata aprovada pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Eliane Marquez da Fonseca Fernandes, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos vinte e quatro dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e três.

#### TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Sinval Martins De Sousa Filho, Professor do Magistério Superior**, em 24/02/2023, às 15:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Marquez da Fonseca Fernandes, Usuário Externo**, em 24/02/2023, às 15:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Grenissa Bonvino Stafuzza, Professor do Magistério Superior**, em 10/04/2023, às 09:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3473086** e o código CRC **CC419717**.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, ao meu Jesus Cristo e ao meu amigo Espírito Santo, pela dádiva de viver com saúde e podendo fazer o que eu amo, que é pesquisar na área da linguística. Inclusive, gostaria aqui de elencar que o maior exemplo de dialogismo<sup>1</sup> que eu conheço veio direto do próprio Deus, uma vez que, no livro (Bíblia Sagrada) está escrito que “todas as tardes Deus passeava pelo jardim e falava, conversava, dialogava com Adão” (GÊNESES 3). Assim, podemos entender que o criador de toda e qualquer linguagem teve uma relação dialógica com o próprio homem, ensinando-o sobre a vida e trocando experiências no dia a dia.

Quero agradecer também à minha família que tanto amo. Ao meu pai, Romes Godoi da Silva, à minha mãe, Deusimar de Oliveira da Silva e à minha irmã Dayse Kelly. Agradeço imensamente ao meu marido, Ricardo Vieira Costa, que tanto me incentivou e me apoiou nesta jornada acadêmica, ele é a minha base, o bem mais precioso que Deus me deu.

Agradeço a minha orientadora Professora Doutora Eliane Marquez da Fonseca Fernandes, a qual eu tenho tanta admiração e respeito, pois é uma professora que detém de uma didática sem igual para ensinar, carregando uma grande bagagem de conhecimento e de sabedoria. Esta professora que me ajudou e me orientou em minha pesquisa me mostrando o caminho que eu deveria percorrer. Obrigada Professora Eliane pelo excelente trabalho e por ser essa professora inesquecível.

Agradeço ao Professor Doutor Sinval Martins de Sousa Filho que teve grande relevância nas sugestões dessa pesquisa as quais eu considere todas. Também tive o prazer de ser aluna da disciplina (Formação docente no ensino de línguas naturais). Este professor que tem uma dinâmica incrível em suas aulas fazendo com que os alunos (a) levante questionamentos sobre as leituras dos livros e depois dialoguem sobre as perguntas elaboradas

---

<sup>1</sup> O dialogismo é um dos conceitos mais difíceis de ser estudado, por isso, deve ser analisado minuciosamente. A relação dialógica acontece através do diálogo entre as pessoas, todavia, não se trata apenas de uma conversa face a face, não é somente uma comunicação verbal. O dialogismo se dá em torno de trocas de discursos, ideologias, valorações, “pois o sujeito se constitui na e pela linguagem”, por meio da interação com o outro, sendo o resultado do processo de comunicação dialógica. Por isso, tanto a linguagem quanto o sujeito possuem um caráter de natureza social, ou seja, a comunicação que o sujeito estabelece com o outro vai está relacionada com sua valoração, pois o pensamento toma o enunciado que será interpretado pelo outro de maneira ideológica. Essa relação entre o eu e o outro pode ser positiva ou não, mas também pode ser de dominação, ou seja, um discurso pode dominar o outro. O sujeito enuncia não são só palavras, mas também enunciados que possuem um valor significativo, que são constituídos no conjunto de outras formulações, dando vida a outros enunciados. Portanto, não existe sujeito pronto e acabado que discursa a partir do seu eu individual; o dialogismo nunca será visto como um ato puramente único e subjetivo, porque o sujeito é constituído de fora para dentro, isto é, o enunciator ocupa seu espaço de fala a partir de um ponto de vista. Por isso os discursos não são meramente frases soltas, mas são marcados pela valoração de uma ideologia. E essas ideologias não são sempre as mesmas, posto que enunciar é valorar, e todos os dias valoramos algo diferente.

em coletividade nas aulas. Isso me marcou como pesquisadora e também como professora, por isso, levarei comigo esse ensinamento para também o realizar em minhas aulas. Obrigada professor Sinval! Agradeço a Professora Doutora Grenissa Stafuzza, que foi essencial com suas sugestões nessa pesquisa, receba com carinho minha gratidão por todos os comentários e sugestões. Esta professora que eu tanto admiro, pois tem uma facilidade incrível de ensinar com simplicidade assuntos muitas vezes considerados difíceis, digo isso pois acompanhei a professora Grenissa em muitas lives e eventos.

Quero agradecer ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística – Faculdade de Letras UFG (PPGLL), no qual eu tenho muito orgulho de ter realizado o mestrado acadêmico nesse programa que possui conceito 06 na avaliação da CAPES. Muito obrigada a toda equipe gestora e coordenadora que sempre estiveram disponíveis para me ajudar e responder todos os questionamentos de forma clara e rápida.

Não poderia deixar de agradecer os professores que fizeram parte da minha jornada acadêmica na graduação do curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás – CÂMPUS SUL – SEDE: MORRINHOS (UEG), os quais eu admiro e levarei seus ensinamentos por onde eu estiver. Professor Doutor Thyago Madeira França o qual eu tenho muito respeito e admiração, pois é um professor cuja as aulas são didáticas e seus ensinamentos ficam registrados na memória. Agradeço também imensuravelmente a Professora Doutora Wânia Gomes Mariano Vieira, esta que tem a minha admiração, o meu respeito e o meu carinho, pois foi a professora que me orientou no TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) e me apresentou o tão querido caipira goiano, Geraldinho. Obrigada professora Wânia por ter sido tão dedicada e paciente comigo. Em minha pesquisa de mestrado tenho orgulho em dizer que meu objeto de pesquisa veio da graduação.

Por fim, quero agradecer o contador de causos Geraldo Policiano Nogueira, o Geraldinho, mesmo que ele não esteja mais nessa terra e não verá este trabalho, agradeço por ele ter transmitido suas narrativas para este mundo nos ensinando muitos aspectos valorativos da cultura caipira goiana. Obrigada Geraldinho por ter mostrado suas ideologias e não ter abstraído sua identidade de homem do campo. Assim, eu deixo uma citação que tenho muito apreço, “[...] sim, mas onde é que nós temos essa arte – diz a vida, nós temos a prosa do dia a dia” (BAKHTIN, 1997, p. 369).

*Tudo se reduz ao diálogo, à contraposição enquanto centro. Tudo é meio, o diálogo é o fim. Uma só voz nada termina, nada resolve. Duas vozes são o mínimo de vida. (Mikhail Bakhtin)*

*Através da palavra defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade.*  
(Valentin Volóchinov)

## RESUMO

Esta pesquisa aborda textos do contador de causos goiano, Geraldo Policiano Nogueira, mais conhecido como Geraldinho. Nosso objetivo principal é estudar os discursos presentes nos enunciados desse prosador, que, em seus últimos anos de vida, se dedicou à arte de contar histórias. Buscamos dar ênfase ao gênero discursivo causo, a fim de explorarmos os efeitos de humor diversos, realizando uma análise dos enunciados que emergem dessas narrativas. Para tanto, fizemos uma contextualização sócio-histórica do sujeito-caipira e sua representação literária. Para a constituição do *corpus*, selecionamos três causos que trazem temáticas diferentes: “Causo da Bicicreta”, “Causo do Osso” e “Causo do Rádio”. No “Causo da Bicicreta”, observamos um discurso de humor em relação à bicicleta, bem como a linguagem caipira que narra o andar de bicicleta como se estivesse montado em um animal. No “Causo do Osso”, verificamos tabus em relação aos relacionamentos familiares. No “Causo do Rádio”, há uma crítica humorística por parte do prosador em relação à tecnologia de sua época. O motivo de nossa escolha justifica-se, primeiramente, pelo fato de Geraldinho estar inserido na regionalidade goiana e de sua singularidade na contação de causos, com uma performance simples e autêntica. Diante disso, nossa pesquisa busca fazer uma análise de enunciados e valorizar a contação de histórias como uma prática social da cultura caipira. A perspectiva teórica adotada é a Análise Dialógica do Discurso. Assim, intentamos verificar como os valores e as ideologias dos causos escolhidos aparecem e sofrem alterações conforme a época. Partimos da ideia de que a comunicação discursiva é um acontecimento único e irrepetível, podendo os enunciados e os sentidos construídos serem interpretados. Metodologicamente, Bakhtin e o Círculo trabalham com a arquitetônica de sentido, isto é, o todo que significa. Desse modo, para a análise dos sentidos, consideramos o causo como um enunciado. Abordamos conceitos, como ideologia do cotidiano, dialogismo e gênero. Para a consecução desta pesquisa, empregamos a abordagem qualitativa, observando como a obra do autor abordado dá voz à cultura popular.

**Palavras-chave:** análise dialógica do discurso; gênero causo; enunciado; cultura caipira; Geraldinho Nogueira.

## ABSTRACT

This research addresses texts by the Goian folktale teller Geraldo Policiano Nogueira, better known as Geraldinho. Our main objective is to study the discourse present in the statements of this storyteller, who in his later years devoted himself to the art of storytelling. We seek to emphasize the folktale genre, in order to explore the various humorous effects, by analyzing the statements that emerge from these narratives. To this end, we carried out a socio-historical contextualization of the subject-farmer and its literary representation. For the constitution of the corpus, we selected three folktales with different themes: "The Folktale of the Bicycle", "The Folktale of the Bone" and "The Folktale of the Radio". In "The Folktale of the Bicycle", we observed a humorous discourse about the bicycle, as well as the rural language that narrates riding a bicycle as if it were mounted on an animal. In "The Folktale of the Bone", we verified taboos in relation to family relationships. In "The Folktale of the Radio", there is a humorous critique by the storyteller in relation to the technology of his time. The reason for our choice is justified, first of all, by the fact that Geraldinho is inserted in the Goian regionality and by his singularity in the folktale telling, with a simple and authentic performance. Therefore, our research seeks to make an analysis of statements and to value storytelling as a social practice of the rural culture. The theoretical perspective adopted is the Dialogic Analysis of Discourse. Thus, we try to verify how the values and ideologies of the selected folktales appear and undergo changes according to the time. We start from the idea that discourse communication is a unique and unrepeatable event, and that the statements and constructed meanings can be interpreted. Methodologically, Bakhtin and the Circle work with the architecture of meaning, that is, the whole that signifies. Therefore, for the analysis of meanings, we consider the folktale as a statement. We address concepts such as the ideology of everyday life, dialogism, and genre. To accomplish this research, we employed a qualitative approach, observing how the author's work gives voice to popular culture.

**Keywords:** dialogic discourse analysis; gender cause; utterance; hillbilly culture; Geraldinho Nogueira.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do CD do show <i>Trova, Prosa &amp; Viola</i> .....	25
Figura 2 – Geraldinho na fileira à esquerda (terceiro) participando da dança Catira.....	30
Figura 3 – Geraldinho Nogueira (esq.) e Pedro Malasartes (dir.) .....	32
Figura 4 – Acervo dos objetos pessoais de Geraldinho – Biblioteca Municipal de Bela Vista de Goiás .....	34
Figura 5 – Homenagem ao caipira Geraldo Policiano Nogueira.....	36
Figura 6 – Grafite da dupla Bicicleta sem Freio.....	37
Figura 7 – Nova série animada de Geraldinho no Youtube – Canal Frutos da Terra .....	38
Figura 8 – Causo original .....	65
Figura 9 – Entrevista em animação .....	66
Figura 10 – Causo em animação .....	66
Figura 11 –Geraldinho na Fazenda Aborrecido, em Bela Vista de Goiás.....	86
Figura 12 – Geraldinho no palco do programa Frutos da Terra .....	86
Figura 13 – Geraldinho em animação.....	89

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>Organização das partes da pesquisa</b> .....	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO 1 – PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DO CAIPIRA</b> .....	<b>18</b>
1.1 UM BREVE PERCURSO HISTÓRICO DO CAIPIRA NA HISTÓRIA.....	18
1.2 BIOGRAFIA DE UM CAIPIRA.....	24
<b>1.2.1 Linguagem</b> .....	<b>26</b>
<b>1.2.2 Originalidade</b> .....	<b>28</b>
<b>1.2.3 Receptividade de Geraldinho, o narrador</b> .....	<b>30</b>
<b>1.2.4 Aspectos físico e religioso</b> .....	<b>32</b>
1.3 HOMENAGENS FEITAS A GERALDINHO.....	33
<b>CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA</b> .....	<b>39</b>
2.1 PESQUISA QUALITATIVA .....	39
2.2 ESCOLHA DO <i>CORPUS</i> .....	41
2.3 DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i> .....	43
<b>2.3.1 “Causo do Osso”</b> .....	<b>44</b>
<b>2.3.2 “Causo da Bicicreta”</b> .....	<b>44</b>
<b>2.3.3 “Causo do Peãozinho Novo”</b> .....	<b>45</b>
<b>2.3.4 “Causo do Rádio”</b> .....	<b>46</b>
2.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE .....	47
<b>CAPÍTULO 3 – LINGUAGEM E DISCURSIVIDADES</b> .....	<b>48</b>
3.1 ENUNCIADO E DIALOGISMO .....	48
3.2 GÊNEROS DO DISCURSO .....	53
3.3 O GÊNERO CAUSO.....	59
3.4 ENTONAÇÃO: O EMOTIVO-VOLITIVO.....	61
3.5 A RETOMADA DOS CAUSOS DE GERALDINHO EM CONTEXTO ANIMADO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA .....	63
3.6 ANÁLISES DOS CAUSOS .....	68
<b>3.6.1 Causo da Bicicreta</b> .....	<b>68</b>
<b>3.6.2 Causo do Osso</b> .....	<b>73</b>
<b>3.6.3 Causo do Rádio</b> .....	<b>79</b>
<b>3.6.4 Aspectos semelhantes nos causos analisados</b> .....	<b>82</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>93</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>95</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>99</b>

ANEXO 1 – NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO .....	99
ANEXO 2 – TRANSCRIÇÃO: CAUSO DO OSSO .....	100
ANEXO 3 – TRANSCRIÇÃO: CAUSO DA BICICLETA.....	101
ANEXO 4 – TRANSCRIÇÃO: CAUSO DO PEÃOZINHO NOVO .....	102
ANEXO 5 – TRANSCRIÇÃO: CAUSO DO RÁDIO .....	104

## INTRODUÇÃO

Desde a graduação sempre quis realizar uma pesquisa que abordasse o dialeto caipira, especificamente o da cultura popular goiana. Assim, ao fazer uma análise do “Causo do Marimbondo”, do prosador goiano Geraldo Policiano Nogueira – mais conhecido como Geraldinho –, em um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), interessei-me em prosseguir com a pesquisa tendo como *corpus* os causos desse prosador. Diferentemente de meu TCC, amparado pela sociolinguística, busco, aqui, fazer uma análise por um viés discursivo, a fim de mostrar como os valores sociais dos discursos aparecem nos enunciados dos causos. Assim, o elemento motivador para o início da pesquisa foi a necessidade de apresentar os aspectos valorativos observados nessas narrativas, de modo a dar voz a uma cultura que, durante muito tempo, foi estigmatizada. Com isso, buscamos valorizar os saberes e as manifestações do discurso que conferem sentidos aos textos coletados dessa cultura, representada, neste estudo, pela figura de Geraldinho.

O dialeto desse prosador era carregado de informalidade e variedades linguísticas típicas do interior de Goiás, situado no Centro-Oeste brasileiro. Esse narrador de causos fazia todos rirem de suas histórias e habilidades cênicas. Nascido na zona rural do município de Bela Vista de Goiás, Geraldinho não perdia uma oportunidade de contar suas histórias, alegrando as pessoas de sua comunidade linguística. Isso ocorria na roça, nos botecos, em festas, folias e, até mesmo, velórios. Sua aparição na mídia se deu por intermédio do apresentador de programa televisivo Hamilton Carneiro, em 1984, que o convidou para participar de um programa local, chamado de *Frutos da Terra*. A partir daquele momento, Geraldinho ganhou popularidade por mostrar, através da oralidade (contação de histórias), suas narrativas autênticas.

Entendemos que determinados aspectos discursivos denotam a linguagem, as ideologias e as valorações da cultura caipira, o que é relevante para o presente estudo. Isso porque, trabalhos anteriores sobre Geraldinho estão voltados para a sociolinguística, a literatura e a história. Buscamos, assim, compreender melhor a linguagem, a cultura e a identidade do sujeito-caipira, bem como a importância da narração como ponte de comunicação entre as diversas esferas sociais.

Por meio de levantamento no âmbito da literatura científica, identificamos dois trabalhos de pesquisa, em nível de mestrado, que tiveram como objeto de investigação os textos de Geraldinho. O primeiro tem como título *Práticas e representações da cultura popular sertaneja: um contador de causos, Geraldinho Nogueira*, e foi escrito por Carolina

do Carmo Castro (2010). Nesse estudo, a autora apresenta aspectos históricos e biográficos de Geraldinho e analisa as percepções do caipira sob a ótica de Saint-Hilaire (1944) e Euclides da Cunha (2003). Apresenta o caipira Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, para tratar da história da constituição dos núcleos urbanos em Goiás. Essa autora faz uma abordagem profunda sobre a modernização de Bela Vista de Goiás e tece uma crítica sobre a modernização tecnológica.

O segundo trabalho, intitulado *O humor em Geraldinho e a caracterização do gênero causo*, foi elaborado por Lucélia Aparecida da Silva (2009). Nessa dissertação, a autora busca caracterizar o gênero causo e identificar os elementos linguísticos que contribuem para a construção do humor. Para tanto, avaliou os mecanismos linguísticos que promovem o humor e adotou conceitos que provêm tanto da linguística textual quanto da sociolinguística, a partir das considerações de Abreu (2000), Koch (2003, 2005) e Lakoff e Johnson (2002). E ainda, o trabalho faz análises relativas aos aspectos gramaticais, lexicais, fonéticos e fonológicos, mostrando a variedade linguística de Geraldinho e do português rural do Brasil.

Com base na leitura dessas dissertações, entendemos que ainda há espaço para novas investigações sobre Geraldinho; em especial, voltadas para o discurso, o enunciado e os sentidos dos causos. Diante disso, buscamos abordar os enunciados para observar os discursos e os valores da cultura caipira. Assim, nosso objetivo é analisar dialogicamente os discursos, os valores e as ideologias que emergem dos causos desse prosador. E ainda, intentamos refletir sobre como a história e a ideologia são relevantes para a contação de histórias e como as práticas e os saberes do caipira aparecem no campo midiático.

Com o objetivo de embasarmos a pesquisa, levantamos os seguintes questionamentos:

- Quais discursos, valores e ideologias podem ser observados nos causos de Geraldinho?
- Como a história e a ideologia são mobilizadas na esfera comunicativa a partir de seus causos?
- Considerando os causos de Geraldinho, quais práticas e valores da cultura caipira goiana se destacaram no campo midiático?

Entendemos que a metodologia mais adequada para este estudo seja a pesquisa qualitativa (CRESWELL, 1998), uma vez que se trata de interpretação e reflexão em torno de narrativas. Dessa forma, os dados para a composição do *corpus* deste estudo foram extraídos dos causos pesquisados através da plataforma de compartilhamento e reprodução de vídeos *Youtube*, mais especificamente do canal *Frutos da Terra*. Assim, com base na perspectiva dialógica, por meio da qual empreendemos a pesquisa, a análise dos causos possibilita-nos

acessar o contexto imagético e histórico da produção do discurso da cultura em que Geraldinho viveu e representou.

Dessa forma, podemos encontrar nesse prosador alguns discursos, tais como: (1) o religioso, no qual ele nos mostra que a religião principal era de ordem Católica, dado que o narrador cita diversos santos; (2) o de namoro, considerado grande tabu entre as famílias, que pode ser observado no “Causo do Osso”, no qual Geraldinho relata o quanto estava difícil se aproximar da moça por quem ele estava interessado, pois o fazendeiro, pai dela, era um caipira muito bravo (FRUTOS DA TERRA, 2019). Buscamos, com isso, trazer algumas reflexões sobre os contextos social e histórico e as ideologias que esse sujeito enunciou através de sua interação discursiva nas relações comunicativas, uma vez que suas narrativas estão permeadas de valorações e discursos.

Como contador de causos, Geraldinho é um sujeito que representa a imagem do caipira de meados do século XX: apresenta-se de botinas e calças rotas, fuma um cigarrinho de palha e dirige-se a um interlocutor que tenha vivência da vida rural do Centro-Oeste. Sua linguagem é *sui generis*, com muita singeleza e entonação, o que promove um humor simplório. Esse seu jeito cativou os espectadores (adultos e crianças) e lhe rendeu um público fiel. Mesmo depois de sua morte, os seus vídeos são bastante consultados nas plataformas digitais. Além disso, mais recentemente, surgiram desenhos animados para dar continuidade a essa imagem de caipira gentil.

Nesse contexto, entendemos que a análise documental propicia o estudo dialógico da linguagem, sendo isso o que pretendemos realizar nesta pesquisa, visto que os documentos (vídeos-causos) são fontes essenciais para fundamentar o estudo do pesquisador. Assim, constituem a materialidade da unidade de análise dialógica. Por isso, foi por meio da análise das relações dialógicas e da interpretação dos enunciados que investigamos os discursos da cultura sertaneja, bem como seus possíveis sentidos. Para tanto, fizemos um levantamento do contexto de produção das narrativas e de dados bibliográficos e históricos, de modo a observar como os enunciados (BAKHTIN, 2016) dos causos evidenciam relações dialógicas. Intentamos desenvolver uma interpretação desses dizeres representativos dos discursos da cultura sertaneja e de seus sentidos. Importa salientarmos que, no processo de escolha dos textos, não perdemos de vista o recorte do processo midiático de comunicação.

Com base nisso, escolhemos os seguintes causos: “Causo da Bicicleta”, “Causo do Osso” e “Causo do Rádio”. Esses foram selecionados por apresentarem discursos diferentes. No “Causo da Bicicleta”, por exemplo, podemos notar muitos discursos, sendo que o principal deles refere-se a um caipira tentando lidar com o que era novidade em sua época:

andar de bicicleta. Isso mostra como o homem do campo vivenciou diversas transformações, visto que ou andava a pé ou a cavalo. No decorrer dessa narrativa, verificamos também os discursos machista e religioso, além de outros, que serão apresentados durante as análises. No “Causo do Osso”, o discurso predominante é o do relacionamento amoroso, um amor platônico. O prosador, na esperança de se aproximar da “namoradina”, nos mostra como eram os relacionamentos da época, tanto amorosos quanto familiares. No “Causo do Rádio”, percebemos o discurso sobre o dinheiro, dado que o fazendeiro, dono de um aparelho de rádio, utilizava sua tecnologia para conseguir dinheiro de quem quisesse conhecer aquele instrumento de comunicação. Por ser uma novidade tecnológica da época, as pessoas da comunidade pagavam-no para ouvir o rádio, haja vista que ele era o único na região a ter o aparelho.

Portanto, nossos objetivos é analisar os enunciados (causos) observando os discursos sobre o caipira. Analisar dialogicamente os discursos, valores e ideologias que envolvem Geraldinho como enunciador. Observar como os enunciados verbais e não verbais, aparecem antes de sua fama, durante a fama e pós a sua morte. Visto que buscamos compreender como o gênero causo contribui na divulgação da cultura popular. Importa salientarmos que o discurso humorístico se constitui na rede discursiva da voz de resistência da cultura caipira. Além disso, o gênero causo apresenta variedades linguísticas que provocam o riso, envolvendo locutor e interlocutores.

Com base nessas considerações, nossa intenção não é somente fazer transcrições dos causos, mas também destacar os aspectos discursivos, utilizando os aspectos teóricos de Dialogismo, Gênero, Ideologia e Discurso, de modo a mostrarmos as valorações observadas em cada narrativa. Assim, nesta pesquisa, baseamo-nos nos pressupostos teóricos do filósofo russo Mikhail Bakhtin (2003, 2016) e dos integrantes do Círculo: Valentin Volóchinov (2017) e Pável Nikoláievitch Medviédev (2012), bem como na filosofia da linguagem, de Beth Brait (2005), de modo a compreendermos o processo de construção dos enunciados, fundamentados na Análise Dialógica do Discurso.

### **Organização das partes da pesquisa**

Este estudo está dividido em três capítulos. No primeiro, fizemos um breve percurso histórico conceituando as práticas do caipira e sua relevância na história em geral. Buscamos, desse modo, verificar as mudanças da figura do caipira no decorrer dos anos. Também

abordamos um caminho para percorrer a vida de Geraldinho, elencando aspectos biográficos, como linguagem, originalidade e receptividade, além de aspectos físico e religioso e homenagens que foram feitas a esse prosador.

No segundo capítulo, tratamos da metodologia da pesquisa, mostrando o processo de seleção do *corpus* (escolha do contador de causos e dos causos a serem analisados), bem como os procedimentos de análises adotados.

No terceiro capítulo, abordamos os conceitos de enunciado e dialogismo, de forma a apresentarmos como Geraldinho refletiu e refratou ideologias dominantes. Contemplamos, ainda, aspectos importantes da identidade cultural caipira goiana e discorremos sobre a receptividade de Geraldinho como narrador, a fim de mostrar que a figura desse caipira não consistiu somente em um entretenimento popularesco, mas também como o maior representante dessa cultura em Goiás. Ele valeu-se de transformações tecnológicas para criar narrativas mostrando a integração do homem do campo à modernidade. Além disso, tratamos dos gêneros do discurso, especificamente do caso. E mais, falamos sobre a retomada dos causos de Geraldinho em contexto animado, fazendo uma análise comparativa entre o “Causo do Peãozinho Novo” e o vídeo-causo em animação, para mostrar os aspectos que permaneceram e os que foram modificados. Por fim, procedemos às análises dos três causos selecionados.

## CAPÍTULO 1 – PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DO CAIPIRA

Neste capítulo será apresentado um percurso breve sobre algumas características do caipira de uma forma em geral. Traçaremos, também, um caminho para percorrer a vida do nosso caipira, Geraldinho, elencando aspectos biográficos desse prosador, de modo a evidenciarmos sua linguagem, originalidade e receptividade, bem como seus aspectos físico e religioso, além de homenagens feitas a ele.

### 1.1 UM BREVE PERCURSO HISTÓRICO DO CAIPIRA NA HISTÓRIA

Para tentar exteriorizar as características do povo brasileiro, Pero Vaz de Caminha, em sua carta informativa, descreveu ao rei de Portugal os aspectos físicos mais marcantes dos povos que habitavam as terras descobertas: “[...] a feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma” (CUNHA; MEGALE; CAMBRAIA, 1999, p. 29).

Esse habitante, muitas vezes isolado, foi encarado como uma figura curiosa, de vida diferenciada do mundo urbano. Por isso, assim como o indígena era visto pelos portugueses como sujeitos exóticos, o morador das zonas rurais desperta o olhar de curiosidade. Com isso, temos os primeiros registros do caipira, que, no âmbito da literatura, surgiu apresentando as mais diversas características. Essa figura simbólica, residente da zona rural, foi retratada em diversas obras literárias. Assim:

[...] a partir dessa época presenciamos uma valoração maior do saber erudito. A própria igreja, a partir das romanizações e em consonância com as instituições dominantes, foi se tornando menos tolerante com as manifestações do catolicismo popular e as credices que em torno desse transitavam. As instituições oficiais passaram a exercer pressões mais drásticas contra os elementos culturais que pareciam perpetuar um estado de ignorância e de incultura. No que toca às instituições educacionais imprimiu-se de uma organização mais eficiente de difusão e a democratização decorrente do saber erudito. Este processo se fez acompanhar, às vezes, de tentativas deliberadas de degradação das manifestações do saber tradicional. (FERNANDES, 1979, p. 32)

Durante muitos anos, a cultura popular foi desvalorizada. Para a cultura refinada, conhecida como cultura erudita, os costumes e os saberes do povo estavam desaprovados. As classes mais abastadas compreendiam os próprios princípios e valores como exclusivamente

corretos. Além disso, somente as classes que se consideravam cultas tinham acesso à educação. Por isso mesmo, colocavam-se como superiores aos demais.

Mencionamos que isso não ocorre apenas na relação entre as comunidades. No universo acadêmico, por exemplo, Bakhtin teve sua tese, intitulada *Rabelais e a cultura popular*, reprovada, por abordar o tema cultura popular, como mostrado por Fiorin (2006, p. 13):

Devido à guerra, não consegue defender sua tese, o que só é feito em 1946. Esse trabalho gera grande polêmica e, depois de muitas idas e vindas, um Comitê encarregado de decidir sobre sua aprovação faz, em 1952, o julgamento final, negando-lhe o título de doutor. Esse trabalho, publicado em 1965, deu-lhe renome mundial.

Em sua obra *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, Bakhtin (2013) mostra que, na Antiguidade e na Idade Média, a cultura popular era muito valorizada enquanto modo de vida, constituindo-se como uma forma de ver, viver e sentir o mundo. Essa cultura era vivida e fazia parte do cotidiano das pessoas, não consistindo apenas em um tema sobre o qual se falava, mas também como parte da vida vivida, não se restringindo ao mundo teórico ou à encenação em uma dada esfera ideológica.

No Brasil, nos séculos XVIII e XIX, a elite do país buscava estabelecer relacionamento mais profundos com os europeus, não considerando o processo sócio-histórico que gerou a cultura popular. Assim, a secularização dos aspectos comportamentais, das vestimentas e das atitudes deu origem a conflitos entre o saber popular e o saber tradicional. Os caipiras viam-se cada vez mais discriminados em lugares e situações que requeriam deles novas atitudes, que se contrapunham às tradicionais (FERNANDES, 1979).

Acerca das relações sociais dos caipiras, observamos que eles, inicialmente, viviam o mundo rural de modo quase isolado do ambiente urbano. Como explica Gouvêa (2001, p. 42), “eram donos de suas vidas, unicamente, e só aos poucos foram construindo símbolos coletivos”. Essa característica própria do modo de vida caipira provocou uma dificuldade no processo de sociabilização desse povo, talvez por não conseguirem se comunicar com outras classes sociais ou mesmo por medo de não serem compreendidos. Diante disso, sua cultura foi reduzida à generalização e transformada em “campesinato – como camada intermediária da população rural, que esteve presente no país desde o período colonial, e que existe sob a dominação das classes dominantes da sociedade brasileira” (JORGE, 2020, p. 14).

Com passar do tempo, o caipira viu-se na necessidade de convivência social. Assim, começou a formar diversos grupos, como os moradores passageiros, os cultivadores das

terras, os empregados/serviçais, os moradores permanentes, os sitiante e os fazendeiros. Nos povoados, existiam o núcleo, a freguesia e o bairro. O núcleo consistia em um centro onde os caipiras buscavam contato com a civilização, o que, segundo Cândido (2010, p. 77), “supunha um núcleo de habitação compacta e uma igreja provida de sacerdote”. O bairro, por sua vez, “era uma porção de território subordinado a uma povoação, com grupos e casas mais afastadas do núcleo, umas das outras, em distâncias variáveis” (CÂNDIDO, 2010, p. 77). Portanto, essa era a

[...] estrutura fundamental da sociabilidade caipira, consistindo no agrupamento de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas. (CÂNDIDO, 2010, p. 76)

Os caipiras se uniam a outros, uma vez que se sentiam confortáveis em estabelecer relações sociais com outros grupos caipiras. Esse vínculo ocorria mais por questão de sobrevivência. Eles realizavam tarefas braçais sem serem remunerados. De acordo com Cândido (2010, p. 84), essas eram “tarefas de cooperação vicinal que podem ser consideradas modalidades de trabalho associado”. Observamos que eles não usufruíam direitos como os que existem atualmente (direitos de propriedade e moradia, direitos trabalhistas, carteira de trabalho, leis para defender o empregado e combater o trabalho escravo, dentre outros). À época, faziam trocas para terem alimentação, trabalhavam, plantavam e cultivavam a terra dos patrões em troca de moradia.

A literatura, a música e demais artes expuseram a realidade de um povo esquecido no campo. Os caipiras, conforme Queiroz (1973, p. 12), são

[...] responsáveis pelas plantações que cultivam; trabalham direta e pessoalmente a terra com o auxílio de sua família e, ocasionalmente, com um ou dois assalariados. Esta definição não exprime a relação do homem com a terra, podendo ele ser proprietário ou não, desde que seja o responsável pelo cultivo. Exprime, isso sim, trabalho do homem sobre a terra: trabalho independente, economia doméstica; estas duas características estão em geral acompanhadas de uma terceira – são plantações efetuadas com técnicas rudimentares. Outra característica dos sitiante é sua mobilidade espacial – características que conservam desde os tempos coloniais. Utilizando técnicas rudimentares, empregando queimadas, viam-se constrangidos a abandonar a terra ‘cansada’ e partir para mais longe, depois de certo tempo. A pobreza de seu gênero de vida lhes facilitava a partida; a casa de pau-a-pique e de sopapo era facilmente abandonada e reconstruída mais adiante, os pobres utensílios e objetos não eram difíceis de carregar: rusticidade e precariedade de vida sempre os distinguiram.

O modo de vida do caipira passou por constantes transformações, devido ao progresso econômico e industrial. Cândido (2010, p. 78) nos esclarece que, “nas regiões distantes dos centros urbanos, o sistema capitalista ocasionou o surgimento de novas formas de trabalho, como a parceria, a meação, o arrendamento, em menor grau, e o colonato”. Em razão da necessidade de trabalhar e não ter nenhum direito sobre as terras, surgiu uma forma de trabalho chamada parceria, que se desenvolveu em grande escala: uma pessoa fornecia uma terra ao trabalhador rural, ficando com parte dos produtos cultivados por ele. Além disso, foi desenvolvida a meação, ou seja, um tipo de parceria baseada na divisão dos lucros meio a meio, isto é, 50% para o proprietário e 50% para o trabalhador rural, na posição de agregado.

Cândido (2010) toca em outro importante aspecto dessa cultura, que é o relacionamento conjugal. Durante o namoro e a preparação do matrimônio, o rapaz e a moça tinham de ser acompanhados pelos pais da moça, e as visitas eram restritas a poucos dias na semana. O acompanhamento rigoroso ocorria até que o casamento se realizasse. Diante disso, a moça jamais poderia sair sozinha com seu companheiro, nem ter relações sexuais antes da união matrimonial. Podemos perceber que tradições, doutrinas e crenças são muito importantes para os caipiras. Existe, entre eles, um laço afetivo muito grande com a família, um apreço pelos valores considerados essenciais, bem como a devoção religiosa. Essa vigilância, muitas vezes, era driblada, quando uma jovem simplesmente fugia com um rapaz, constituindo família longe dos pais.

Com relação à religiosidade, o caipira preza pela tradição, pelas crenças e pelos costumes passados de geração para geração. De acordo com Francisco (2004, p. 26), na crença do caipira paulista, por exemplo,

[...] a ligação com o sagrado ajuda a enfrentar as intempéries, a precariedade da vida. Daí, surge a figura do curador, o benzedeiro, que, de certa forma, substitui os pajés, que desempenhavam funções essenciais na comunidade indígena, tais como o curandeirismo, a interpretação de sonhos e a proteção contra ameaças externas, entre elas as dos espíritos maus.

É frustrante para uma família o filho não seguir o caminho da fé que lhe fora ensinada. Observamos que “as crenças sintetizavam elementos indígenas e católicos, colocados sob a autoridade maior do Divino Espírito Santo” (FRANCISCO, 2004, p. 28). Sobre isso, Amaral (1976, p. 379) explica que:

São frequentes as manifestações da fé depositada por inúmeras pessoas em simpatias para curar toda a sorte de males, assim como do receio que têm essas pessoas de violar qualquer tabu estabelecido por velhas crendices. [...] Por exemplo: colocar picumã e teia de aranha sobre feridas para que estas cicatrizem depressa é ato comum entre os nossos caipiras, sendo estranho remédio aconselhado a todas as parturientes para que o apliquem no umbigo dos recém-nascidos.

A medicina caseira do caipira envolve a parte espiritual e elementos da natureza, como os remédios feitos pelos chamados “raizeiros”. Quando não surtem efeitos, a benzedeira é procurada. Segundo Cândido (2010), entre os caipiras de uma cultura mais tradicional, quando há alguma enfermidade, é comum estabelecerem relação com a religiosidade. Primeiramente, buscam a cura nas plantas medicinais; depois, recorrem a benzedeiras. Farmacêuticos e médicos são acionados, muitas vezes, em última instância. Podemos ver isso claramente no famoso “Causo da Bicicreta”, de Geraldinho. Na narrativa, visando obter a cura para a sua esposa, ele recorre, inicialmente, a remédios caseiros. Quando não percebe melhora, resolve levá-la ao médico (FRUTOS DA TERRA, 2017a). Notamos, dessa forma, que a confiança em remédios caseiros e na religiosidade forma uma das bases dessa cultura.

As mudanças no modo de vida do caipira provocaram transformações em sua cultura, suas tradições e práticas religiosas. Isso ressaltou um conservadorismo entre os mais antigos, que lutam para que crenças e valores tradicionais não se percam no tempo. Na zona rural e nas cidades interioranas, a confiança na religiosidade ainda se mostra forte, o que fica evidenciado pela cultura caipira tradicional.

Importa salientarmos que a modernidade trouxe transformações importantes. Com o passar dos anos, os caipiras se aproximaram do meio urbano. Em seguida, a cidade começou a se aproximar do vilarejo. Surgiram, ainda, fazendas abastadas, cujo trabalho deixou de ser cooperativo, passando a ser assalariado. Em muitos locais, o trabalho análogo ao escravizado ainda vigorava. Acerca dessas transformações, Cândido (2010, p. 91) pontua que:

Com o aumento da densidade demográfica, há, portanto, não só o aparecimento e desenvolvimento de bairros, mas um deslocamento dos seus limites e perda de suas funções. É uma estrutura lábil, capaz de flutuação e, por isso mesmo, ajustadas às necessidades do povoamento disperso da ocupação do território.

No tocante à relação entre urbanização e progresso, Ramos (1973) defende que não há povos inferiores ou superiores, o que existe são discursos e processos de civilização em estágios diferentes: uns mais avançados e outros em fase inicial. A condição social em que se

achava o caipira se devia a uma educação precária e um apego a práticas e crenças rurais. Nesse sentido, Alencar (2012) ressalta um estereótipo positivo do sertanejo goiano construída por Ramos. Essa característica da escrita de Ramos refletia o momento “por que passava a literatura brasileira naquele momento. No entanto, inova ao denunciar as causas econômicas e as relações sociais e políticas como responsáveis pela situação de atraso que o estado ainda vivia” (ALENCAR, 2012, p. 102-103).

Assim, vemos que muitas ideias preconcebidas sobre o homem simples do meio rural reforçam um discurso de desprestígio. Dessa forma, esse habitante que vive uma vida ligada à natureza, sem acesso aos meios de comunicação, com poucos recursos financeiros, mergulhado em um conhecimento profundo da vida campestre e ignorando os valores urbanos, é observado com superioridade. O pesquisador Ramos (1973) não culpa os habitantes do interior pelo “atraso” em que vivem, mas atribui a causa ao descaso e ao abandono por parte de governantes e autoridades. Sobre a indolência atribuída por Lobato ao caipira, o referido pesquisador justifica que os diversos fatores resultam em condições desfavoráveis. Destarte, Gomes (2009, p. 76) argumenta que “diante de um quadro tão desfavorável, como exigir do nativo que lavoura a terra, que ele o faça para além da sobrevivência?”. Observamos que o caipira mantém uma relação muito forte com a natureza. É por meio da terra que ele busca a sobrevivência, e é por meio das crenças que se protege dos infortúnios.

Lobato retrata o caipira como um destruidor da terra, com práticas que a empobreciam, como queimadas, desmatamento, montando, desse modo, um cenário em que a terra era a vítima das ações desse sujeito. Conforme Francisco (2004, p. 11), “o termo ‘caipira’ tem, portanto, conotações negativas e outras que, no mínimo, despertam certa cumplicidade e simpatia”. Essa é a marca discursiva que observamos no meio urbano. No entanto, nos últimos anos, essa comunidade tem tido acesso a conhecimentos através das tecnologias de comunicação, como televisores, smartphones e computadores conectados à Internet. Toda essa relação promoveu uma mudança ímpar entre esses habitantes, que passaram a conhecer as modernidades e os recursos técnicos de produção. Isso permitiu um gradativo desaparecimento daquele caipira simplório, que, no século XXI, é visto como um sujeito raro.

Abordamos, a seguir, aspectos importantes da cultura caipira goiana através da figura de Geraldinho. Dentre tantas características possíveis a serem destacadas, optamos por algumas que julgamos mais marcantes, como a linguagem, a originalidade, a receptividade e os aspectos físico e religioso.

## 1.2 BIOGRAFIA DE UM CAIPIRA

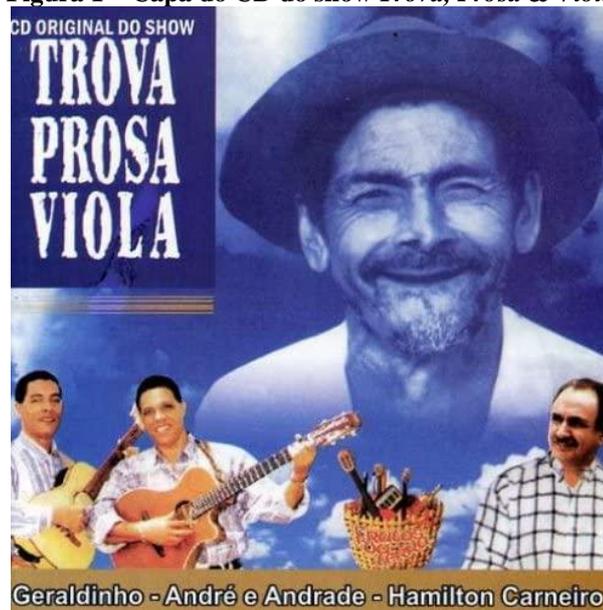
Geraldo Policiano Nogueira, cujo nome artístico é Geraldinho, era filho de Benedito Policiano Nogueira e Bárbara Baptista de Carvalho, e neto de Pedro Miguel e Maria Moreira (avós paternos) e Alexandre Baptista e Joaquina Baptista (avós maternos). Foi um caipira goiano contador de causos, apresentando uma variedade linguística típica do mundo rural. Sua linguagem era carregada de informalidade e expressões interioranas. Ele revelou um talento singular e fez com que seus interlocutores (ouvintes) entrassem no campo humorístico com suas histórias (causos) e habilidades cênicas para a narração. Geraldinho nasceu na Fazenda Aborrecido, no município de Bela Vista de Goiás, no dia 18 de dezembro de 1918. Sua identidade tem como marca a seguinte frase: “Minha caneta é a enxada na saroba” (WANDER, 2006). Seus causos chamaram a atenção do público, tanto por sua risada caricata e autêntica quanto por sua peculiar linguagem.

Esse caipira goiano foi apresentado ao público por Hamilton Carneiro, em 1984. Esse apresentador do programa televisivo *Frutos da Terra* estava a visitar a região e ouviu falar de um contador de causos. Logo, ele o convidou para participar de seu programa. A partir de então, Geraldinho ganhou popularidade ao mostrar, através da oralidade (contação de histórias), suas narrativas engraçadas. Ele demarcou sua autoria em rede nacional, o que fez com que sua assinatura fosse registrada na história.

Esse sujeito matuto, de pito na mão, chapéu rasgado, “goiano do pé rachado”, amansou os ouvidos de muitas pessoas com sua oralidade rústica. Era um homem simples, de pele morena castigada pelo sol, corpo magro e de baixa estatura (1,60 m). Foi casado com dona Joana Bonifácio Nogueira, conhecida como Nigrinha. Juntos, tiveram 7 filhos, 25 netos e 7 bisnetos. No dia 5 de dezembro do ano de 1993, faleceu no Hospital de Urgências de Goiânia, pouco antes de completar 80 anos de idade, sendo vítima de uma trombose intestinal.

Em 2001, o programa *Trova, Prosa & Viola*, através do selo Anhanguera Discos e com auxílio da Lei de Fomento à Cultura da Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, lançou um CD contendo 12 faixas com os causos de Geraldinho, como mostra a Figura 1:

**Figura 1 – Capa do CD do show *Trova, Prosa & Viola***



Fonte: Adaptada pela autora (2022).

Na figura, a cor azul faz referência à morte do artista. Ele aparece feliz entre as nuvens. Podemos interpretar que os criadores da capa do CD quiseram mostrar aos interlocutores que Geraldinho está no céu, dando suas gargalhadas. A capa também apresenta os cantores goianos André e Andrade e o apresentador Hamilton Carneiro, que se tornou um grande amigo do prosador<sup>2</sup>.

Sobre Geraldinho, Silva (2011, p. 28) afirma que:

Primeiramente, acreditamos ser um equívoco apontar Geraldinho como uma espécie de bom-selvagem ao estilo de Rousseau. O homem rústico e puro, não corrompido pela sociedade de consumo, avesso aos avanços técnicos da modernidade. Observações mais apuradas de seu modo de vida, exposto nos causos, mostram justamente o contrário. Se Geraldinho ficou surpreendido quando escutou rádio pela primeira vez ou precisou, literalmente, domar uma bicicleta para aprender a andar, logo passou a escutar rádio e andar de bicicleta regularmente. Adotou os avanços tecnológicos em seu cotidiano. Como todos nós fazemos. Afinal, quem nunca apanhou de um telefone celular ou de um caixa eletrônico?

Notamos que “o sucesso televisivo gerou frutos em outras mídias. Após diversas participações em programas de rádio, Geraldinho protagonizou o espetáculo *Trova, Prosa &*

<sup>2</sup> Todos os causos de Geraldinho podem ser encontrados na plataforma *Youtube*, no canal *Frutos da Terra*. Ao todo, o artista possui 20 causos de autoria própria. Além disso, há 3 CDs originais do show *Trova, Prosa & Viola*, que podem ser encontrados no site da Amazon. Ver: <https://www.amazon.com.br/GERALDINHO-TROVA-PROSA-VIOLA/dp/B000WMFSIU>

*Viola*, atuando ao lado de Hamilton Carneiro e da dupla de cantadores André & Andrade” (SILVA, 2011, p. 25).

Apesar de o senso comum estereotipar o caipira como “matuto, arrogante”, pessoa que não sabe falar, João Cabral de Melo Neto, em sua poesia “O sertanejo falando”, contrapõe-se a essa ideia da seguinte forma:

Daí porque o sertanejo fala pouco: as palavras de pedra ulceram a boca e no idioma pedra se fala doloroso; o natural desse idioma fala à força. Daí também porque ele fala devagar: tem de pegar as palavras com cuidado, confeitá-las na língua, rebuçá-las; pois toma tempo todo esse trabalho. (MELO NETO, 1996, p. 16)

Geraldinho provou o contrário: sendo ele um poeta protagonista de sua própria história, além de criar e contar seus causos, não perdia a oportunidade quando via em sua frente um violão, pois também tocava e cantava. Depreendemos que, antes da fama, ele era um caipira simples, que trazia sempre no bolso da calça um pacote de palha de milho, o fumo de rolo, um canivete e um isqueiro, para fumar seu famoso cigarrinho de palha. Esse caipira continuou com a mesma personalidade após a fama, o que pode ser notado através de sua linguagem, sua simplicidade e de seu físico, que, em momento algum, foram modificados.

### **1.2.1 Linguagem**

Em muitos causos, Geraldinho utilizava algumas palavras procedentes do português erudito do século XVII, como “bulir”, que significa tocar; “barrer”, que significa varrer, “aluir”, cujo significado é sair do lugar, dentre outras. Notamos, também, algumas expressões, como “Uai, minino”, utilizada no início de quase todos os causos do prosador.

Conta-se que Geraldinho não perdia uma oportunidade de contar suas histórias, alegrando as pessoas de sua comunidade linguística. Isso ocorria na roça, nas festas, no boteco, nas folias e, até mesmo, em velórios. Além das características próprias da linguagem regional e oral, as suas histórias possuem variações estilísticas, de modo a se tornarem originais e a criarem efeito cômico. Como bom contador de causos, valia-se de algumas expressões bastante criativas, tais como: “subaquim da perna” (atrás do joelho), “recursim de minguar a toada” (freio), “esgotamento do mês” (menstruação), “molas do jueio” e “ferramenta de mijá”.

Com uma linguagem típica de caipira, Geraldinho, por onde andava, conservava um estilo singular no modo de contar causos. Não demorou muito para que fosse levado aos palcos de teatros, a rádios e à TV, com o espetáculo *Trova, Prosa & Viola*, em parceria com Hamilton Carneiro e a dupla sertaneja André e Andrade. Esse projeto foi criado por Hamilton Carneiro e ganhou registros em vinil a partir de 1994, pouco depois da morte do prosador. O sucesso desse caipira goiano aconteceu de forma rápida. A partir do momento em que saiu da Fazenda Nuelo, em Bela Vista de Goiás, onde passou a maior parte de sua vida, ficou reconhecido nacionalmente, principalmente pela sua participação no programa Som Brasil, da Rede Globo, apresentado à época por Lima Duarte.

São muitos os causos que Geraldinho criou. Esse caipira elaborou um repertório de neologismos ímpares, ao estilo de linguagem das personagens de Guimarães Rosa, em “O grande sertão: Veredas”. No decorrer de oito anos após ser descoberto pela mídia, Geraldinho passou a fazer parte do espetáculo *Trova, Prosa & Viola*. Esse prosador despertou o interesse de pesquisadores de várias universidades brasileiras, devido ao fenômeno semântico de uma linguagem caipira produzida por ele.

Hamilton Carneiro, ao trazê-lo para a mídia, fez adaptações na linguagem, como: “rachadô da arueira”, “capinadô de roça” e “derrubadô de mata”. Assim, os causos de Geraldinho sofreram interferência da modernidade, mostrando novamente o processo civilizatório que o caipira sofre, desde a aparência física até a linguagem. Um exemplo típico pode ser visto na adequação do vocabulário, em um comercial de fim de ano da extinta Caixa Econômica do Estado de Goiás (Caixego), onde a linguagem de Geraldinho foi parcialmente modificada. Silva (2011, p. 24) elucida que:

É possível encontrar no Youtube pelo menos mais três peças publicitárias estreladas por Geraldinho. Todas para Caixego. Todas produzidas pela Stylus Multimídia. Tornou-se o garoto propaganda do banco, com contrato de exclusividade. A segunda peça mostra Geraldinho, bem mais à vontade frente à câmera, como um candeeiro que guia uma junta de bois de carro chamada Brasil. Na terceira peça, Geraldinho comenta sobre a importância da nova constituição brasileira (Carta de 1988) ter leis justas, que promova a igualdade. No quarto comercial, exibido entre 1988 e 1989, ele fala acerca da divisão das terras de Goiás e a subsequente criação do estado do Tocantins.

Geraldinho ficou reconhecido como um autêntico contador de causos. Sua contribuição cultural está na lembrança do povo goiano. A expressão “Uai, minino” era usada no início de quase todos os seus causos. O termo “uai” é uma interjeição típica do linguajar empregado por boa parte das pessoas tanto em Goiás quanto em Minas Gerais. Geralmente,

expressa espanto ou surpresa. É importante esclarecermos que o povo goiano tem ascendentes mineiros. Por essa razão, algumas palavras são bastante comuns entre os dois estados.

No *Youtube*, são encontrados diversos vídeos do prosador, inclusive os comerciais que ele gravou para a televisão. O texto elaborado pela Stylus Multimídia, agência publicitária do apresentador Hamilton Carneiro, ficou conhecido por ter Geraldinho como o protagonista. A seguir, é transcrita a fala do caipira como consta em um dos comerciais:

Uai, sô, tomara que esse ano que em vein rompenu aí na cabecera chega mais manso aqui pra nós. Ele não pode trazê muita trovoadá prá mode não desbarranca esse mundaréu de nuvi, e nem o sol muito regaladu prá mode não esturrica os viventes da nossa banda. Tomara que esse ano esses homi graúdo tammém inmenda e larga estripulia de guerra, uai. Uns mais farturento também é bão, né (risos). Prá gente não fica esbarranu na precisão. E no mais é como Deus tá servido. Pro que só Ele é que pode dá vorta na brabeza do mundo.

Vemos que essa linda mensagem que Geraldinho enuncia pode ser usada em qualquer virada de ano novo, pois ele não diz em específico de qual ano está falando, por mais que a mensagem foi lançada em 1987, o vídeo ainda circula na esfera atual. Nessa mensagem Geraldinho pede pra os “homi graúdo” não cometerem mais guerras, ou seja, se refere aos soldados. Também pede fartura, isto é, alimento para todos, para não passarem necessidade. Com certeza essa mensagem gerou muitos efeitos positivos na época em que foi lançada, até mesmo nos dias atuais se pode ter acesso<sup>3</sup> a esse vídeo do prosador.

### 1.2.2 Originalidade

As narrativas de Geraldinho são autênticas. Ele não buscou inspiração ou referência em outros caipiras, como em Mazzaropi<sup>4</sup>. O prosador goiano construiu sua própria identidade, não precisando imitar nenhum outro artista do gênero. Ele mesmo criou sua própria

<sup>3</sup> Vídeo da mensagem de ano novo. Propaganda realizada pela Saneago, em 1987. Ver: [https://www.google.com/search?q=mensagem+de+geraldinho+ano+novo&sxsrf=AJOqlzXVS9tEqG89gFSXUAJu3113XmbWQ:1674779852299&source=lnms&tbm=vid&sa=X&ved=2ahUKEwjTj7GRweb8AhWVvJUCHe1ND04Q\\_AUoA3oECAEQBQ&biw=1366&bih=657&dpr=1#fpstate=ive&vld=cid:3bc82c1c,vid:T9foKDzyUSU](https://www.google.com/search?q=mensagem+de+geraldinho+ano+novo&sxsrf=AJOqlzXVS9tEqG89gFSXUAJu3113XmbWQ:1674779852299&source=lnms&tbm=vid&sa=X&ved=2ahUKEwjTj7GRweb8AhWVvJUCHe1ND04Q_AUoA3oECAEQBQ&biw=1366&bih=657&dpr=1#fpstate=ive&vld=cid:3bc82c1c,vid:T9foKDzyUSU)

<sup>4</sup> “Amácio Mazzaropi (1912- 1981) foi um ator que ficou muito conhecido por atuar no campo humorístico, nasceu no bairro de Santa Cecília, em São Paulo. Aos 14 anos, deixou a casa paterna para acompanhar o Circo La Paz. O humorista fez 32 longas-metragens, contando histórias que abordavam o racismo, a religião, a política e até a ecologia, com simplicidade e bom humor, falando ‘a língua do povo’, para o povo que o adorava. Mesmo sendo considerado superficial pela crítica e pela elite intelectual, deixou uma marca indelével na cultura nacional. Seus filmes ainda atraem o público no interior do país e são encontráveis em vídeo e DVD” (EDUCAÇÃO UOL, 2005, n. p.).

personagem de maneira singular: uma espontaneidade sem igual, com um sorriso sempre no rosto, encantando aqueles que o viam e o ouviam. Segundo Lemes (2013, p. 28), ele era “o homem da fala mansa, memória prodigiosa, raciocínio rápido no encadeamento de suas estórias”. Suas palavras eram “sutilmente ricas de um vocabulário, que, às vezes, parecia difícil de entender, se fossem as palavras apanhadas isoladamente. Nas suas narrativas, todavia, o sentido e a exata compreensão de cada palavra eram facilmente assimilados” (LEMES, 2013, p. 28).

De acordo com Lemes (2013), o pai de Geraldinho, Benedito Policiano Nogueira, era um homem simples, mas que possuía uma personalidade muito forte. Ele apaixonou-se por Bárbara Baptista, mãe do prosador, moraram em Caiapônia e ali constituíram família. O espírito artístico de Geraldinho alcançou seu filho, João Nogueira. Este fez muitos shows contando divertidos causos em teatros em cidades do interior de Goiás e também no famoso Show apresentando por Hamilton Carneiro, *Trova, Prosa & Viola*.

Todos os sábados pela manhã Geraldinho ia ao bar de Pedro Santiago, que ficava em frente à Cooperativa Agropecuária, na cidade de Bela Vista de Goiás, sentava-se em um canto e ali começava a contar seus causos. Logo, estava rodeado por amigos e conhecidos. O prosador ficava horas relatando suas aventuras, dando a entender que seu prazer de vida era tirar o sorriso do rosto das pessoas. À medida que contava suas histórias, ele também ria, e não enjoava de contar o mesmo caso quantas vezes fosse preciso.

Geraldinho era apaixonado pela *Folia de Reis*, uma festa tradicional da cultura brasileira, especificamente das culturas mineira e goiana. Essa festa possui caráter religioso. Tem início no dia 24 de dezembro e ocorre até o dia 6 de janeiro. O Dia de Reis é festejado com base na história bíblica dos três reis magos: Baltazar, Gaspar e Belchior, que seguiram para a cidade de Belém para visitarem o menino Jesus e o presenteá-lo com mirra, incenso e ouro, em reverência e comemoração à chegada do filho de Deus. Os três reis passaram a ser reverenciados como santos pela Igreja Católica a partir do século VIII.

Na *Folia de Reis*, grupos de pessoas caminham a pé usando roupas coloridas e levando instrumentos musicais, como violas, tambores, sanfonas e violão. Eles fazem visitas às casas de suas comunidades, tocando músicas e dançando em celebração ao nascimento de Jesus. Em troca, os moradores que recebem os foliões oferecem comida, bebida e hospedagem. Durante a

noite são feitas cantorias, seguidas de festejo, foguetes e danças, como a famosa catira<sup>5</sup>, a qual Geraldinho adorava dançar, com mostra a Figura 2:

**Figura 2 – Geraldinho na fileira à esquerda (terceiro) participando da dança Catira**



Fonte: Castro (2010).

Geraldinho era um folião entusiasmado e muito dedicado. Catireiro de primeira. Não perdia uma folia. Era convidado para participar de todas elas. Ia e tocava viola e cantava muito bem. Fazia, por assim dizer, a terceira voz, a mais fina no final dos versos. Quando havia folia, lá ia Geraldinho participar. Só voltava para casa, quando a folia acabava. Cansado, porém feliz e certamente ansioso pelo próximo evento profano-religioso. (LEMES, 2013, p. 32)

### 1.2.3 Receptividade de Geraldinho, o narrador

Observamos que a narrativa atua como mecanismo essencial na comunicação das mais diversas comunidades linguísticas, envolvendo os interlocutores. A contação de histórias promove curiosidades e o acesso a culturas, crenças, valorações e saberes das camadas populares. A arte de narrar uma história está em saber utilizar os recursos que a linguagem oral proporciona, como o tom de voz, o gesto, as pausas, as rupturas, a entonação, dentre outros. Um bom narrador tem o domínio da narrativa, da arte, do improvisado, de transmitir a

---

<sup>5</sup> “Catira é uma dança de origem indígena adotada por mineiros e goianos; nela os dançarinos batem os pés no chão de forma sincronizada e ritmada, também batem palmas cantando, acompanhados por violeiros, geralmente em cima de um tablado, para melhor efeito acústico” (LEMES, 2013, p. 32).

experiência através da palavra, de levar os interlocutores a uma viagem dentro de cada história contada.

Aos poucos, a história nos foi sendo revelada através de experiências narradas por outros sujeitos. Essas experiências são adquiridas ao longo da vida, a partir das interações sociais. Nessa perspectiva, uma comunidade estabelece relação de afetividade com um narrador proporcionando a ele elementos importantes, que o ajudarão a compor suas narrativas. Ao se encontrar dentro do mesmo universo sociocultural de seus interlocutores, ocorre a troca de experiências, o que permite ao narrador tecer o seu enredo. O que difere esse sujeito de sua comunidade linguística é a habilidade que ele tem de contar uma história. Assim, narrador e ouvintes estão inseridos no mesmo contexto sócio-histórico-ideológico e “cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discursos na comunicação socioideológica” (BAKHTIN, 2016, p. 34).

Observamos que Geralzinho foi um contador de causos que representou com fidelidade a cultura goiana. Em um contexto que se voltava para narrativas técnicas, esse prosador permaneceu com sua narrativa rústica, cativando as pessoas. Ele vivenciou inúmeras transformações em sua sociedade e, mesmo assim, não partiu do contexto narrador artesanal para narrativas profissionais, de modo que toda cativação residia no processo rudimentar que compunha suas histórias. Ele não se isolou da modernização que se instaurava. Pelo contrário, utilizou estratégias para criar causos com base em temas atuais.

No processo de construção de um texto falado, existem aspectos que compõem o planejamento da comunicação oral, como a hesitação, que, segundo Koch (2003, p. 91), é constituída por meio de:

[...] pausas, preenchidas ou não, alongamentos de vogais, consoantes ou sílabas iniciais ou finais, repetição de palavras de pequeno porte, truncamentos oracionais etc. -, tem a função cognitiva de ganhar maior tempo de planejamento/verbalização do texto, podendo-se afirmar que são menos controladas, porque são condicionadas por pressões situacionais das mais diversas ordens a que estão sujeitos os interlocutores.

Outra estratégia do texto falado é a repetição, que, no texto escrito, é vista de forma negativa e redundante, evidenciando desorganização. Conforme Koch (2003), compõem a repetição: recurso teórico, mecanismo coesivo e efeitos semânticos. A repetição, enquanto recurso retórico, visa enfatizar o que foi enunciado anteriormente, retomando ideias e argumentos básicos, de modo a persuadir o interlocutor. Os efeitos semânticos mais utilizados são: continuação, ênfase, intensidade, iteração, frequência, progressão e habitualidade.

Podemos observar muitas dessas estratégias nas falas de Geraldinho. Mesmo sem ter feito curso de aperfeiçoamento narrativo, suas histórias são compostas por aspectos de repetição, pausa, alongamento de algumas vogais, ênfase no momento do clímax, risada (expressando que aquele era o momento do efeito do riso), dentre outros recursos.

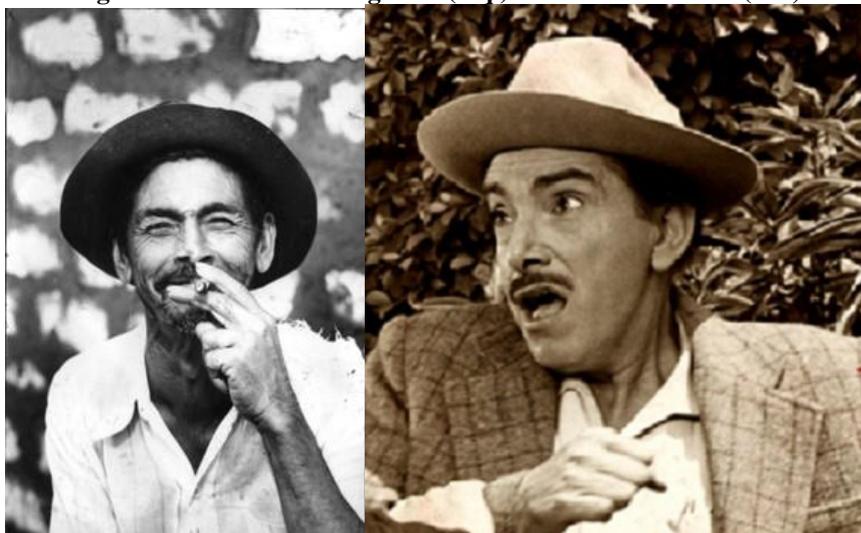
Além disso, contemplamos o enraizamento social de Geraldinho, que, em momento algum, não se abstraiu de sua identidade, haja vista que teceu as narrativas dentro de seu universo sociocultural, mostrando a importância da oralidade como mecanismo de interação e comunicação dos saberes da cultura popular. Por isso, é considerado o maior representante da cultura sertaneja goiana.

#### 1.2.4 Aspectos físico e religioso

Geraldinho trazia consigo a característica típica do caipira trabalhador do campo: magro, pele morena maltratada pelo sol árduo; sempre usava camisa social de manga longa, geralmente de uma cor só ou xadrez, além de calça social, chapéu e bota; suas sobrancelhas eram grossas e ele tinha pouco barba e bigode; possuía dedos sujos e mãos calejadas. O aspecto físico de Geraldinho não era o do caboclo da literatura, sertanejo forte e guerreiro.

Podemos interligar, pelo dialogismo bakhtiniano, a imagem de Geraldinho à de outra figura caipira, Pedro Malasartes, que também era magro e usava roupa social e chapéu, como mostra a Figura 3. Quem representou essa personagem no cinema brasileiro foi o ator Mazzaropi:

**Figura 3 – Geraldinho Nogueira (esq.) e Pedro Malasartes (dir.)**



Fonte: Memória EBC (2013).

Segundo Câmara Cascudo, Pedro Malasartes foi “uma figura tradicional nos contos populares da Península Ibérica, como exemplo de burlão invencível, astucioso, cínico, inesgotável de expedientes e enganos, sem escrúpulos e sem remorsos” (LEMOS; MORAES, 2000, p. 24). Geraldinho e Malasartes era muito diferentes. O prosador goiano sempre dava risada de tudo, e no desfecho de suas histórias, mesmo o personagem tendo um final trágico, isso gerava humor. Malasartes, por sua vez, era um personagem caipira mentiroso e astuto, que tentava enganar a todos para se dar bem. Apesar disso, no aspecto físico, os dois eram bem parecidos. Podemos afirmar que essa intertextualidade imagética revela um dialogismo típico do Círculo de Bakhtin.

Com relação à religiosidade, não se tem registro de que Geraldinho era um frequentador de igrejas, mas podemos imaginar que ele era um católico não praticante. Além disso, em vários de seus causos, ele faz humor com os santos. Um exemplo é no “Causo da Bicicreta”, em que Geraldinho diz: “Eu ouvi dizer que Santo acode agente, né? Agora, só aborrecendo ele pra ele me ouvir” (FRUTOS DA TERRA, 2017a, n. p.). Certamente, durante a sua infância, seus pais o levaram à missa algumas vezes, o que era bastante comum em sua comunidade, pois o catolicismo era a religião predominante. Porém, apesar das inúmeras piadas com os Santos, nosso narrador nunca se mostrou um devoto aficionado.

### 1.3 HOMENAGENS FEITAS A GERALDINHO

Geraldinho recebeu inúmeras homenagens, por ser um sujeito carismático e receptivo. Dentre essas homenagens, a Secretaria de Educação e Cultura da cidade de Bela Vista de Goiás, Junto à população da cidade e à família do caipira, construiu um acervo com vários objetos afetivos que o prosador utilizou durante a vida. Intentou-se criar um museu para manter as raízes, a história e a cultura vivenciada por ele. Conforme aparece na figura 4 a seguir, foram reunidos diversos objetos como rádio, violão, relógio de bolso, ferro à brasa, peças de montaria, vestimentas, dentre outros objetos. Este acervo de Geraldinho encontra-se na Biblioteca Municipal de Bela Vista de Goiás.

**Figura 4 – Acervo dos objetos pessoais de Geraldinho – Biblioteca Municipal de Bela Vista de Goiás**



Fonte: Castro (2010).

Desde muito jovem, Geraldinho trabalhava em atividades rurais. Exerceu as funções de pedreiro, carpinteiro, lavrador, cultivador, plantador, além de realizar inúmeros outros serviços braçais. Provavelmente, pelo fato de ter que trabalhar muito jovem, ele não pôde estudar. As dificuldades financeiras fizeram com que trabalhasse para ajudar no sustento de sua família, o que era comum entre os habitantes da zona rural: ou estudavam e passavam necessidades ou trabalhavam para ajudar no sustento familiar. Assim, essas circunstâncias o impossibilitaram de frequentar a escola, o que prejudicou seu processo de aprendizado formal.

A despeito disso, Geraldinho conseguiu conferir às personagens de suas narrativas características de anti-herói, uma vez que nunca se saíam bem nas aventuras (amorosa, religiosa, etc.). Portanto, suas personagens desmistificaram o conceito de herói esperto, mas construía um perfil caipira com finalidade cômica.

Walter Carlos Lemes, morador de Bela Vista de Goiás, homenageou o contador de histórias com a obra *Janelas do Tempo: Geraldinho Nogueira e outros escritos*. Ele conviveu com Geraldinho e aponta algumas das características desse caipira:

Realmente, o célebre sertanejo filho de Bela Vista de Goiás era, por assim dizer, na exata conceituação euclidiana, o caipira na sua mais pura expressão. Sua postura, quando montado a cavalo, ou pedalando a sua famosa bicicleta, ou mesmo quando parado, ligeiramente arcado para frente,

era única. Seu gesto bastante peculiar, ao erguer o chapéu de feltro já bastante surrado, visto que usado diuturnamente, para levemente coçar a cabeça, quando se punha a conversar com aqueles que o cercavam, era previsível. Tudo isso era, por assim dizer, o biotipo geraldiano. (LEMES, 2013, p. 36)

A partir do momento em que Geraldinho adquiriu fama e tornou-se popular, a sua companhia era muito requisitada. Ele tinha muitas amizades na cidade de Bela Vista de Goiás, com médicos, advogados e comerciantes, com o juiz, o delegado, o padre, dentre outros. Todos queriam a atenção do prosador. Sempre que o viam, pediam para que contasse seus causos. Sua fama tomou grande proporção. Quando vinha se apresentar em Goiânia, os ingressos se esgotavam (LEMES, 2013, p. 36).

Geraldinho era um caipira sem anseios em relação aos valores considerados civilizatórios. Escolheu continuar em seu mundo. A partir do século XX, o sujeito-caipira foi atraído pelo novo, pelas tecnologias. Contudo, Geraldinho, sem nenhuma vaidade e ambição, optou pelos objetos e costumes tradicionais. Como exemplo, podemos citar o seu cigarro de palha, que ele “colocava entre seus dedos polegar e médio, com o dedo anular, prendendo-o pelo verso, de sua mão esquerda, e com os dedos, polegar e indicador, segurava um pedaço de fumo de rolo” (LEMES, 2013, p. 33).

No ano de 1996, no primeiro centenário da cidade de Bela Vista de Goiás, a prefeitura municipal e o Rotary Club fizeram uma homenagem ao contador de causos, inaugurando uma estátua do artista na Avenida Pedro Ludovico com a Rua Domingos Arantes (Figura 5). Em 2001, a Academia de Letras, Ciências e Artes do município o nomeou como patrono da Cadeira Número 19, cuja escolha foi realizada pela professora Nancy Ribeiro de Araújo<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Possui graduação em Direito pela Universidade Federal de Goiás (1959), graduação em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (1958) e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (1973). Atualmente, é professora titular aposentada da Universidade Federal de Goiás e componente do Núcleo de Pesquisa da Faculdade Lions. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Pesquisa, trabalhando principalmente os seguintes temas: história, processos de produção do conhecimento, biografia, genealogia.

**Figura 5 – Homenagem ao caipira Geraldo Policiano Nogueira**



Fonte: Fotografia de Thiago Mendes (2001).

No dia 8 de dezembro do ano de 2020, os artistas visuais Douglas e Renan, que possuem mais de 60 mil seguidores no Instagram, cujo *blog* tem como título *Bicicleta sem Freio*, grafitaram Geraldinho na parede de um prédio em Goiânia. A arte tem cerca de 20 metros de altura e 10 metros de largura (Figura 6). Eles gastaram mais de 300 litros de tinta para a produção da obra, que fica localizada na Rua 3, próximo à Rua do Lazer, no Setor Central.

**Figura 6 – Grafite da dupla Bicicleta sem Freio**



Fonte: Fotografia de Marcos Aleotti (2020).

O professor da Universidade Estadual de Goiás, Ademir Luiz da Silva, produziu um ensaio para o *Jornal do Cerrado*, da cidade de Goiás, como o título *Geraldinho Nogueira, o domador de bicicletas*. Nesse texto, ele caracteriza o prosador como “o maior ícone cultural goiano”.

Geraldinho não tinha técnica, nem precisava. Porém, sem dúvida, era consciente de sua veia cômica, carisma e capacidade de hipnotizar as pessoas [...] ensaiava, como qualquer ator que se preza, o diretor Hamilton, sua escada cênica, habitualmente adaptava seus causos para uma linguagem teatral. Até mesmo as pausas para os aplausos em cena aberta eram marcadas. Essa espontaneidade ensaiada não tornava Geraldinho menos autêntico e puro. Na verdade, tal junção entre autenticidade sociocultural e talento cênico representa sua maior contribuição artística. (SILVA, 2011, p. 24)

Como narrador de causos, passou do meio rural para o urbano, em Bela Vista de Goiás, e lapidou suas histórias, enquanto ator, para esse novo público. Desse modo, foram retiradas as expressões escatológicas e as partes menos chamativas, para que atraísse o público-alvo. A partir das práticas e representações da cultura sertaneja, Geraldinho tornou-se

personagem de interesse, resgatando uma tradição que está voltando à tona, talvez num gesto de saudosismo de uma figura que vai desaparecendo dos meios rurais. A riqueza e a sabedoria desse prosador residem na priorização da identidade e da autenticidade, visto que ele carregava consigo conhecimentos dos costumes da vida rural, do plantio na terra, do comportamento do caipira, do trato com os animais, da piada envolvendo santos. Tudo isso estava além do entretenimento. Ele trouxe práticas, valores e ideologias que marcaram uma cultura que saiu do solo social rural e atravessou o solo social urbano.

Diante disso, podemos afirmar que Geraldinho representou a voz social humorística (artista, narrador, autor-criador) e, ao mesmo tempo, a voz de resistência, luta, valorações, cultura, ou seja, valores semiotizados na construção do riso. A sua figura foi tão significativa que seus causos viraram desenhos animados no ano de 2021, e foram publicados por meio do canal *Frutos da Terra*, no *Youtube* (Figura 7). Mesmo vindo de um grupo social de menos prestígio, ele conquistou o público, inseriu-se em uma sociedade distinta da sua e permanece vivo na esfera comunicativa digital.

**Figura 7 – Nova série animada de Geraldinho no Youtube – Canal Frutos da Terra**



Fonte: Frutos da Terra (2020).

## CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

Este capítulo apresenta o caminho que percorremos para elaborar o presente estudo. Portanto, aqui, explicitamos a metodologia adotada, apresentamos o processo de seleção do *corpus* da pesquisa (escolha do contador de causos e dos causos analisados) e os procedimentos de análises empregados.

### 2.1 PESQUISA QUALITATIVA

Trata-se de um estudo qualitativo. Isso porque, os dados analisados são verbais e visuais, isto é, vídeos e áudios, constituindo o *corpus* documental. De acordo com Creswell (2007, p. 15), a pesquisa qualitativa:

[...] é um processo de indagação baseada numa tradicional metodologia distinta de investigação que explora um problema social ou humano. O pesquisador constrói um caso complexo, holístico, analisa palavras, reporta a visão detalhada dos informantes e conduz o estudo num ambiente natural.

A pesquisa qualitativa investiga dados, evidências e fundamentos. Isso significa que as informações são buscadas em textos e discursos, de modo a entender determinado fenômeno em profundidade. Assim sendo, podemos afirmar que seus resultados advêm de dados empíricos, coletados sistematicamente, em forma de palavras, frases, imagens, vídeos e áudios. Por isso, requer técnicas de coleta e análise de dados específicas.

Os dados do nosso *corpus* documental foram extraídos dos causos de Geraldinho, selecionados na plataforma de vídeos *Youtube*, no canal *Frutos da Terra*. Considerando a perspectiva dialógica da linguagem, a partir da qual empreendemos esta pesquisa, a análise dos vídeos-causos possibilitou o acesso ao contexto imagético e histórico da produção do discurso da cultura em que o prosador viveu. Buscamos, ainda, tecer algumas reflexões em torno dos contextos social e histórico, bem como das ideologias que esse sujeito veiculou através de sua interação verbal com o público.

Ressaltamos que nosso objetivo não é o de fazer as transcrições dos causos, e sim de mostrar como se dá a relação entre as linguagens de Geraldinho, em determinado tempo-espço, o cenário em que o discurso é produzido para gerar efeitos de sentidos, como esse personagem/artista semiotiza a cultura popular caipira e o quanto suas narrativas são

relevantes. Elas residem, também, em outro campo da esfera comunicativa, o digital. Nesse âmbito, seus causos têm sido ressignificados. Com isso, podemos inferir que Geraldinho e seus causos refletiram e refrataram discursos/ideologias dominantes, uma vez que, ele foi um caipira que ganhou popularidade nas mídias sociais, assim como outras figuras caipiras como Jeca Tatu<sup>7</sup>, Mazzaropi<sup>8</sup>, dentre outros. Portanto, o caipira já estava na literatura e na mídia mostrando aspectos da cultura popular. Nessa mesma linha de raciocínio, observamos novelas dos anos 1980 e 1990 que fizeram referência à zona rural e aos caipiras. Como a novela “O Rei do Gado”, de 1996, nesse contexto fez referência a esse universo, retratando a reforma agrária e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), além de fazer menção à violência doméstica.

A despeito disso, o objetivo deste estudo é o de analisar os discursos presentes nos enunciados dos causos. Buscamos interpretar esses enunciados de modo a conferir relevância aos discursos empregados na cultura caipira goiana. Para tanto, tomamos como base alguns conceitos de Bakhtin e de outros estudiosos integrantes do Círculo, para compreendermos a inscrição social do sujeito-caipira e a construção dialógica dos discursos por meio do gênero discursivo causo, que tem adquirido materialidade verbivocovisual, enquanto vídeos-causos em animação.

É importante salientarmos que a análise documental possibilita o estudo dialógico da linguagem. No presente contexto, os documentos (vídeos-causos) são fontes essenciais de pesquisa, haja vista que apresentam elementos que fundamentam o pensamento do pesquisador. Assim, os vídeos selecionados constituem a materialidade da unidade de análise dialógica, isto é, o discurso humorístico. Foi por meio das relações dialógicas e da interpretação dos enunciados dos causos que investigamos a discursivização da cultura sertaneja goiana.

---

<sup>7</sup> Jeca Tatu foi um personagem criado por Monteiro Lobato no ano de (1918). *Urupês* obra do escritor e ativista, mostra todo atraso econômico do país e o pouco-caso que o governo brasileiro tinha em relação aos sujeitos que habitavam na zona rural. Jeca Tatu é um personagem que não cuidava da aparência física nem tão pouco se importava com a higiene pessoal. Digamos que o estereótipo de Jeca Tatu é tido como um caipira matuto, preguiçoso, sem vaidade. Ele não tinha estudo e nem exercia os “bons modos”. Jeca foi um personagem que sofreu com a omissão do governo brasileiro em relação a cultura popular. Essa obra de Lobato nada romântica e utópica, faz uma crítica aos governantes que deixaram a população rural à mercê de enfermidades, da miséria, do atraso econômico. Jeca Tatu foi um anti-herói que sofreu com as circunstâncias sociais da sua época. Assim, Lobato (1918, p. 87) enfatiza que “Jeca Tatu não é assim, ele está assim”.

<sup>8</sup> Amácio Mazzaropi (1912- 1981) foi um ator que ficou muito conhecido por atuar no campo humorístico, nasceu no bairro de Santa Cecília, em São Paulo. Aos 14 anos, deixou a casa paterna para acompanhar o Circo La Paz. O humorista fez 32 longas-metragens, contando histórias que abordavam o racismo, a religião, a política e até a ecologia, com simplicidade e bom humor, falando ‘a língua do povo’, para o povo que o adorava. Mesmo sendo considerado superficial pela crítica e pela elite intelectual, deixou uma marca indelével na cultura nacional. Seus filmes ainda atraem o público no interior do país e são encontráveis em vídeo e DVD” (EDUCAÇÃO UOL, 2005, n. p.).

No processo de investigação dos dados bibliográficos e históricos, procedemos à busca dos casos para análise e interpretação dos enunciados, a fim de alcançarmos as respectivas regularidades discursivas e estabelecermos as categorias que apareceram durante a pesquisa. Esperamos compreender, a partir dos resultados alcançados, como se dá a discursivização através dos casos escolhidos.

## 2.2 ESCOLHA DO *CORPUS*

Este estudo foi motivado pela necessidade de apresentar aspectos valorativos através dos casos, ou seja, mostrar a voz social do sujeito-caipira. Intentamos valorizar os saberes e as manifestações do discurso que se produzem no lugar discursivo do enunciativo (Geraldinho) e dos interlocutores (ouvintes). Sendo assim, procedemos ao estudo dos enunciados e observamos os discursos e as ideologias da cultura caipira, tendo como representante a figura de Geraldinho, para, assim, dar voz às práticas e às representações da cultura sertaneja goiana.

O diálogo constitui-se em uma relação intrínseca entre a linguagem e a vida. Nesse âmbito, a palavra se estabelece em uma esfera comunicativa tempo-espaco, na qual se materializam juízos de valores sociais antagônicos. Como afirma Brait (2005, p. 98):

[...] o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem. Por outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos.

Ao considerarmos que os discursos são instaurados historicamente na relação entre o eu e o outro, bem como a partir da interação dialógica ativa/responsiva do sujeito, de modo que, o ato responsivo pode ser compreendido como responsabilidade que o sujeito tem em relação ao outro, a não indiferença mutuamente constitutiva. O ato responsivo se dá no encontro e no confronto (dominância, aliança, embates) entre o eu e o outro, frente ao que se ensina e se aprende nas esferas comunicativas. Não se trata de um contexto, um solo meramente interpessoal; apresenta uma dimensão social constitutiva, que tem a linguagem como a principal mediação sógnica necessária. Assim, buscamos compreender quais discursos

e ideologias emergem dos causos e respondem a outras culturas. Nesse sentido, indagamos: quais reflexos e refrações Geraldinho trouxe para o tempo-espço de sua época e como ele foi caracterizado enquanto sujeito nas diferentes esferas de comunicação? Respondermos a esse questionamento significa pensarmos nesse sujeito enquanto contador de causos no cenário rural e em outra esfera comunicativa (suas apresentações nos palcos).

E ainda, buscamos compreender como ocorreu essa caracterização após a morte de Geraldinho: foi homenageado, por meio de uma estátua, na cidade de Bela Vista de Goiás; está grafitado na parede de um prédio em Goiânia; tornou-se personagem de desenho animado. Diante disso, pretendemos entender essas posições ocupadas pelo prosador por meio do conceito de sujeito, conforme tratado por Bakhtin (2003).

Segundo Bakhtin (2016, p. 32), “o enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal”. Assim, todo discurso é dialógico. Isto é, para a construção de um pensar, de um enunciado, de um texto verbal ou não-verbal, sempre haverá a participação do outro. Quando Geraldinho construiu as histórias de seus causos – mesmo que inconscientemente –, produziu todo o enredo a partir de suas experiências, ou seja, da interação ativa e da participação em um determinado contexto social. Essa criação autoral não se deu apenas em seu “eu individual”, uma vez que, para produzir enunciados, é necessário passar pela consciência do outro.

Como bem nos ensina o referido filósofo da linguagem, “[...] o estudo do discurso verbal implica um olhar para as relações dialógicas, pois a linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam” (BAKHTIN, 2008, p. 209). Conforme o pensamento bakhtiniano, as relações dialógicas “[...] não podem ser reduzidas a relações meramente lógicas (ainda que dialéticas) nem a meramente linguísticas (sintático-composicionais). Elas só são possíveis entre enunciados integrais de diferentes sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2016, p. 91). Nesse sentido,

[...] as relações dialógicas são relações (de sentido) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados no plano do sentido (não como objetos e não como exemplos linguísticos), acabam em relação dialógica. (BAKHTIN, 2016, p. 92)

Portanto, essas relações se constituem através de sujeitos que se posicionam axiologicamente nos enunciados concretos da linguagem. Eles recebem o enunciado e fazem a leitura dele, interpretando-o de maneira ideológica. Por isso, os discursos são marcados pela

valoração de uma ideologia. O enunciado sai do solo social, perpassa o pensamento e se ressignifica. Assim, as relações dialógicas refletem a estrutura do mundo dos sujeitos.

Segundo Volóchinov (2017, p. 77), “os juízos e valorações se referem a uma certa tonalidade, na qual a palavra entra em contato com o acontecimento da vida e se funde com ele em uma unidade indissolúvel”. Ou seja, o tom é o mediador valioso para a compreensão do enunciado. É por meio dele que a materialidade se torna enunciado. Geraldinho, ao enunciar a partir de seu contexto sócio-histórico-ideológico, antes mesmo do enunciado ser externalizado, compunha um visual de aparência caipira, sabendo o tom a ser utilizado e a entonação a ser adotada em seu discurso.

Entendemos, com isso, que os causos de Geraldinho foram reflexos de sua interação social; suas narrativas foram produzidas com base em experiências da vida rural. Desse modo, seus textos apresentam valores axiológicos desenvolvidos pelo enunciatador em um determinado tempo-espaço, construídos no meio sócio-histórico-ideológico. Isso fez com que sua identidade fosse constituída pelas relações comunicativas.

### 2.3 DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

O *corpus* desta pesquisa é constituído por quatro causos de Geraldinho: “Causo da Bicicreta”, “Causo do Osso”, “Causo do Peãozinho Novo” e o “Causo do Rádio”. Essas narrativas apresentam temas diferentes. Assim, pretendemos evidenciar os discursos e as ideologias que emergem dos enunciados e apresentar a posição estratégica que o prosador adotou ao narrar cada história, isto é, como ele se deslocava para uma determinada posição discursiva e se tornava autor-criador. Ao escolher os temas, Geraldinho tinha uma intenção comunicativa, um poder criador sobre a personagem.

É importante ressaltarmos que o sujeito, em uma determinada situação, tem o poder de produzir a forma e o estilo da enunciação de um discurso. Como afirma Volóchinov (2017, p. 116):

[...] a palavra é uma ponte entre a situação e o enunciado, cujo o locutor está atravessando esta ponte por meio das relações sociais, portanto a palavra se torna um produto ideológico através do enunciado situado, do enunciado no tempo-espaço específico.

A seguir, apresentaremos o resumo dos casos analisados, a fim de mostrarmos a singularidade de cada narrativa.

### 2.3.1 “Causo do Osso”

O “Causo do Osso” (Anexo 2) mostra a vergonha vivenciada pelo prosador na presença de uma “namoradinha”. Os encontros com a moça ocorriam apenas em reuniões específicas, como na missa da igreja e em festas populares. A garota não o apresentava para a família, porque o pai era sistemático e bruto, sendo essas características comuns a muitos pais de família na época em que Geraldinho viveu. Certo dia, o pai da menina fez um mutirão para roçar uma internada. O nosso prosador foi um dos convidados. Ele foi o primeiro a chegar no local, dado que tinha a intenção de falar com a moça, que passava de hora em hora pelo portãozinho só para olhar na direção dele. O pessoal trabalhou a manhã toda. Por volta das 11h, o pai da “namoradinha” convidou a todos para almoçar em sua casa, pois havia mandado preparar um porco. Enquanto almoçavam, o prosador colocou no prato um pedaço grande de carne com osso. Ao comê-la, o seu dedo ficou preso no buraco do osso.

E aí, quando eu peguei naquele osso pra jogá ele lá nu curral, eu oei, ele tava cum miolu bonitu. Aí eu pensei: ‘eu tô sozim aqui, vou proveitá esse trem’. Pelejei pra chupa ele: ele tava mei garradu. Aí eu tambuei esse dedo na broca dele, assim por baixo, fui empurrano e mamamu da outra banda. Foi até que, quando eu tava lambeno a cabeça du dedo, eu fui tira u dedo, cadê, rapaz! U coro empelotava lá na frente assim que num dava de si de jeitu nenhum... eu trucia ele assim, queria rasgá u coro e num sai memo. (FRUTOS DA TERRA, 2019, n. p.)

Ele tentou disfarçar, e tirar o dedo do osso. “Pelejou, pelejou”, mas não deu certo. Ao esconder a mão sob a mesa, com receio de sua “namoradinha” ver o que estava acontecendo, um cachorro apareceu e mordeu o osso, arrastando Geraldinho para fora da casa. Todos viram a situação. Ele ficou bastante envergonhado e saiu correndo.

### 2.3.2 “Causo da Bicicreta”

No “Causo da Bicicreta” (Anexo 3), Geraldinho conta que sua esposa ficou doente e ele “panhou” umas ervas para fazer um remédio. Não obteve muito sucesso. Então, resolveu levar sua esposa ao médico, na cidade, para o doutor “dar uma reformada nela”. De início,

percebemos um conhecimento da natureza por parte do caipira, o que nos releva que seu contato era diretamente com o ambiente, com a terra, por isso mesmo, era considerado um homem da terra. Geraldinho, em primeira instância, acreditou que as ervas naturais curariam sua esposa. Em suma:

Uai, minino, nesta época, sô, que pegô a sai essas bicicleta, esses recursu, nunha ocasião a muiê rumô lá uma perrenguce, uma clamura, uma gemura esquisita, aquilo não miorava. Eu rancava uma saroba ali no terreiro memo, fazia uma xaropada, dava pra ela bebê... foi ficanu pió; aí eu manei: danô! Aí eu tentei levá ela pra cidade prum doutô dá uma reforma nela pra mim. Aí fui lá, rumei um agasaio, e levei ela... falei pro doutô: ‘oiá eu troxe a muié, o sinhô espia o que tá fartanu nela e arruma ela pra mim eu não posso ficá aí não, eu tinha serviço e era longe’. (FRUTOS DA TERRA, 2017a, n. p.)

A mulher ficou internada. Como ele não possuía nenhum meio de transporte, um amigo o aconselhou a comprar uma bicicleta. Geraldinho ficou desconfiado porque não sabia andar “nesse trem”. No entanto, era o único meio de ir visitar sua esposa. Assim, comprou a famosa bicicleta. A comicidade da história está nas inúmeras tentativas de manuseá-la, tentando “amansar o veículo”.

### 2.3.3 “Causo do Peãozinho Novo”

O “Causo do Peãozinho Novo” (Anexo 4) diz respeito à história de um jovem trabalhador rural que, segundo Geraldinho, “só mexia com capim”. Certo dia, devido à necessidade de um trabalho, ele pediu um serviço na roça. No primeiro dia de trabalho, o peãozinho ficou encarregado de ir buscar um “boi brabo”. O jovem moço, ingênuo e sem experiência no trato com animais, escolhe o cavalo mais esperto/bravo. Assim que o cavalo avistou o boi, correu em disparada na direção dele, assustando o peãozinho novato.

[...] aquele solavanca do cavalo foi chocaindo ele demais. O medo dele tava demais! E quando é fé a tripinha dele não tava bem normalizada e o registro dele foi e bambeou e ele estrumou no arréi, rapaz... aí... o estrume sainu e pau tá quebranu... intão ele foi e sujô o arréi tudo sô... (FRUTOS DA TERRA, 2017b, n. p.)

O cavalo esperto jogou o boi bravo dentro de uma grota/buraco. Logo depois do ocorrido, o patrão chegou e falou para o peãozinho que ele havia sujado todo o arreio de excrementos. O peãozinho novo, não querendo se rebaixar, respondeu com sagacidade: “[...]”

é por isso que os cêis não pega boi brabo, porque para pra cagar, i comigo não tem disso não, o estrume tá saindo e eu tô pregado no bicho (FRUTOS DA TERRA, 2017b, n. p.).

#### 2.3.4 “Causo do Rádio”

No “Causo do Rádio” (Anexo 5), Geraldinho conta que trabalhou durante uma semana na construção da casa de um amigo. Quando chegou no domingo, esse amigo o chamou para ouvir “Os caipira”, na casa de um senhor que morava por perto, chamado Enoque. O prosador animou-se em ir, pois nunca tinha visto “essa incrensa”. Chegando ao local, havia outras pessoas, habitantes da região. O velho fazendeiro, dono da casa, era o único que tinha um rádio. Todos ficaram curiosos e animados para conhecer esse instrumento de comunicação, que era novidade na época. Contudo, Geraldinho ficou meio “empacinado”, porque, para ouvir o rádio, tinha de pagar cem reis. Porém, aquilo era algo novo e todo mundo estava pagando, sem hesitar. Ele se animou e pagou também. Todos se acomodaram. O fazendeiro chamou sua esposa para “sortar o trem”, pois ele não sabia ligar. Quando a esposa ligou o rádio, o “trem cipiou, e ela errou o endereço”. O rádio estava a transmitir uma missa. Geraldinho foi embora indignado, uma vez que perdeu cem reis porque não ouviu o que realmente queria.

Em uma ocasião, mininu, eu fui judá um mininu fazer uma casa lá no mato. Então, eu trabalhei lá a semana inteira e resolvi a pousar lá. Quando foi domingo, ele falou: ‘vamo vê os caipira’. Aí eu falei: ‘Uai, onde se arranja isso aí?’ Aí ele falou: ‘Não, lá no veio Enoque tem’. Aí eu falei: ‘O que que tem lá?’ Ele disse: ‘Lá tem um rádio’. Então, eu nunca tinha visto essa encrensa. Nós vamo lá oiá. Chegamo lá, tava reunindo mais gente e deu um defeito rapaiz: é que cada um tinha que pagar cem reis (risos). Aí eu quis empacinar com aquilo, mas todo mundo tava pagando. Eu falei: ‘Então, vamo’. Mas primeiro ele foi lá dentro chamar a muiê pra sortar o trem, porque ele não sabia (risos). Quando ela torceu o imbigio dele, o trem cipiou e errou o endereço e muntou numa missa (risos), e aí nós foi obrigado a jogá o chapéu de costas e bater o joi no chão e o pau quebrou... Essa missa num cabava, e em vai e joi foi doendo e eu tô tolerando, quando desocupou rapaiz. [...] quando cabou aquela engrenagem (risos) eu pulei lá no terreiro (risos) eu vou perder meus cem reis (risos), mas eu num quero saber desse trem de rádio mais nunca (risos). (FRUTOS DA TERRA, 2020, n. p.)

## 2.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

A validade científica desta pesquisa está em propor a análise discursiva dos três causos escolhidos, com a pretensão de valorizar as práticas e costumes da cultura caipira, fazer uma análise dos enunciados (causos) e mostrar os aspectos axiológicos da cultura sertaneja. Para tanto, seguimos estas etapas:

- a) Apresentamos as estratégias da oralidade utilizadas por Geraldinho para tornar seu discurso composto de vivacidade e expressividade. Por exemplo, a entonação e o emotivo-volitivo pertencentes à modalidade do discurso oral. Analisamos a ideologia do cotidiano desse caipira, constituída no meio da ideologia oficial da época, e como ele utilizou sua voz social e refratou outras posições axiológicas.
- b) Para a análise, extraímos dos causos alguns conceitos teóricos, como enunciado, interação discursiva, dialogismo, entonação (emotivo-volitivo), gênero discursivo, ideologia, sujeito e signo ideológico. Assim, buscamos compreender as formas e os tipos de interação discursiva/social de Geraldinho enquanto sujeito nas diversas esferas comunicativas.

## CAPÍTULO 3 – LINGUAGEM E DISCURSIVIDADES

Apresentamos, a seguir, os conceitos de enunciado e dialogismo para investigarmos os discursos que emergem dos causos e analisarmos como o dialogismo se caracteriza enquanto elemento base na interação social. Isso porque, “os enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo temático e pelo estilo da linguagem, [...], mas acima de tudo, por sua construção composicional” (BAKHTIN, 2013, p. 59).

### 3.1 ENUNCIADO E DIALOGISMO

Para Bakhtin (2016, p. 94), a linguagem consiste em uma atividade da esfera comunicativa, e não se reduz a um sistema de regras finito, abstrato e fechado. Isto é, “a linguagem é vista em relação aos atos únicos e singulares realizados e ao ser-evento-unitário”; conseqüentemente, carrega expressividade, atitudes valorativas dos sujeitos em relação ao seu objeto discursivo.

O Círculo de Bakhtin entende que a materialização significativa da língua está na comunicação interativa/discursiva. Sob essa perspectiva, a comunicação não se restringe ao comunicar-se com o outro, uma vez que consiste na realização concreta da interação verbal. Isso porque, todo ato de enunciar dirige-se a alguém; “toda palavra serve de expressão ao um em relação ao outro” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 205). Dessa forma, a comunicação não é somente uma resposta verbal do sujeito em relação à compreensão que teve do outro, mas também um processo de expressão que ele tem a partir das ideologias instauradas no lugar de fala (enunciação) em que ele se encontra.

Portanto, para Bakhtin, não existe comunicação se não existir o outro. Assim, o interlocutor, ao perceber e compreender o discurso, posiciona-se com uma atitude responsiva em relação ao locutor (VOLÓCHINOV, 2017). Desse modo, as narrativas orais de Geraldinho mostram uma interação com outros interlocutores, apresentando, por meio do dialogismo, valores de uma população rural que é bem recebida pelo público.

Comprendemos, assim, que a linguagem significa atitude, expressão, posicionamento que o sujeito tem em relação ao outro, em um determinado momento sócio-histórico, marcado em um tempo-espaço, evento único e irrepitível. E essa linguagem (comunicação) se dá por meio de enunciados concretos, e não abstratos.

Uma enunciação concreta (e não abstração linguística) nasce, vive e morre no processo da interação social entre os participantes da enunciação. Sua forma e significado são determinados basicamente pela forma e caráter desta interação. Quando nós cortamos o enunciado do solo real que o nutre, nós perdemos a chave tanto de sua forma quanto de seu conteúdo – tudo que nos resta é um invólucro linguístico abstrato ou um esquema semântico igualmente abstrato (a banal ‘ideia da obra’, com a qual lidaram os primeiros teóricos e historiadores da literatura) – duas abstrações que são inconciliáveis entre si porque não há base concreta para sua síntese viva. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 122-123)

Para o Círculo de Bakhtin, a linguagem e o sujeito constituem-se nas interações verbais, em situações reais, por meio de unidades concretas da língua. Assim sendo, não se pode abstrair o significado do enunciado situado. Em outros termos, nas narrativas de Geraldinho, o sujeito é constituído pelo objeto verbal, mas é completado a todo instante pelo material significativo da língua. Nesse sentido, podemos afirmar que a linguagem é verbivocovisual, pois constrói o sujeito por meio da complementação das dimensões verbal, visual e sonora. Assim afirma Medviédev (2012, p. 183):

Qualquer enunciado concreto é um ato social. Por ser também um conjunto material peculiar, sonoro, pronunciado, visual, o enunciado ao mesmo tempo é uma parte da realidade social. Ele organiza a comunicação que é voltada para uma reação de resposta. Ele mesmo reage a algo: ele é inseparável do acontecimento da comunicação.

Os gêneros discursivos são formas típicas de enunciados. Estes refletem a individualidade do falante, consistindo na unidade real da comunicação discursiva. Destarte, “o discurso está sempre fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso e fora dessa forma não pode existir” (BAKHTIN, 2013, p. 25).

Ao considerarmos que a palavra é atravessada por diversos discursos, que refletem e refratam as relações dialógicas entre os sujeitos, podemos afirmar que o discurso entrelaça o outro em sua constituição. Esta é uma das concepções que fundamenta o pensamento bakhtiniano e seu Círculo: a teoria do dialogismo. Assim, a natureza de todo e qualquer discurso, falado ou escrito, gesticulado ou sinalizado, é formado através de locutores, que não se constituem sozinhos, mas por meio dos enunciados de outros enunciadores. Bakhtin (2003) não diz para analisarmos o dialogismo em si, mas sim os “fios dialógicos vivos” do discurso:

Um enunciado vivo, significativamente surgido em um momento histórico e em um meio social determinados, não pode deixar de se relacionar com os milhares de fios dialógicos vivos, tecidos pela consciência socioideológica em torno de objeto de tal enunciado e de participar ativamente do diálogo social. De resto, é dele que o enunciado se origina: ele e como a sua continuação, sua réplica, ele não aborda o objeto chegando de não se sabe de onde. (BAKHTIN, 2003, p. 86)

A palavra torna-se um produto ideológico ou valorativo e ganha significação em um contexto sócio-histórico, isso se dá a partir da relação dialógicas estabelecidas pelos sujeitos, sendo que os atos de fala respondem a outros discursos, provocando efeitos de sentidos. É por isso que Bakhtin (1988, p. 46 *apud* FIORIN, 2006, p. 22) declara que “a palavra se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes”. Com base nessa concepção, as interações sociais podem ocasionar embates, alianças ou dominâncias de discursos (ideologias). Nesse campo, “não há nenhum objeto que não apareça cercado, envolto, embebido em discursos”.

Para Fiorin (2006, p. 19), “todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos. Neles, existe uma dialogização interna da palavra que é perpassada sempre pela palavra do outro”. Dessa forma, todo e qualquer enunciado, como os casos que analisamos, possui caráter dialógico, porque retoma dizeres que já foram concretizados anteriormente. Em um novo contexto histórico e social surgirão novos enunciados, a partir de novos gêneros.

De acordo com Bakhtin (2016), o enunciado é responsivo, ou seja, um sujeito está sempre na posição de atitude responsiva ativa. Ele responde a uma voz social. Por conseguinte, o discursivo emitido o reflete e o refrata de alguma forma, mesmo que seja para concordar ou não. Até mesmo o silêncio é considerado uma resposta. Ao mesmo tempo em que o enunciado é um elo na cadeia da comunicação, também tem sua singularidade, possuindo um tom valorativo único. Por isso, ao fazer a análise de um enunciado, não se pode fragmentá-lo, sendo fundamental observar as suas condições de produção e a situação das práticas sociais.

Com relação ao dialogismo, Bakhtin (1990 *apud* FIORIN, 2006) assevera que o sujeito se constitui na e pela linguagem, por meio da interação com o outro, sendo o resultado do processo de comunicação dialógica. Por isso, tanto a linguagem quanto o sujeito possuem caráter de natureza social. Isso implica dizer que não existe sujeito pronto e acabado, que discursa a partir do seu eu individual; é constituído de fora para dentro. Assim, os enunciados dos casos são falas construídas e completadas por discursos alheios. O enunciatador se depara com múltiplos caminhos e vozes no processo de comunicação, que ocorre por meio das trocas

de experiências entre os interlocutores. A interação revela as divergências, a materialidade discursiva das lutas sociais, a disputa de poder, a identidade dos sujeitos, a defesa de ideologias, demarcando as valorações de cada grupo social.

A palavra (discurso) é fundamentada a partir das práticas discursivas construídas historicamente, consistindo em elemento essencial e concreto da ideologia. É através do discurso dialógico que se conhece o sujeito um sujeito específico como o nosso Geraldinho em seus casos. Esse conhecimento ocorre no discurso produzido, preparado, elaborado, estabelecido, uma vez que os valores axiológicos são apreendidos a partir de muitas vozes que enunciam. Essa noção de sujeito envolve o contexto em que se discursa. Importa destacarmos que, para Bakhtin (2016), o sujeito não se constitui por uma ação discursiva, mas por todas as atividades de comunicação humana. Assim, o seu discurso sempre está entrelaçado de palavras próprias e do outro. Sob essa perspectiva, os discursos são marcados pela valoração de uma ideologia.

Geraldinho, em seu processo discursivo, relacionou-se com o outro a partir de seu ponto de vista, emitiu seu pensamento em outro contexto ativo responsivo, o que fez com que seus casos ganhassem valoração em sua cultura. Como explica Bakhtin (2003), o sujeito marca sua identidade epistemológica por meio da palavra, que é fundamentada nas relações sociais.

[...] não tomo consciência de mim mesmo senão através dos outros, é deles que eu recebo as palavras, as formas, a tonalidade que formam a primeira imagem de mim mesmo. Só me torno consciente de mim mesmo, revelando-me para o outro, através do outro e com ajuda do outro. (BAKHTIN, 2003, p. 148)

O eu do sujeito é fundamentado no eu do outro, tornando-se o “nós”; portanto, o que se encontra nas relações discursivas é um sujeito coletivo. Este, apesar de ser ativo em suas interações sociais<sup>9</sup>, também é passivo, sendo que, no espaço discursivo, constrói sua relação, estabelecida entre identidade (eu) e alteridade (outro).

Bakhtin (2003) critica o subjetivismo idealista onde todo ato discursivo é individual e criativo, isto é, a ideia de que a subjetividade individual (consciência) cria, recria de dentro para fora, individualmente. Critica também o objetivismo abstrato, que é o sistema linguístico

---

<sup>9</sup> “[...] a interação discursiva é o acontecimento social que ocorre por meio de um ou vários enunciados, sendo o diálogo sua forma mais importante, apesar de não ser a única. É por meio da interação discursiva que a língua toma forma e está em constante transformação” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 107).

que analisa formas linguísticas, gramaticais, fonéticas, lexicais, ou seja, a língua dicionarizada, o pensamento estabelecido pelos neokantianos.

Para Volóchinov (2017, p. 112), “não é a atividade mental que organiza a expressão, mas a expressão que organiza a atividade mental”. Portanto, não é a interação social que determina as ideologias. Mediante essa relação, a leitura sobre o mundo é construída, pois a “enunciação individual é um fenômeno puramente sociológico”. Sendo assim, a linguagem do sujeito não ocorre através de discursos homogêneos, uma vez que ele não pode ser estudado e analisado como um ser individual. O ato individual/criativo é dialógico, e isso faz com que a língua seja viva, dinâmica, mutável. É por meio da linguagem e da inscrição social dos sujeitos que as relações discursivas ganham forma, bem como as regras, as oposições, as ideologias e as valorações, de modo a compor o processo de compreensão e comunicação entre os indivíduos.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 2003, p. 123)

Compreendemos que a estrutura da língua, as formas gramaticais, lexicais e fonéticas são importantes. Todavia, a língua deve ser estudada em seu sentido real, verbal, não-verbal, singular, ideológico, histórico e social. Devemos observar os juízos de valorações dos enunciados. Nessa perspectiva, Sobral (2005, p. 120) ressalta que a proposta bakhtiniana e do Círculo “[...] é a de conhecer um sujeito que, sendo um ‘eu-para-mim’, condição de formação de identidade subjetiva, é também um eu-para-o-outro, condição de inserção dessa identidade no plano relacional responsável, que lhe dá sentido”. E ainda, a ideia “[...] de não considerar os sujeitos apenas como biológicos, nem apenas como seres empíricos, implica ter sempre em vista a situação social e histórica concreta do sujeito, tanto em termos de atos não discursivos como em sua transfiguração discursiva” (SOBRAL, 2005, p. 120).

A linguagem como comunicação dialógica possibilita ao sujeito inserir-se no mundo, permitindo-lhe constituir-se como um ser ativo e participante da própria existência. Nesse sentido, entendemos que Geraldinho criou suas narrativas mediante trocas de experiências na vida cotidiana. O caipira valorizou a riqueza de sua cultura e, através da contação de histórias, participou de eventos na mídia, representando, para a cultura caipira, a temática do riso e valorizando determinados aspectos ideológicos.

Diante disso, o estar no mundo “significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos” (BAKHTIN, 2016, p. 348). Assim, Geraldinho foi autor e deixou sua assinatura nas relações dialógicas. Os discursos (causos) produzidos por ele entrelaçaram os discursos do outro, organizou, construiu sentidos e pôs-se em uma posição intencional/autoral. Esse prosador produziu discursos que atraíam interlocutores. Isso fez com que conquistasse espaço em outros âmbitos sociais.

Com base no exposto, abordarmos, no próximo tópico, algumas ideias de Bakhtin em relação aos gêneros do discurso. Optamos por essa expressão pelo fato de acreditarmos que o gênero causo reflete e refrata enunciados que circulam nas esferas comunicativas.

### 3.2 GÊNEROS DO DISCURSO

Na obra *Estética da criação verbal*, Bakhtin (2003) apresenta alguns aspectos que se tornaram conceitos essenciais para os estudos sobre gênero discursivo, como gêneros primários e gêneros secundários, enunciado e esferas de comunicação (onde cada gênero discursivo circula em sociedade). Ressaltamos que os gêneros não são estruturas abstratas de uma língua, e sim constituídos de enunciados que se estabelecem por meio do discurso do outro. Para esse filósofo, todo aquele que recebe um discurso/enunciado tem uma atitude responsiva sobre o interlocutor que enuncia.

A teoria bakhtiniana propõe a noção de gênero do discurso (BAKHTIN, 2003). Este não compreende uma forma fechada, isolada e abstrata, e sim “pressupõe as relações dialógicas das atuações verbais, dos textos e a interação entre os sujeitos” (SILVA, 2009, p. 19).

Conforme Bakhtin (2016, p. 134), “o enunciado se insere no campo da ideologia, mas as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros, pertencem à linguagem”. Sendo assim, “as formas de enunciado também são sociais e, como a língua, são igualmente determinadas pela comunicação” (BAKHTIN, 2016, p. 117). O enunciado é um “elo na cadeia da comunicação verbal”, pois reflete e refrata a estrutura de outros enunciados no mundo. Em suma, para Bakhtin (2003, p. 261-262, grifos do autor):

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados, (orais ou escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as

finalidades de cada referido campo não só por conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção de recursos lexicais, fraseológicas e gramaticais de língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolavelmente ligados no todo de enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis*, de enunciados, os quais denominamos *Gêneros do discurso*.

Esse filósofo da linguagem ressignificou a noção de gêneros ao mostrar a importância de se estudar o enunciado situado, isto é, o enunciado em seu aspecto sócio-histórico, em situações comunicativas do cotidiano. Segundo Bakhtin (2016, p. 274), “o discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa formação não pode existir”. Portanto, os enunciados, como os casos de Geraldinho, são unidades de práticas discursivas e comunicativas do uso cotidiano da língua, que se dá através da interação com o outro. Logo, sem interação, não há desenvolvimento de competências discursivas, haja vista que a língua passa a integrar a vida mediante os enunciados que a efetivam. É justamente por meio deles que a vida entra na língua. Bakhtin (2016, p. 293) conceitua o enunciado como:

[...] unidade real da comunicação verbal: o enunciar. A fala só existe, na realidade, na forma concreta dos enunciados de um indivíduo: do sujeito de um discurso-fala. O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma. Quaisquer que sejam comuns ao volume, o conteúdo, a composição, e os comunicados sempre possuem, como unidades de comunicação verbal, características constituídas que são e acima de tudo, fronteiras claramente delimitadas. [...] As fronteiras do falante e comunicados como uma unidade da comunicação verbal, são determinados pela expressão de sujeitos falantes.

Alguns pesquisadores utilizam a expressão gênero textual; outros propõem gêneros discursivos. Aqui, consideramos ambas as acepções. Sobre o emprego dessas expressões, há dois posicionamentos teóricos-metodológicos relativamente distintos (SOUSA FILHO; ARAÚJO, 2015). Ambos estão centrados na consideração dos aspectos sociais e discursivos da linguagem para as análises de gêneros discursivos ou textuais. A diferença reside na metodologia das análises.

De acordo com Sousa Filho e Araújo (2015, p. 33-34), “os adeptos dos gêneros discursivos estão mais centrados na descrição de situações de enunciação e de enunciados em

seus aspectos sócio-históricos”. Por outro lado, os adeptos dos gêneros textuais mantêm o foco nas descrições de materialidades linguísticas e/ou composições dos textos.

Rojo (2005) afirma que os pesquisadores ligados aos gêneros textuais procuram analisar os textos a partir de sequências textuais. Com relação aos defensores dos gêneros discursivos, a autora afirma que eles

[...] tendiam a selecionar os aspectos da materialidade linguística determinados pelos parâmetros da situação de enunciação – sem a pretensão de esgotar a descrição dos aspectos linguísticos ou textuais, mas apenas ressaltando as marcas linguísticas que decorriam de/produziam significações e temas relevantes no discurso. (ROJO, 2005, p. 186)

Com base no pensamento bakhtiniano, cada gênero é apropriado em sua especificidade e possui uma finalidade discursiva que corresponde a um determinado estilo. O gênero está ligado a uma origem cultural e se constitui nas relações sociais em um tempo-espaço. Bakhtin (2003, p. 290) pontua que:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como os próprios da atividade humana [...] duma ou doutra esfera da atividade humana. O e reflete como condições específicas e como finalidade de cada uma dessas esferas [...] cada um dos seus tipos enunciados estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.

O sujeito, a partir do momento em que desencadeia um gesto de autoria e escolhe um gênero discursivo em um ato enunciativo, mostra sua intenção comunicativa. Esses enunciados/discursos são “tipos relativamente estáveis” (BAKHTIN, 2016, p. 12). Portanto, o discurso não se acaba ou estabiliza, posto que se encontra inserido no campo da comunicação discursiva. Desse modo, um gênero discursivo, como o gênero causa, não está solto/sozinho no espaço, mas permeado de materialidades linguísticas.

Conforme Fiorin (2006, p. 19), “[...] todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos. Neles, existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro”. Assim, todo e qualquer enunciado possui caráter dialógico, porque retoma dizeres que já foram concretizados. Em um novo contexto histórico e social, são produzidos novos enunciados, que surgem mediante novos gêneros. Assim, observamos os casos de Geraldinho como um gênero narrativo típico das comunidades rurais.

Todo enunciado tem sua particularidade. Os causos, por exemplo, envolvem as práticas da região central do Brasil. Observamos que, em cada solo social, existem os “tipos relativamente estáveis de enunciados”, isto é, os gêneros discursivos, que são formas típicas de enunciações que correspondem a cada âmbito social, como o bilhete, a carta, o poema, o e-mail, dentre outros. Importa salientarmos que os gêneros discursivos se multiplicam a partir do campo de comunicação. Nesse sentido, Bakhtin (2016) os classifica em gêneros primários e secundários.

Os gêneros primários são “simples”, como os causos em estudo, isto é, podem acontecer de forma oral, sinalizada, escrita e dialogada, no cotidiano do sujeito. São enunciados espontâneos que ocorrem de forma direta: conversas informais entre familiares, contação de histórias ou causos. Tudo isso o compõe. Por sua vez, os gêneros secundários são “complexos”, trazem uma linguagem formal, são organizados e elaborados, como textos jurídicos, religiosos, políticos, filosóficos, científicos. Não são enunciados do cotidiano. Ele retoma o gênero primário. Como exemplo dessa retomada, podemos citar os vídeo-causos originais, cuja materialidade principal é a oralidade, sendo retomados nos vídeos-causos em animação, cuja materialidade é verbivocovisual.

No âmbito da comunicação, os gêneros discursivos estão alicerçados em um tripé, a saber:

- a) **conteúdo temático:** sentidos, objetos, assuntos e discursos constituídos na esfera discursiva por meio da realidade sócio-histórica-ideológica;
- b) **plano composicional:** estrutura, materialidade; acabamento do texto nos procedimentos, nas relações, nas participações dos sujeitos;
- c) **estilo:** escola lexical, gramatical; formas de dizer próprias, que têm sua compreensão estabelecida pelo tipo de gênero.

No gênero caso, o conteúdo temático refere-se às práticas, aos discursos e às ideologias geradas no contexto sócio-histórico do ambiente rural e seus valores discursivos. O estilo do caso envolve a escolha de lexemas típicos da variante linguística regional e aparece como uma forma individual, assim como Geraldinho fez ao selecionar os recursos linguísticos a partir de seu ponto de vista, bem como a entonação. Essa construção composicional do caso é a materialidade narrativa do texto.

Causos como os do Geraldinho são enunciados ligados a outros enunciados contextuais, que se inscrevem no conjunto de outras formulações. São textos repetíveis historicamente, mas, de certo modo, únicos, singulares, e podem ser modificados,

reatualizados. Eles podem opor-se ou submeter-se, ser apagados ou retomados. Esses enunciados mostram o pensamento e as valorações que os sujeitos têm sobre o mundo. Essa inter-relação está além da materialidade linguística.

Como apontamos até o momento, para Bakhtin (2003, p. 126), a enunciação é “puro produto de interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto de condições de vida de uma determinada comunidade linguística”. Fernandes (2017, p. 15) entende que:

[...] a noção de gênero do discurso apresenta-se no interior de uma historicidade que nos possibilita compreender as regras que tornam possível o aparecimento do conceito gênero e a sua transformação. Percorrendo a história política e social brasileiras, podemos perceber que a noção não se encontra definida a partir de uma delimitação espaço-temporal. Há regras de formação de vários conceitos que devem dar conta da emergência simultânea ou sucessiva de conceitos dispersos, heterogêneos e que, por vezes, são incompatíveis.

Além disso, os gêneros discursivos proporcionam, no discurso, um estilo individual do enunciatador, pois o “enunciado – oral e escrito, primário e secundário, em qualquer esfera da comunicação verbal – é individual, e por isso pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve)” (BAKHTIN, 2003, p. 283). Notamos que a elaboração de toda enunciação que reflete e refrata ocorre no gênero *causo*, que, por sua vez, se estabelece em ato enunciativo criativo. Assim, mediante um horizonte social, constitui um aspecto axiológico.

De acordo com Bakhtin e Volóchinov (2006, p. 194), “[...] a palavra, como fenômeno ideológico por excelência, está em evolução constante, reflete fielmente todas as mudanças e alterações sociais. O destino da palavra é o da sociedade que fala”. Como arena ideológica, o *causo* (signo) reflete valores em um mundo contemporâneo, onde ser *caipira* é considerado, por muitos, como “não civilizado”. Todavia, percebemos que os *causos* de Geraldinho levaram ao reconhecimento da *singeleza* e da *autenticidade* de valores sociais, contribuindo para refratar o estereótipo negativo atribuído, anteriormente, ao *sujeito-caipira*.

Considerando a amplitude e a profundidade dos estudos desenvolvidos por Bakhtin e os demais integrantes do Círculo, verificamos que a língua mostra possui caráter social, sendo constituída de enunciações que se manifestam por meio da interação entre os indivíduos. Chegamos, dessa forma, ao conceito interacionista dialógico da linguagem. Com relação a esse aspecto, Bakhtin e Volóchinov (2006, p. 127) afirmam que:

A verdadeira substância de língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Portanto, é a materialidade social que confere existência à língua e estabelece a comunicação dialógica. Para Bakhtin e Volóchinov (2006, p. 95), “o sistema linguístico é o produto de uma reflexão sobre a língua, reflexão que não procede da consciência do locutor nativo e que não serve aos propósitos imediatos da comunicação”. Isso significa que, para o enunciador, o que importa é a comunicação entre o eu e o outro, seja em um diálogo de embate ou aliança, seja de dominância, dado que a língua é uma forma de significar, gerar sentido. Essa comunicação pode ser realizada através de diálogos, gestos, sinais, imagens, gesticulações, dentre outras formas de se estabelecer comunicação.

Ressaltamos que a comunicação em si está impregnada de aspectos ideológicos. Para Bakhtin e Volóchinov (2006), as ideologias são concepções de valores por meio das quais os sujeitos escolhem o que é bom ou mal, certo ou errado, justo ou injusto, uma vez que:

[...] não são palavras que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial [...]. (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2006, p. 98-99)

O enunciado é, ao mesmo tempo, individual e social. Do mesmo modo, o sujeito é passivo e ativo, posto que é constituído por outras vozes sociais. O enunciado se estabelece na esfera do uso da língua, que é relativamente estável. Por conseguinte, ele

[...] deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra reposta é empregada aqui no sentido lato): refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles. (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2006, p. 316)

Serão apresentadas a seguir algumas características do gênero causo. Objetivamos evidenciar como esse gênero do discurso se constitui na esfera comunicativa. Apresentaremos, também, o modo como esse gênero circula na sociedade, uma vez que possui materialidade oral, linguagem simples e fácil de ser compreendida e memorizada.

### 3.3 O GÊNERO CAUSO

A prática da contação de histórias existe muito antes de as palavras serem colocadas em papel. Em diversas culturas, principalmente na cultura popular, observamos a tradição da comunicação oral. Notamos que ela nasce nas rodas de conversas das mais diversas comunidades, adquirindo aspectos fictícios ou reais, envolvida de mistério, suspense, sarcasmo e muito humor. O gênero causo, por exemplo, possui uma função sociocomunicativa, consistindo em símbolo identitário de uma determinada comunidade linguística.

O gênero causo<sup>10</sup> privilegia a oralidade e é constituído pela tradição da linguagem caipira. Seu vocabulário é permeado de gírias interioranas. Essa variedade linguística se constitui a partir dos gêneros discursivos, que são composições que utilizamos através da língua para interagirmos em sociedade. Essa composição vai além dos aspectos linguísticos. Trata-se da função do texto em sociedade.

Acerca do “Causo da Bicicleta”, o mais famoso de Geraldinho, Bollela, Faleiros e Guedes Filho (2007, p. 172-173 *apud* SILVA, 2009, p. 53) tecem a seguinte consideração:

[...] uma tradição caipira e sertaneja, próprias do Brasil. Sempre está acompanhado de fortes traços orais e de um vocabulário tipicamente interiorano. Nele, o prosador, geralmente, faz uso de um elemento típico da fala descontraída, a risada [...] entre outros recursos [...] dessa forma, o prosador consegue dar credibilidade ao que fala e ainda garantir gargalhadas da plateia. [...] No causo da bicicleta é necessário um certo conhecimento da fala regional de Goiás e um alto grau de familiaridade com a linguagem rural do Brasil para que haja entendimento por parte do ouvinte.

Nos causos, existem marcas linguísticas que fazem parte do perfil do prosador. A linguagem simples e caipira pode transmitir vários efeitos de sentidos aos interlocutores. Segundo Batista (2007, p. 110), nesse gênero discursivo “o que mais se preza é que a história seja boa para ouvir, que entretenha, ensine, crie os vínculos sociais em torno da cultura que se produz e reproduz a cada contação. O que não significa que os causos sejam contados como fantasia”.

Os causos são narrativas que também trazer em si humor e circular na esfera midiática, com intuito de persuadi os interlocutores. Muitas vezes, o prosador conta histórias que

---

<sup>10</sup> Os causos são histórias que têm origem na cultura popular. Utilizam, sobretudo, a linguagem verbal. Podem ser histórias engraçadas ou assustadoras, mas que devem ser contadas de maneira singular. Um causo para ser bem contado tem que conferir às palavras entonação, ritmo, sotaque e expressões interioranas. Esses elementos são fundamentais para cativar a atenção dos interlocutores e provocar as mais diferentes sensações.

vivenciou. Geralmente, afirma que a história contada é um fato, e não ficção. Esse estilo de contação de histórias traz ensinamentos, valorações, marca identitária, aspectos regionais e culturais. Batista (2007) explica, ainda, que o prosador pode contar causos que outra pessoa vivenciou:

[...] quem o conta é seu ‘autor’. Quando o fato que deu origem ao caso não foi vivido ou testemunhado por quem conta, é dada a referência: diz quem contou, ainda que a memória popular não tenha formalidades autorais, um mínimo de indicações registra a origem do relato. (BATISTA, 2007, p. 103)

Nos causos, as personagens costumam ser pessoas comuns, e não seres inanimados, animais personificados ou super-heróis. Um elemento que marca esse gênero é o exagero com que o prosador conta uma situação comum do dia a dia, o que transmite o efeito do riso. Esse exagero pode perpassar os mais variados estilos de histórias.

Tendo como base os conceitos de Bakhtin (2003), Gedoz e Costa-Hübes (2011), podemos classificar o caso como um gênero primário, uma vez que está inscrito nas narrativas de tradição oral. Constitui-se em situações de comunicação verbais informais, isto é, do cotidiano. Quando transcrito para o papel, adquire características dos gêneros secundários, por ter de seguir a norma culta e adotar elementos que compõem a modalidade escrita da língua. Assim, perde parte de sua riqueza comunicativa, uma vez que não se fazem presentes a entonação, o sotaque, as pausas e as gírias, que formam uma unidade indissociável, prendendo a atenção do público e gerando humor.

Para obter sucesso na contação de caso, é preciso que o prosador sinta a história, viva cada acontecimento e situação, mostrando aos interlocutores que, de fato, ele acredita naquilo que está contando. Percebemos isso claramente nas histórias de Geraldinho. Muitas vezes, esse narrador-personagem vivenciou os acontecimentos de cada enredo. Ele não dava título aos seus causos, mas a moral de cada história era muito bem compreendida. O prosador tinha uma performance excelente para alcançar os efeitos de sentidos desejados.

Um bom contador de histórias sobrevive às transformações sociais. Não perde o prazer em contar quantas vezes for preciso a mesma história e com a mesma riqueza de detalhes. Para tanto, é preciso assumir o papel social de narrador para saber contar uma história de maneira simples, de modo que os interlocutores possam memorizá-la, assim como Geraldinho.

A seguir, apresentaremos a importância da entonação com base na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, na qual Volóchinov (2017, p. 357) afirma que “a entonação é um dos

modos de expressão da ênfase valorativa ou avaliação, podendo, no discurso cotidiano, ser independente da composição semântica da fala”. Isso significa que a materialidade dialogada expressiva alcança efeitos significativos em uma comunicação social, posto que é através dela “[...] que a palavra entra em contato direto com a vida. E antes de mais nada, o falante entra em contato com os ouvintes justamente por meio da entonação” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 123).

### 3.4 ENTONAÇÃO: O EMOTIVO-VOLITIVO

De acordo com Volóchinov (2017, p. 77), “os juízos e valorações se referem a uma certa tonalidade, na qual a palavra entra em contato com o acontecimento da vida e se funde com ele em uma unidade indissolúvel”. Ou seja, o tom consiste em mediador valioso para a compreensão do enunciado. Através dele, a materialidade se compõe em enunciado. Quando Geraldinho enunciava a partir de seu contexto sócio-histórico-ideológico, antes mesmo do enunciado ser externalizado, ele compunha, em seu pensamento, um visual de aparência caipira, já sabendo o tom a ser usado ou a entonação que seu discurso teria. Para Bakhtin (2003), o tom emotivo-volitivo estimula a compreensão de qualquer tema ou pensamento.

A atitude comunicativa, valorativa, afirma o pensamento, mostrando as valorações e propiciando o ato. Antes da externalização de uma palavra ou de um dizer se tornar enunciado, o sujeito internaliza, no pensamento, o emocional e o volitivo (participativo), o pensamento entonado (valorativo). Essa entonação atinge todo o pensamento. No caso de Geraldinho, esse prosador, de maneira intencional, enunciava com entonação. Notamos em suas narrativas o momento em que ele acelera a fala, muda a entonação, confere mais expressividade, como no clímax da história, e solta a sua risada. Assim, um tom emocional e volitivo abrange toda escolha lexical do pensamento, em um ato enunciativo, e o relaciona com a situação individual do ser (BAKHTIN, 2013, p. 41-42).

Ao expressar um enunciado em um determinado tom, o locutor observa a situação enunciativa, a proximidade com os interlocutores, os juízos de valor e o nível de formalidade ou informalidade. Sendo assim, o enunciado é analisado no contexto, isto é, “situado”. No “Causo do Peãozinho Novo”, por exemplo, se essa oração “[...] e o registro dele foi e bambeou” for pronunciada num contexto fora da contação de causos, certamente a entonação ganhará outra sonoridade, não se configurando em narrativa humorística, sendo dita de uma maneira mais séria. Nesse caso, o lexema escolhido continua o mesmo, o que muda é o

sentido do enunciado a partir da situação e contexto rural. Dessa forma, tanto a tonalidade quanto o sentido das palavras “registro” e “bambeou” são ressignificados em outro contexto, posto que Geraldinho as utiliza para se referir ao corpo do peãozinho.

Em *Questões da estilística no ensino da língua*, Bakhtin (2019, p. 30) ensina os alunos a lerem em voz alta para ajudá-los no processo de construção de seus textos. Segundo ele, os estudantes “devem sentir e ver qual é a necessidade interna de combinar a entonação com a mímica e o gesto quando o verso é pronunciado em voz alta”. Ressalta, ainda, que a leitura deve ser feita com expressividade máxima, mesmo que tenham que forçar a *entonação*, pois é importante que sintam (emocional) e escutem, para terem percepção artística e serem autores de seus textos.

Para Bakhtin (2016, p. 86), todo discurso é permeado por “fios dialógicos”. Isso porque, o individual do sujeito, no ato enunciativo, não se opõe ao social, sendo, a todo momento, nas interações sociais, constituído, visitado e interpelado pelo social, como se o discurso fosse resposta a outros discursos, e os outros discursos respostas a outros, gerando uma cadeia infinita de relações dialógicas. Destarte, o locutor é um respondente no processo comunicativo, pois o discurso não se origina dele.

As narrativas de Geraldinho foram elaboradas por discursos já citados em uma outra época. Seus pais e avós tinham o costume de contar causos que valorizavam a religiosidade, as dificuldades de um namoro, o conhecimento sobre a natureza. Por mais únicos e irrepetíveis que pareçam ser seus enunciados, os discursos presentes nos causos foram constituídos pelos discursos de outros. Em uma vídeo-entrevista, em 2013, os filhos de Geraldinho disseram que parte dos causos contados pelo pai eram acontecimentos reais. Ele os contextualizava, utilizando seu domínio artístico. Segundo Volóchinov (2017, p. 124):

[...] os enunciatários ao construírem sentidos múltiplos e singulares da recepção do enunciado, refratam os tons do seu projeto de sentido em tonalidades singulares, em conformidade com os pontos de vista únicos de cada um deles e com a amplitude do contexto em que esse enunciado tomou corpo.

Certamente, as leituras e interpretações feitas em torno dos causos de Geraldinho são múltiplas, pois cada uma das interpretações dos enunciados tem significação ideológica. Nesse sentido, o caso é recriado a partir dos aspectos culturais e sociais dos ouvintes. Essas ressignificações são construídas com base nas ideologias deles. Desse modo, a palavra sai do solo social, perpassa o sujeito, ganha ressignificação e é respondida de forma heterogênea.

Portanto, “não se deve abstrair a forma de significação do seu contexto” (FARACO, 2010, p. 23).

Frente a isso, a palavra usada em uma situação real contém juízo de valor apreciativo, que é transmitido por meio do texto e da entoação expressiva. Por isso, concomitantemente à palavra, podemos perceber expressões faciais, gesticulações, sinais, acenos, tonalidade e entonações, o que contribuem para o processo de formação das mensagens (discursos) a serem transmitidas. Nos enunciados dos vídeos-causos originais de Geraldinho, percebemos todos esses elementos, que são permeados de musicalidade, tanto no contexto da zona rural (sentado no banquinho) quanto em um auditório. Ele carregava consigo a expressão corporal, fazia sinais e acenos com as mãos.

Na próxima seção, são apresentadas as análises dos causos, de modo a compreendermos como esse gênero discursivo se constitui na rede discursiva midiática, tornando-se signo ideológico da cultura caipira. Buscamos compreender também os valores ideológicos do prosador, que, com sua simplicidade e autenticidade, cativou muitas pessoas.

### 3.5 A RETOMADA DOS CAUSOS DE GERALDINHO EM CONTEXTO ANIMADO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Um aspecto importante que devemos abordar é a retomada dos causos de Geraldinho em animação. Os causos desse prosador voltaram a fazer parte do cotidiano dos goianos no ambiente digital, em forma de animação, em junho de 2021, no *Youtube*, no canal *Frutos da Terra*.

O primeiro episódio apresentou o “Causo do Tobogã” (BRASIL 48 HORAS, 2021). A animação dos causos foi estruturada pela produtora Plural Imagem e Som. Ela produziu os vídeos a partir de uma mistura de causos novos e antigos, trazendo outros temas e mantendo as características e a originalidade das narrativas. Porém, quem fala nos vídeos em animação é uma imitação da voz de Geraldinho, que se aproximou bastante da voz original do prosador.

Nesta seção, estabeleceremos uma comparação entre as duas formas utilizadas na enunciação dos causos de Geraldinho para uma análise dialógica. Na seção seguinte, apresentaremos as análises dos outros causos.

É importante mencionarmos que esse projeto foi realizado a partir do registro histórico de vídeos de Geraldinho. Segundo a produtora das animações, “a intencionalidade dos vídeos foi trazer de volta os episódios desse artista caipira que se tornou um patrimônio cultural”

(BRASIL 48 HORAS, 2021, n. p.). Até o momento da elaboração deste estudo, constatamos 26 vídeos-causos em animação. Desse total, somente o “Causo do Peãozinho Novo” apresenta maior similaridade entre a história como foi contada originalmente e a animação<sup>11</sup>. Mesmo assim, há alterações, como no aspecto referente ao tempo da história. No causo original, Geraldinho a conta no decorrer de seis minutos; já no causo em animação, a história é contada em apenas dois minutos. Também notamos uma mudança na linguagem. No vídeo original, percebemos uma linguagem mais arrastada, mais típica do caipira goiano, já no causo em animação a linguagem se distancia da original do prosador.

Um aspecto importante que podemos observar é o fato de que Bakhtin vincula a formação de novos gêneros ao aparecimento de novas esferas de atividade humana, com finalidades discursivas específicas. Assim, nesta seção pensamos na voz social do gênero causo em animação, uma vez que, o gênero do discurso causo digital/animação foi criado após a morte do prosador. Assim, analisamos que quem fala agora não é mais o caipira, no entanto, uma representação de sua voz, pois quem criou Geraldinho em desenho animado foi a produtora Plural Imagem e Som, por isso, o sujeito que fala através do personagem em animação é uma representação do prosador. Também analisamos que seu público alvo não é mais as pessoas da década de 1980, contudo, são os interlocutores dos anos 2000 que agora se encontram em uma outra esfera comunicativa, a do meio digital.

Analisamos também algumas diferenças entre o gênero do discurso causo original, contado pelo próprio Geraldinho em relação ao gênero do discurso causo digital/animação. Uma delas é o cenário que já não é mais os palcos de teatros em que Geraldinho participava, agora vemos um cenário totalmente digital/midiático, pois os causos animados podem ser assistidos de qualquer auditório social, os interlocutores não precisam comprar ingressos para assistirem aos shows de Geraldinho, pois em sua própria casa, no trabalho, na escola, no supermercado, em qualquer lugar é possível assistir aos causos, basta ter um aparelho eletrônico (celular, tablet, notebook, entre outros).

Dessa forma, notamos que a contação de histórias (causos) ganhou uma nova valoração ideológica, pois no causo original os interlocutores eram envolvidos no processo imagético por meio da oralidade juntamente a presença de Geraldinho, já nos causos em animação se tem a materialidade verbovocovisual, isto é, o cenário já não é mais o meio rural, nem os palcos de teatros, também a voz que se ouve dos causos não e somente a de

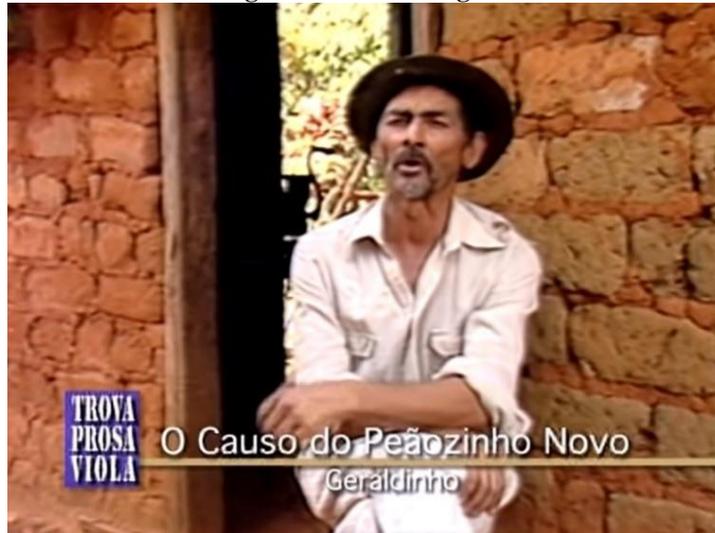
---

<sup>11</sup> Esses vídeos-causos podem ser encontrados no *Youtube*, no canal *Frutos da Terra*. Ver: [https://www.youtube.com/watch?v=yNGCU54PnWc&t=19s&ab\\_channel=FrutosdaTerra](https://www.youtube.com/watch?v=yNGCU54PnWc&t=19s&ab_channel=FrutosdaTerra)

Geraldinho, mas agora nos causos em animação existe toda uma produção de sons, cores, imagens e estratégias de focalização da câmera, como veremos a análise logo em seguida.

O referido caso é iniciado com Geraldinho contando a história como se estivesse sendo entrevistado, o que era costume acontecer na época em que ele participava dos programas de auditório. A Figura 8 mostra como se dava essa contação de história. O cenário parecia ser a porta de sua casa. Sentado em um banquinho, o prosador contava seus causos como se estivesse sendo entrevistado, mas sem a fala do entrevistador. No vídeo original, o enunciado é verbovisual. Nesse contexto, ecoam a linguagem simples e a vida na roça. Marca um tempo e um espaço onde a identidade do caipira, que passou a ser autor tanto na vida quanto na arte, se constitui.

**Figura 8 – Causo original**



Fonte: Frutos da Terra (2017b).

O lugar-sertão é o cenário apresentado nessa figura. Através da oralidade, o prosador revela aos interlocutores seus costumes, suas ideologias, suas crenças, sua vida, seu discurso. No causo original, o verbal se desenvolve no imagético e ecoa no visual (consciência). Os interlocutores imaginam a história contada e passam a ser participantes do enredo. A característica física é, ao mesmo tempo, dialógica e ideológica, dado que os enunciados se estabelecem na relação de um jogo de linguagem informal, cultural e metafórica. O homem do campo, simples, matuto e de mãos calejadas ganha seu espaço no mundo.

Nesse contexto, o elemento extraverbal não obtém materialidade sígnica fora do enunciado, pois ele “é um enunciado no mundo e do mundo. O pensamento que está no mundo, incluído, integrante. A participação no mundo e que gera o acontecimento” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 158). Assim, o verbal e o extraverbal se unem, em uma unidade

indissociável. Os causos configuram-se em narrativas trazidas para dentro de outras narrativas, cuja roda de conversa-causo se dá no espaço-tempo atual, isto é, em ambiente digital, como mostram as Figuras 9 e 10:

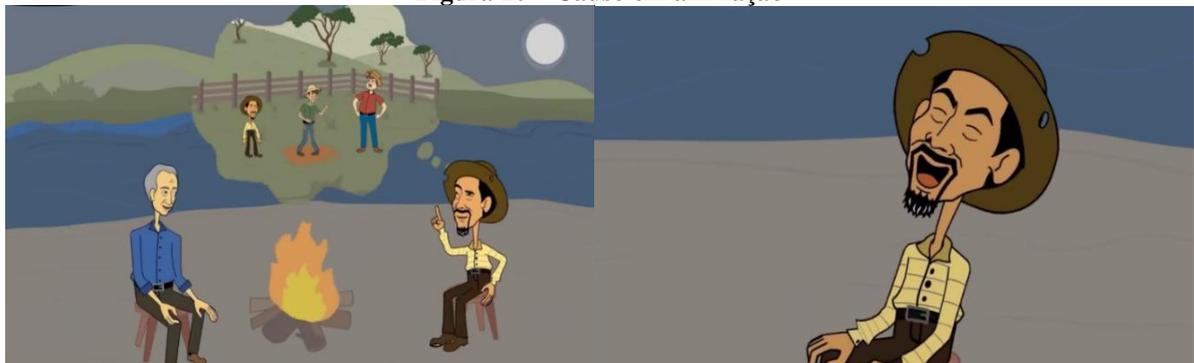
**Figura 9 – Entrevista em animação**



Fonte: Brasil 48 Horas (2021).

A caricatura de Geraldinho, os aspectos físicos, como a bota furada, a camisa xadrez, o chapéu rasgado, conferem riqueza e originalidade ao vídeo-causo. A materialização vocal, em consonância com as vozes Hamilton Carneiro e Geraldinho, revela não somente uma conversa entre entrevistador e entrevistado, como acontecia no vídeo original, mas também maior proximidade e intimidade entre eles, posto que a entonação discursiva apresenta um diálogo entre amigos.

**Figura 10 – Causo em animação**



Fonte: Brasil 48 Horas (2021).

Como mostrado pela Figura 9, o cenário do vídeo em animação não é mais a porta da casa de Geraldinho ou o auditório. Geraldinho e Hamilton estão sentados ao redor de uma fogueira, elemento esse que remete ao contexto rural. Os sertanejos gostam de sentar em volta

de uma fogueira para ouvirem histórias. Essa imagem no começo do vídeo refere-se à contação de histórias, que era muito comum no cotidiano da vida sertaneja em Goiás.

Pontuamos que o elemento verbivocovisual constitui a materialidade enunciativa verbal do caso original. As narrativas do prosador ganham visualidade (imagem) e sonoridade nos casos em animação. O som do cavalo ao relinchar, quando montado pelo peãozinho novo, a característica da personagem (rapaz jovem), a expressão fácil de medo ao montar o cavalo, o som musical de suspense, quando o cavalo sai em disparada atrás do “boi brabo”, são aspectos que atraem a atenção do público, tanto adulto quanto infantil. A linguagem caipira não reside somente no imagético, mas também na materialidade sógnica.

E ainda, a risada caricata original de Geraldinho, no início e no fim do vídeo, retomando uma de suas marcas, enfatiza o processo emotivo-volitivo, sendo ela o primeiro e o último som a ser internalizado pelo interlocutor. O fundo musical de tensão e o uso de metáforas para dizer o que parece ser proibido ser dito, quando “a tripinha do peãozinho começa a derramar”, contribuem para a composição da vivacidade e da expressividade no caso.

No fim da animação, aparece novamente a imagem de Hamilton Carneiro e Geraldinho em volta da fogueira. Nesse momento, o prosador tem sobre sua cabeça um balão de pensamento, possivelmente para enfatizar a sua posição de narrador-personagem. Nesse cenário, o peãozinho novo adquire, em sua voz, entonação de criança, o que denota ironia e chacota, devido à sua inexperiência.

Os enunciados nas relações de comunicação consistem em um emaranhado de vozes que revelam contextos axiológicos, introduzindo outras vozes que reverberam nos sujeitos. Geraldinho representa a voz social humorística. Ele é artista, narrador, autor-criador. Ao mesmo tempo, representa a voz de resistência, luta, valorações e cultura. Esses são valores semiotizados na construção do riso. Esse prosador, através do discurso humorístico, refletiu e refratou seus enunciados no mundo. Por meio do riso, desestabilizou o oficial e se estabeleceu como força centrífuga de resistência (BAKHTIN, 2003); gerou tensões entre classes sociais ao carregar consigo valores de um estereótipo que era visto como “sem cultura”.

Na esfera humorística, os casos devem ser compreendidos não somente como contações de histórias, mas também como signo ideológico. Conforme Volóchinov (2017, p. 91), “tudo que é ideológico possui significação: ele representa algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo. Onde não há signo também não há ideologia”.

Vindo de um grupo social de menos prestígio, Geraldinho conquistou o público, inseriu-se em sociedade distinta da sua, e hoje sua história não está acabada; ela vive em

ambiente digital, mesmo que a intencionalidade do projeto em criar os vídeos de animação fosse para colocar Geraldinho como produto de marketing, pois de alguma forma existe um retorno financeiro, os vídeos-causos animados tem tido um efeito positivo por parte dos interlocutores, uma vez que, os comentários que encontramos são sempre de carinho, respeito e saudades do nosso caipira. A despeito disso, a estratégia fez com que esse prosador fosse conhecido e reconhecido nacional e internacionalmente, posto que o *Youtube* pode ser acessado em quase todos os países.

### 3.6 ANÁLISES DOS CAUSOS

Percebemos que os causos são enunciados repletos de ideologias que refletem a cultura sertaneja, de modo que “a linguagem se configura como materialização de vozes sociais valoradas socialmente, que se hibridizam em um movimento entre ‘já-ditos’ e ‘ainda não-ditos’” (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2006, p. 52). Portanto, a linguagem enquanto atividade humana é de natureza social, o que permite posicionamentos discursivos, explícitos ou não. Além disso, é por meio das relações dialógicas que são construídas as vozes sociais presentes nos enunciados concretamente produzidos.

A seguir, serão abordadas as categorias linguagem, discurso e enunciado nas análises dos causos selecionados.

#### 3.6.1 Causo da Bicicreta

No enredo do “Causo da Bicicreta”, Geraldinho conta que sua esposa ficou doente e ele “panhou” umas ervas para fazer um remédio. Não obteve muito sucesso. Então, resolveu levar sua esposa ao médico, na cidade, para o doutor “dar uma reformada nela”. A mulher ficou internada. Como ele não tinha nenhum meio de transporte, um amigo o aconselhou a comprar uma bicicleta. Geraldinho ficou desconfiado porque não sabia andar “nesse trem”. No entanto, era o único meio de ir visitar a esposa. Assim, comprou a famosa bicicleta. A comicidade da história está nas inúmeras tentativas de manuseá-la, tentando “amansar o veículo”.

Segue a transcrição do causo (FRUTOS DA TERRA, 2017a, n. p.):

Uai, minino, nesta época, sô, que pegô a saí essas biciretas, esses recursu, nunha ocasião a muiê rumô lá uma perrenguce, uma clamura, uma gemura esquisita, aquilo não miorava; eu rancava uma saroba ali no terreiro memo, fazia uma xaropada, dava pra ela bebê... foi ficanu pió; aí eu maneí: danô!. - Aí eu tentei levá ela pra cidade prum doutô dá uma reforma nela pra mim. Aí fui lá, rumei um agasaio, e levei ela... falei pro doutô: ‘Oia, eu troxe a muié. O sinhô espia o que tá fartanu nela e arruma ela pra mim. Eu não posso ficá aí não, eu tinha sirviço e era longe’. Aí, rapaiz, larguei ela e fui embora e era de a pé, eu ia lá dia de sabdo pra vê cumé que tava. Segunda-fera de madrugada eu virava pa trais de a pé, era aquela dificuldade. Nesse tempo, esses ricurso que tem hoje era poco. Intão foi inu ansim, um dia, sô, eu cheguei lá um dia de sabdo já p’ûas deiz hora da noite, tinha um cumpanhero lá me esperanu, queria fazê um negócio comigo, esperô... aí eu cheguei cansado... Aí nós prusiemu ali um prazo... eu cramano pr’ele, aí ele falô: — Aí, Gerardim, pru que que ocê num compra ùa bicireta? Falei: — Deus me livre sô, nunca muntei naquilo, sei mexê c’aquilo não. Aí ele falo: — Cê é bobo rapaiz, cum duas viage que ocê andá, ocê anda, que ocê exprementá ocê anda... e eu sei dum minino que ele tem ùa, ele vende ela baratinho. Rapaiz, e eu infruí c’aquela proposta. Aí eu fui e falei pr’ele: — Ó intão faiz assim, ocê cumbina cu’ele lá e toca esse trem pra cá pra mim... nem buscá isso eu num sei não. Aí ele foi imbora. Quando foi domingo, já de tardinha, ele chegô lá c’aquela aranzé, rapaiz. Quando ele me intregô ela, rapaiz, me deu um ripindimento, eu mainei, esse trem num presta. Aí, rudiei ela dum lado, d’oto. Pra mim tava tudo afiadim, a gente num conhecia, né. Aí, nós prosião, logo ele foi imbora, já o sol já tava quais de entranu. Eu mainei: — Ah, vô dá um repasse nesse trem é hoje memo. Peguei ela, eu mainei, eu vô lá pu campo de avião, ansim que tinha cumeçado esse campo lá. Vô pra lá que lá eu tô suzim, num tem ninguém pra fazê bagunça cumigo. E aí eu fui de pareia cu’ela, eu num sabia andá de pareia cu’ela, sô. Ela ia me puxanu assim, eu trupicava naquele istribu dela e muntuava em riba dela. Eu já fui disgostanu c’aquilo, falei: — Esse trem num presta. Foi da rua até lá nu campu ela me derrubô treis veiz. Mai eu teimanu, vamu vê. [...] Aí, eu gritei um santo, sô, ele num tava em casa... gritei oto, ele tava acudinu oto pr’ota banda...até que eu gritei um mai mais agraduado, mais aí já tava cheganu nu arame. Aí, quandi eu vi que ia, eu mainei eu vô aprumá que eu bato o istamu e caio de costa. Quandi eu aprumei, rapaiz, o rodero de diante dela tamém levantô e taaaaaaa... nós vazô. O santo num pode pará ela pra mim, mas judô a torá o arame pra nós passá. Aí quandi... — Uai você num agradeceu ele não? — Não, hora que eu disacupeí desse aranzé lá embaixo, eu num fiquei sabenu qualé que me acudiu que eu chamei eis tudo. Aí eu agardici eis tuudo. Falei: — Teve bão.

O causo é composto por quatro personagens: Geraldinho, que faz o papel de narrador-personagem, ou seja, ao mesmo tempo que ele conta a história, também participa dela; a esposa, o amigo e o médico. A história se passa em dois cenários: o primeiro é a casa de Geraldinho, localizada na zona rural, distante da cidade; o segundo é o hospital, que ficava na zona urbana.

Analizamos enunciados retirados do causo para verificarmos o uso ideológico valorativo e a posição de Geraldinho enquanto sujeito que enuncia. Assim como foram abordados o gênero discursivo, o enunciado e a linguagem, podemos dizer que o discurso dito

não é composto apenas por palavras, mas contém um valor apreciativo valorativo, ou seja, as palavras são ideologias, convicções de mundo dos sujeitos. Quando falamos, não estamos apenas dizendo algo, mas também nos posicionando e mostrando nossas valorações. Assim sendo, por traz de uma palavra, um dizer, um discurso, encontram-se aspectos acerca do que seja verdade, mentira, justiça, injustiça, bem ou mal. Por isso, a palavra é considerada um signo ideológico constituída de aspectos sociais e axiológicos.

A cada etapa do desenvolvimento da sociedade, encontram-se grupos de objetos particulares e limitados que se tornam objeto da atenção do corpo social e que, por causa disso, tomam um valor particular. Só este grupo de objetos dará origem a signos, tornar-se-á um elemento da comunicação por signos. Como se pode determinar este grupo de objetos ‘valorizados’? Para que o objeto, pertencente a qualquer esfera da realidade, entre no horizonte social do grupo e desencadeie uma reação semiótico-ideológica, é indispensável que ele esteja ligado às condições socioeconômicas essenciais do referido grupo, que concerne de alguma maneira às bases de sua existência material. Evidentemente, o arbítrio individual não poderia desempenhar aqui papel algum, já o signo se cria entre indivíduos, no meio social; é portanto indispensável que o objeto adquira uma significação interindividual; somente então é que ele poderá ocasionar a formação de um signo. Em outras palavras, não pode entrar no domínio da ideologia, tomar forma e aí deitar raízes senão aquilo que adquiriu um valor social. (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2006, p. 46)

Quando o narrador diz: “Eu rancava uma saroba ali no terreiro memo, fazia uma xaropada, dava pra ela bebe” (FRUTOS DA TERRA, 2017a, n. p.), verificamos um valor ideológico dos conhecimentos botânico e fármaco, típicos da vida junto à natureza, em complexo diálogo. O caso reflete e refrata a sabedoria do homem sertanejo, posto que a primeira ação de Geraldinho foi tentar curar a esposa através da medicina natural. Não obtendo sucesso, ele a levou até um médico. Essa segunda ação do prosador mostra que ele depositou confiança no saber científico e, ao mesmo tempo, revela uma voz de autoridade em relação ao médico, porque o saber em torno da medicina natural consistia em sinal de poder e respeito.

Nesse caso também são perceptíveis ideologias que predominavam na cultura goiana sertaneja. Ao comparar o médico a um mecânico, Geraldinho critica o fato de o médico não ter superpoderes ou dominar técnicas sobrenaturais. Ele o apresenta como um homem simples, comum. Essa atitude irônica em relação ao profissional pode causar estranheza, pois, para entender um provérbio<sup>12</sup> específico da cultura sertaneja, é preciso conhecer os valores

---

<sup>12</sup> “Provérbios são expressões ditas no dia a dia, no discurso informal, cujas origens são das experiências humanas. Estas frases populares carregam consigo um conhecimento, por isso transmitem sabedoria de quem

axiológicos, as manifestações culturais e as práticas sociais desses sujeitos. Por isso, o caipira goiano não demonstrava nenhum pudor em fazer anedotas<sup>13</sup> sobre a medicina convencional e o médico. A crítica irônica está em um falso elogio exagerado direcionado ao doutor. O contador de causos evidencia que era comum, na comunidade sertaneja, piadas sobre médicos.

Outro aspecto ideológico relevante diz respeito à necessidade de posse e domínio tanto da mulher quanto da bicicleta: “Aí eu tentei levá ela pra cidade prum doutô dá uma reforma nela **pra mim** [...] Oiá, eu troxe a muié. O sinhô espia o que tá fartanu nela e arruma ela **pra mim**” (grifos nossos). Geraldinho diz “pra mim” duas vezes. Isso evidencia a necessidade de domínio do ser humano. No contexto em específico, quanto mais o homem domina, mais seguro e confiante ele se sente. Além disso, ele compara sua esposa a uma máquina, que poderia ser consertada, e consertada para ele.

Assim, analisando discursivamente com a lente da contemporaneidade, podemos observar que Geraldinho estava sendo machista ao ter uma atitude de domínio/posse sobre a esposa e fazer a comparação dele como se fosse uma máquina. Talvez para ele, essa atitude era de proteção e cuidado, algo comum em seu contexto, uma vez que, o papel da mulher era ser dona do lar e sua função era exclusivamente ficar em casa cuidando dos filhos e dos afazeres da casa, enquanto o homem saia para trabalhar e prover mantimento para a família. Portanto, nesse caso analisamos um discurso machista nas atitudes do prosador.

Além desses aspectos, observamos a questão da religiosidade. A comunidade sertaneja goiana é marcada pela tradição de respeito religioso. Observamos, nas festividades, comemorações como *Folia de Reis*<sup>14</sup>, *Pecuária*<sup>15</sup>, *Divino Pai Eterno*<sup>16</sup>, *Procissão do Fogaréu*<sup>17</sup>,

fala e lição para quem ouve. O nome ‘provérbio’ origina-se do latim *proverbium*. Acredita-se, ainda, que a palavra pode ser de origem religiosa. Registros apontam que os provérbios e ditados já eram usados há tempos, na época Antes de Cristo (a.C.). Filósofos, reis, rainhas e pensadores recorriam a estas expressões que passaram por vários períodos históricos e continuam em uso” (EDUCA MAIS, 2019, n. p.).

<sup>13</sup> “Anedota é, originalmente, um caso ou acontecimento curioso, peculiar ou engraçado que é pouco divulgado, pois normalmente decorre em segundo plano de um evento mais significativo. Uma anedota também pode ser o mesmo que uma piada, ou seja, uma narração breve de algum fato cômico, seja baseado em acontecimentos reais ou fictícios” (SIGNIFICADOS, 2021, n. p.).

<sup>14</sup> “A Folia de Reis ou Reisado é um auto popular no qual rememora-se a jornada dos reis magos: Gaspar, Melchior - ou Belchior- e Baltazar a partir do momento em que eles recebem o aviso do nascimento do Jesus, até quando o encontram. A celebração tem início dia 24 de dezembro e prossegue até 6 de janeiro” (ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE GOIÁS, 2022, n. p.).

<sup>15</sup> Com o nome oficial de Exposição Agropecuária do estado de Goiás, a popularmente chamada de Pecuária de Goiânia, é uma das maiores e mais tradicionais festas do estado, e uma das maiores do gênero sertanejo do país, e reúne expositores, leilões, provas de montaria e shows durante o mês de maior (DIÁRIO DO ESTADO, 2021, n. p.).

<sup>16</sup> A Romaria do Divino Pai Eterno ocorre desde a descoberta do medalhão, por volta de 1840, e tem seu ponto alto no primeiro domingo do mês de julho. A manifestação reúne milhares de pessoas vindas de vários lugares com destino ao Santuário Basílica do Divino Pai Eterno, um lugar de paz, onde os fiéis buscam sentido para a vida, alívio para as dores e agradecem as graças recebidas (ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE GOIÁS, 2022, n. p.).

Congada<sup>18</sup>, dentre outras. Há forte influência da Igreja Católica nas tradições regionais, principalmente nas cidades de Pirenópolis, Cidade de Goiás e Trindade. Na frase, “O santo num pode pará ela pra mim, mas judô a torá o arame pra nós passá”, percebemos que Geraldinho acredita em um santo, porém não menciona o seu nome. Essa crença evidencia que ele tinha religião, mas não considera que o santo possa fazer milagres, no entanto dá uma ajuda. Implicitamente, ele critica alguns santos, por não terem condição de ajudá-lo em sua dificuldade com a bicicleta. Quando analisamos a palavra “pode”, que significa ação de poder, ter capacidade, entendemos que Geraldinho utilizou esse verbo para criticar implicitamente o santo. Se ele tivesse escolhido a palavra “conseguir”, por exemplo, a frase ficaria da seguinte forma: “O santo não conseguiu parar ela pra mim”, o que nos remeteria a um outro efeito de sentido: o santo tinha o poder de parar a bicicleta, mas ele não conseguiu naquele momento, naquela situação. Compreendemos, assim, que o santo não teve o poder para fazer o que Geraldinho queria, frear a bicicleta. E ainda, o santo não deu o milagre que ele precisava, mas fez outro que estava ao alcance dele, o que ajudou o narrador a passar pela cerca.

Geraldinho, mesmo após ter ganhado notoriedade, não perdeu a identidade de homem do campo. O seu discurso foi produzido conforme as ideologias da época. Essa condição o favoreceu para provocar o riso. Afinal, o sujeito se posiciona de acordo com o seu aspecto social. Por isso, seus interlocutores recebiam seu discurso positivamente, o que nos leva a afirmar que o homem enuncia a partir de seu contexto-sócio-histórico-ideológico. Geraldinho, enquanto personagem, conhecia seu público-alvo e criava suas histórias para causar efeitos de sentidos positivos, haja vista que:

[...] tudo que é dito, tudo que é expresso por um falante, por um enunciador, não pertence só a ele. Em todo discurso são percebidas vozes, às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis, assim como as vozes próximas que ecoam simultaneamente no momento da fala. (BRAIT, 2005, p. 14)

---

<sup>17</sup> Trata-se de uma das cerimônias mais tradicionais do Estado de Goiás, que une, há mais de 260 anos a religiosidade católica com o folclore goiano. O ritual ocorre durante a quinta-feira santa, na cidade de Goiás, encenando a prisão de Jesus Cristo, com início a 0:00. Para a realização do evento, a iluminação pública é apagada, e os farricocos iniciam a tradição ao som de tambores, na porta da Igreja da Boa Morte, localizada na praça principal da cidade (DIÁRIO DO ESTADO, 2021, n. p.).

<sup>18</sup> A Congada faz parte da Festa de Nossa Senhora do Rosário, no município de Catalão. Realizada, também, em outros municípios, a exemplo de Niquelândia, é reconhecidamente a mais antiga manifestação do gênero em Goiás, datada de 1876. A dança dos congos teve sua origem a partir da vinda de africanos escravizados, e usada pelos jesuítas para sublimar o instinto guerreiro do negro, a partir da criação de uma luta irreal entre cristãos e pagãos (ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE GOIÁS, 2022, n. p.).

Contudo, no “Causo da Bicicreta”, o foco principal não é a esposa que fica doente, nem o médico com quem o prosador dialoga, e sim as inúmeras tentativas do narrador em conseguir andar na bicicleta pela primeira vez. Podemos pensar que andar em uma bicicleta é algo simples e fácil de fazer. Todavia, para Geraldinho, aquilo era algo novo e, ao mesmo tempo, difícil de se obter, pois era pobre, um trabalhador rural. Ele conseguiu comprar uma bicicleta usada.

O humor desse caso reside na riqueza de detalhes. Geraldinho explorou as tecnologias de sua época para criar histórias e divertir as pessoas. Fez uso de estratégias da narrativa, como o tom emocional e volitivo.

Um verdadeiro pensar concebido como ato é o pensamento emocional e volitivo (participativo, interessado), o pensamento entonado (apreciativo), e esta entonação penetra substancialmente em todos os momentos do conteúdo do pensamento. Um tom emocional e volitivo abarca todo o conteúdo semântico do pensamento no ato e o relaciona com o evento singular do ser. (BAKHTIN, 2003, p. 41-42)

Portanto, percebemos que o prosador possuía das mais diversas estratégias para discursar em público, pois ele fazia escolhas que determinavam a forma e o estilo da enunciação. Seu discurso era constituído por meio das relações sociais, por isso, os casos se tornaram um produto ideológico. Assim, podemos verificar que todos os aspectos da fala do caipira eram pensados mediante a produção dos enunciados (causos), portanto “na entonação, a palavra (enunciado) entra em contato direto com a vida. E antes de mais nada, o falante entra em contato com os ouvintes justamente por meio da entonação” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 123).

### **3.6.2 Causo do Osso**

O “Causo do Osso” retrata uma situação constrangedora vivenciada pelo prosador. O caipira era muito namoradeiro e, geralmente, os pais de suas namoradas eram bravos e rígidos. Assim, os encontros que ele tinha com uma de suas “namoradinhas” era apenas em reuniões específicas, como na missa da igreja e em festas populares. Mesmo assim, a moça nunca estava sozinha. Essa “namoradinha” de Geraldinho não o apresentava para a família, porque o pai era sistemático e bruto, características comuns de muitos homens daquela época.

Certo dia, o pai da menina fez um mutirão<sup>19</sup> para roçar uma invernada, sendo o narrador um dos convidados. Ele foi o primeiro a chegar ao local, para mostrar que era trabalhador. Tinha a intenção de falar com a moça, que passava de hora em hora pelo portãozinho, para olhar para ele.

Por volta das 11h, o pai da namoradinha convidou a todos para almoçar em sua casa, pois havia mandado preparar um porco. Enquanto almoçavam, o prosador colocou no prato um pedaço grande de carne com osso. Quando estava comendo, o seu dedo ficou preso no buraco do osso. Ele tentou disfarçar, e tirar seu dedo. Chupou o osso, “pelejou, pelejou”, mas não deu certo. Ao esconder a mão sob a mesa, com receio de sua “namoradinha” ver o que estava acontecendo, um cachorro apareceu e mordeu o osso, arrastando Geraldinho para fora da casa. Todos viram situação. Ele ficou bastante envergonhado e saiu correndo. Em suma:

[...] numa sexta-feira de tardi eu tinha uma foicinha velha e muntei na pedra de amolar com essa foici, rapaiz, mas eu tirei um pedaço do dia bão eu puis essa foici que ficou aparandu asa de musquito. E pensei: ‘amanhã eu vou ser o primeiro que vou butucar lá’. Encostei ela lá no canto e já com pressa de chegar o dia logo. A noite grande, aí, rapaiz, eu acordava e oiava escuro... e o trem num amanheci. Uma hora, quando eu vi que a barra do dia quis alevantar, eu pulei num catim veio lá do chão [...] Uma hora eu dava um passo largu pra chegar ligeiro, rapaiz, e deu certinhu do jeito que eu fiz a ideia, fui o primeiru que cheguei lá. E aí, quando eu peguei naquele osso pra jogá ele lá nu curral, eu oei, ele tava cum miolu bonitu. Ai eu pensei: ‘eu tô sozím aqui, vou proveitá esse trem’. Pelejei pra chupa ele: ele tava mei garradu. Aí eu tambuei esse dedo na broca dele, assim por baixo, fui empurrano e mamamu da outra banda. Foi até que, quando eu tava lambeno a cabeça du dedo, eu fui tira u dedo... cadê, rapaz! O coro empelotava lá na frente assim, que num dava de si de jeitu nenhum. Eu trucia ele assim, queria rasgá o coro e num sai memo. (FRUTOS DA TERRA, 2019, n. p.)

Nesse caso, Geraldinho é o narrador-personagem e o protagonista da história. As personagens são: Geraldinho, o fazendeiro, a “namoradinha” e as pessoas que participaram do mutirão, não sendo nomeadas, e nem especificada a quantidade.

O humor desse caso encontra-se na situação vergonhosa e constrangedora vivenciada pelo protagonista na casa dos pais da moça de quem ele gostava. Notamos diversas vezes nessa narrativa: a primeira voz enunciativa é a do fazendeiro, o pai da moça, sendo ele um empecilho para Geraldinho. A segunda voz é a do caipira, que, imediatamente, se prontificou a participar do mutirão, para poder ver sua “namoradinha” mais de perto. A terceira voz é a da

---

<sup>19</sup> Trabalho realizado coletivamente, para ajudar de maneira gratuita, especialmente no meio rural, buscando melhorias na comunidade (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, 2021, n. p.).

filha do fazendeiro, que, mesmo de longe, dava sinais através de olhares, correspondendo ao interesse que o prosador tinha por ela.

Segundo Volóchinov (2017), o contexto extraverbal da enunciação é composto por três aspectos, quais sejam:

1. Um horizonte espacial compartilhado por ambos os falantes. No “Causo do Osso”, o horizonte espacial é a casa/fazenda do pai da “namoradinha”.
2. O conhecimento e a compreensão comum da situação, igualmente compartilhados. Com relação a esse aspecto, o conhecimento de mundo é o trabalho rural dos voluntários, bem como o interesse de Geraldinho pela filha do fazendeiro.
3. A valoração compartilhada da situação. Percebemos nesse caso o aspecto valorativo do relacionamento conjugal, isto é, tanto o interesse de Geraldinho quanto da “namoradinha” em ter uma aproximação maior ou até mesmo um relacionamento amoroso. Contudo, o que impedia a concretização do desejo era o fazendeiro, pai da moça, pois era bravo e não deixava a filha ter namorados.

Nesse caso, há diversos valores ideológicos. Um deles é a união dos trabalhadores rurais ao fazer o mutirão para ajudar o pai da “namoradinha” de Geraldinho. Essa mobilização coletiva para roçada e colheita ainda é um costume na comunidade rural. As pessoas se disponibilizam ou são convidadas para ajudarem alguém próximo. Na maioria das vezes, elas não cobram e nem esperam nada em troca, a não ser a “bóia” (comida), mesmo o trabalho sendo árduo e demorado. A ajuda é mútua e realizada de forma gratuita. Observamos um discurso sobre pessoas trabalhadoras que sobreviviam do que produzem. Esse jogo enunciativo é estruturado linguística e translinguisticamente.

Outro aspecto abordado é o relacionamento familiar. Notamos que o caso evidencia a falta de interação verbal entre a família. Em momento algum, a “namoradinha” se dirige verbalmente a Geraldinho. O pai da moça era um fazendeiro rústico, sistemático e bravo, o que fica claro pela forma como o prosador conta a história: “Era o pai dela que era o defeituoso. Ele era um homem crespo, sistemático. Ele não aceitava a família dele apresentar pra ninguém. Sempre que eu tentava me aproximar dela, ele não deixava não”. A escolha do termo “defeituoso” mostra que o narrador está fazendo uma crítica ao fazendeiro. Geraldinho em nenhum momento diz que não gosta do pai da “namoradinha”. Contudo, ao fazer o uso de certas palavras, mostra a sua posição enunciativa, desfavorável às atitudes grosseiras do fazendeiro. Nesse contexto, ao utilizar palavras como “defeituoso” e “crespo”, o prosador não

está fazendo referência ao aspecto físico, e sim à personalidade e ao caráter, de modo a revelar algo ruim e negativo.

A narrativa evidencia alguns costumes e valores presentes em uma cultura de respeito e distanciamento, em que a autoridade estava reservada ao homem da casa. Ele era visto como superior e provedor do lar. Portanto, a sua palavra tinha maior valor. É interessante pontuarmos que a mãe da “namoradilha” não aparece na história, nem ao menos é citada, o que aponta para um discurso de menor valorização da mulher. A ideia era a de mais trabalho e menos conversa, comum na comunidade rural.

Como exemplo de intertextualidade ou dialogismo entre textos, podemos citar Fabiano, sertanejo rústico e sistemático de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, datada de 1938, que conta a história de uma família de retirantes que vive em busca de uma vida melhor. Fabiano, pai e protagonista da narrativa, é um sertanejo típico, um vaqueiro que bate de porta em porta em busca de trabalho. É um homem muito bruto, rústico e sistemático, que não sabe se expressar direito, conversa mais através de grunhidos e gesticulações. No desenrolar do romance, ele mesmo se confunde com um bicho, pois foi embrutecido pelo ambiente. O meio o transformou em quem ele era. Aqui, encontramos um homem que mantinha pouco diálogo, não somente com sua família, mas também com qualquer outra pessoa. Em um dado momento da história, Fabiano acaba sendo preso por um soldado por não conseguir se comunicar.

Essa característica de pouca fala era comum do homem do campo, talvez pelo fato de não dominar bem as palavras, não conseguir se expressar ou não ter costume de conversar sobre qualquer tipo de assunto. Diante disso, alguns assuntos, como sexualidade, menstruação, beijo e namoro, eram difíceis de serem tratadas entre as famílias. Importa mencionarmos que o art. 1º da Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional (LDB), de 1996, deixa claro que o ensino é a porta de acesso ao processo de formação integral, social, humana e cultural: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996, n. p.). Inferimos desse dispositivo da lei que a educação contribui para o processo de interação e integração entre as pessoas.

Na frase, “[...] Aí eu pensei: ‘eu tô sozimo aqui, vou proveitá esse trem’. Pelejei pra chupa ele... ele tava mei garradu”, verificamos um valor moral e ético da personagem: Geraldinho percebeu que estava sozinho e poderia fazer algo que certamente não era respeitoso fazer diante de outras pessoas. Nessa cena, temos o discurso de fazer boa imagem

perante os outros. Ele diz que só iria chupar o osso para comer a carne porque ninguém estava vendo. Provavelmente, era seu costume comer dessa maneira. Como era um caipira, que fora criado de forma simples, utilizar as mãos para comer era algo comum. Com o passar do tempo, novos modos foram sendo adotadas pelas comunidades rurais, afetando a forma de comer, vestir, falar e se comportar do sujeito-caipira.

A transformação dos aspectos comportamentais, das vestimentas e atitudes, gerou alguns conflitos entre o saber popular e o saber tradicional. Os caipiras viam-se cada vez mais inseridos em lugares e situações constrangedoras, que requeriam deles novas atitudes (muitas eram antagônicas às deles), novos pensamentos, mudanças de valorações (FERNANDES, 1979). Geraldinho demonstra que se adaptou a essas transformações, que passaram a constituir suas experiências narrativas, provocando risos nas pessoas.

O humor do “Causo do Osso” ocorre no momento em que Geraldinho enfiou o dedo dentro do osso para pegar a carne. Seu dedo fica preso. Mesmo ele forçando, não consegue tirá-lo. Essa situação causou vergonha e constrangimento no prosador. Ao tentar retirar seu dedo, ele acaba se machucando: “O coro empelotava lá na frente assim que num dava de si de jeito nenhum... eu trucia ele assim, queria rasgá o coro e num sai memo”. Geraldinho conhecia gestos de polidez e queria se posicionar bem em cada contexto social. Ele tinha a consciência de que enfiar o dedo no osso era uma atitude inadequada para o ambiente onde estava. Tentou fazê-lo escondido. Se essa situação tivesse acontecido em sua casa, ele não ficaria constrangido. Esse constrangimento se deu, principalmente, porque a sua “namoradina” estava por perto e poderia notar o que estava ocorrendo:

[...] Vi a buinha dela invinha no corredor. Quando eu vi que ela era, eu fui, pus o osso no colo e tampie com o prato, tampei com o prato pra ela num vê. Fiquei oiando nela e eu num sei se ela desconfio, e deu um pausa lá mi oiando e eu também oiando nela, fazendo com coisa que num tinha nada [...]. (FRUTOS DA TERRA, 2019, n. p.)

Podemos notar que ocorreu um troca de olhares entre Geraldinho e sua “namoradina”. Talvez a moça tenha desconfiado que havia algo de errado, pois ela parou e ficou olhando para ele, que, por sua vez, tentou disfarçar, como se nada estivesse acontecendo. Percebemos que a linguagem não verbal é bastante utilizada. O prosador enfatiza a troca de olhares com a moça. É possível que Geraldinho não tenha conseguido disfarçar. Seu olhar transmitiu a mensagem de que algo diferente estava ocorrendo.

Na frase, “Vi a buinha dela invinha no corredor”, o termo “buiha” é o diminutivo de buia, que significa barulho, ruído, som, sendo empregado por caçadores e povos mais antigos

para se referir aos passos dos animais. Isso mostra que Geraldinho fazia o uso de alguns termos para enfatizar que ele era um homem do mato, do campo, um verdadeiro caipira. Mesmo estando na mídia, ele não deixou de utilizar sua linguagem caipira, uma característica que fez com que seus causos obtivessem sucesso.

Esse caso também reflete e refrata os valores de uma família tradicional, que mantinha costumes e princípios rígidos, isto é, valores construídos socialmente. Além disso, a “namoradinha” era uma moça “arisca”, isto é, desconfiada e pouco sociável, como apontado pelo prosador, no início do caso. Essa característica é fruto de um ambiente com regras rígidas. Seu pai era rústico, bruto e sistemático. Possivelmente, ele não tinha um diálogo aberto com a filha. Pelo contrário, a interação entre ambos era restrita.

Alguns discursos permeiam esse caso: o discurso do namoro platônico, evidenciado pela tentativa de Geraldinho de se aproximar da “namoradinha”; o discurso da criação do caipira, no qual o pai da moça é descrito como uma personagem tradicional do campo, rústico e sistemático; o discurso do interesse, quando Geraldinho se prontifica a ajudar no mutirão do fazendeiro porque viu uma oportunidade de se aproximar da “namoradinha”, visto que ele só via a moça casualmente, em alguns eventos.

Acerca do discurso de interesse, observamos que este se faz presente logo no começo da narrativa, quando o prosador se mostra ansioso para ser o primeiro a chegar à fazenda, a fim de impressionar o fazendeiro, pai de sua “namoradinha”:

[...] e pensei: ‘Amanhã eu vou ser o primeiro que vou butucar lá’. [...] já com pressa de chegar o dia logo, a noite grande... aí, rapaiz, eu acordava e oiava escuro... e o trem num amanheci. Uma hora, quando eu vi que a barra do dia, quis alevantar, eu pulei num cadim veio lá do chão [...] um hora eu dava um passo largu pra chegar ligeiro, rapaiz, e deu certinhu do jeito que eu fiz a ideia... fui o primeiru que cheguei lá. (FRUTOS DA TERRA, 2019, n. p.)

Geraldinho arquiteta cada detalhe para ser o primeiro a chegar à fazenda. Ele amola sua foiça para fazer o trabalho na invernada da roça. Essa atitude mostra que o narrador queria fazer um serviço com excelência. Depois, ele não dorme direito e fica esperando ansiosamente pelo nascer do sol. Durante a caminhada até a fazenda, que era longe de sua casa, apressa os passos, de modo a chegar ao local o mais rápido possível.

O prosador nos traz uma riqueza de detalhes, mostrando-nos aspectos valorativos de sua cultura e o cuidado com a utilização de certas palavras e expressões, como buinha, cadim, barra do dia, dentre outras, que somente quem conhecia seu contexto sócio-histórico as

compreendia, porém, outras pessoas foi tendo acesso as histórias e tomando conhecimento do linguajar do caipira.

### 3.6.3 Causo do Rádio

Geraldinho conta que trabalhou durante uma semana na construção de uma casa de um amigo. Quando chegou domingo, esse amigo o convidou para ouvir “Os caipira”, na casa de um senhor que morava por perto, chamado Enoque. O prosador animou-se em ir, pois nunca tinha visto “essa incrensa”. Ao chegar ao local, havia outras pessoas que moravam na região. O velho fazendeiro, dono da casa, era o único que tinha um rádio. Todos ficaram curiosos e animados para conhecer esse instrumento de comunicação, que era novidade na época. Contudo, Geraldinho ficou meio “empacinado”, porque, para ouvir o rádio, tinha que pagar cem reis. Porém, aquilo era algo novo e todo mundo estava pagando sem hesitar. Ele se animou e pagou também. Todos se acomodaram. O fazendeiro chamou sua esposa para “sortar o trem”, pois ele não sabia ligar. Quando a esposa ligou o rádio, o “trem cipiou, e ela errou o endereço”. O rádio estava a transmitir uma missa. Geraldinho foi embora indignado, uma vez que perdeu cem reis porque não ouviu o que realmente queria.

Em uma ocasião, mininu, eu fui judá um mininu fazer uma casa lá no mato. Então eu trabalhei lá a semana inteira e resolvi a pousar lá. Quando foi domingo ele falou: ‘Vamo vê Os caipira?’. Aí eu falei: ‘Uai, onde se arranja isso aí?’ Aí ele falou: ‘Não, lá no veio Enoque tem’. Aí eu falei: ‘O que que tem lá?’ Ele disse: ‘Lá tem um rádio’. Então, eu nunca tinha visto essa encrenca. Nós vamo lá oiá. Chegamo lá, tava reunindo mais gente e deu um defeito, rapaiz, é que cada um tinha que pagar cem reis (risos). Aí eu quis empacinar com aquilo mas todo mundo tava pagando. Eu falei: ‘Então vamo’. Mas primeiro ele foi lá dentro chamar a muiê pra sortar o trem porque ele não sabia (risos). Quando ela torceu o imbiggo dele, o trem cipiou e errou o endereço e muntou numa missa (risos), e aí nós foi obrigado a jogá o chapéu de costas e bater o joei no chão e o pau quebrou. Essa missa num cabava e em vai... e joei foi doendo e eu tô tolerando, quando desocupou, rapaiz [...] quando cabou aquela engrenagem (risos), eu pulei lá no terreiro (risos): ‘Eu vou perder meus cem reis (risos), mas eu num quero saber desse trem de rádio mais nunca (risos). (FRUTOS DA TERRA, 2020, n. p.)

Nesse causo, observamos o posicionamento enunciativo do narrador e as diversas vozes presentes no enredo. A primeira voz é a do amigo, que convida Geraldinho para ouvir “Os caipiras” na casa do fazendeiro Enoque. A segunda voz é a de Geraldinho, que, mesmo sem domínio da leitura e escrita, fica “empacinado”, ou seja, desconfiado pelo fato de o velho

fazendeiro cobrar cem reis de quem quisesse ouvir o rádio. Nosso prosador era um caipira de pouca escolarização, mas esperto, pois sabia que, naquela situação, o fazendeiro estava tentando tirar proveito das pessoas, por ser o único da região a possuir a novidade tecnológica. Assim, nessa situação, observamos um discurso de granjeio, pois o senhor Enoque estava lucrando com o dinheiro que recebia das pessoas.

Ao analisarmos o contexto extraverbal do caso, isto é, a situação vivenciada por Geraldinho e seu amigo, observamos que a narrativa se consuma em fato para quem ouve. Segundo Volóchinov (2017), o contexto extraverbal da enunciação é composto por três aspectos, que assim se manifestam com relação ao “Causo do Rádio”: 1) um horizonte espacial compartilhado por ambos os falantes: a casa do personagem fazendeiro Enoque; 2) o conhecimento e a compreensão comum da situação, igualmente compartilhados: Geraldinho compartilhando, com os interlocutores, seu conhecimento de mundo e suas valorações; 3) a valoração compartilhada da situação: o valor que o prosador confere ao dinheiro, pois fica desconfiado em pagar por algo que desconhece.

O contexto da narrativa é determinado pelo horizonte da casa do senhor Enoque e da situação vivenciada por Geraldinho, de modo que a enunciação tem sentido tanto para o prosador quanto para os interlocutores. À medida que Geraldinho emprega entonação na narrativa, percebemos aspectos implícitos, como: ele ser o único a ficar desconfiado do fazendeiro; a curiosidade que as pessoas tinham para conhecer novas tecnologias, a ponto de não se importarem de pagar por isso; o sarcasmo em torno da religiosidade, pois todos tiveram que ouvir a missa durante uma hora. Portanto, “as valorações subentendidas aparecem então não como emoções individuais, senão como atos socialmente necessários e consequentes” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 79).

Verificamos, também, a presença do valor ideológico na frase: “E aí nós foi obrigado a jogá o chapéu de costas”. Esse trecho revela um aspecto valorativo da cultura caipira: o hábito de tirar o chapéu em sinal de respeito, reverência, com o objetivo de criar uma boa imagem diante dos outros. Geraldinho diz que todos foram “obrigados” a tirar o chapéu em sinal de respeito à missa transmitida através do rádio. A palavra “obrigados” não significa que o fazendeiro Enoque obrigou as pessoas tirarem o chapéu de forma violenta, mas, Geraldinho quis dizer que por causa da situação de estar ouvindo algo considerado sagrado, eles tiveram que tirar o chapéu em sinal de respeito. Esse tipo de atitude ocorria não somente em ocasiões formais e religiosas, mas também durante as refeições. Isso nos mostra que essa atitude (tirar o chapéu, ou boné da cabeça) possui um aspecto valorativo, enquanto que para alguns usar

chapéu, ou boné dentro de templos (igrejas) é algo normal, para outros é uma atitude de irreverência, desrespeitosa.

Na frase, “[...] quando ela pegou no imbigo dele que torceu, eu vi que tinha um palitim lá dentro... rolô!”, observamos que Geraldinho utiliza a palavra “imbigo” para se referir ao botão que ligava o rádio. O caipira não dominava a leitura e a escrita, como desconhecia o domínio técnico das partes do aparelho. Assim, acaba recorrendo ao vocabulário biológico de que dispõe, evidenciando total domínio da habilidade narrativa. Ele sempre comparava objetos a pessoas ou animais, como no “Causo da Bicicreta”, em que compara esse objeto a um animal de montaria. Ao empregar a entonação expressiva, ele leva os interlocutores a imaginarem exatamente a cena exposta na narrativa e, ao mesmo tempo, a realizarem um exercício dialógico, de modo a compreenderem que “imbigo” se trata do botão que liga o rádio, disposto no centro do aparelho.

No Causo do Rádio podemos verificar o discurso de inovação tecnológica no meio rural, pois era a primeira vez que alguém tão próximo de Geraldinho tinha um rádio. Também vemos o discurso irônico e sarcástico do prosador por parte da missa, pois, para ouvir a dupla “Os caipiras” todas estariam felizes e satisfeitos, porém, como tiveram que ficar ouvindo a missa, Geraldinho narra de forma muito bem detalhada como se estivesse vivendo algo trágico, demorada e desagradável, que não acabava nunca. Isso também nos mostra que o catolicismo predominava na época, e principalmente na cultura de Geraldinho.

No causo em análise, por exemplo, Geraldinho fica animado para ouvir “Os caipira” e conhecer uma nova tecnologia, o rádio. No final, volta zangado por ter sido “obrigado” a rezar mais de meia hora. O prosador traz uma riqueza de detalhes e emprega uma entonação singular. Desde a situação inicial até o desfecho da narrativa, os interlocutores são envolvidos pelo processo imagético, o que proporciona efeitos de sentidos positivos. A relação entre locutor e interlocutores ganha materialidade significativa, pois é “na entonação que o falante se relaciona com os ouvintes: a entonação é social por excelência” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 82). Isso mostra que Geraldinho foi um personagem na vida e na arte e soube utilizar estratégias e recursos de expressões e palavras que enriqueciam suas temáticas. Como pontua Bakhtin (2003, p. 282, grifos do autor):

A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de um certo gênero de discurso*. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. A intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida

aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero.

Com relação à estrutura do causo, observamos a predominância da sequência textual narrativa. Em todos os causos, há uma situação inicial, o clímax e o desfecho. O prosador conta as histórias em primeira pessoa, ora como narrador-personagem, ora como narrador-observador. Geraldinho explora os verbos no pretérito perfeito do indicativo, pondo os acontecimentos em ordem cronológica. Os desfechos das histórias quase nunca são felizes. Na maioria das vezes o protagonista vivencia um final trágico, o que confere efeito humorístico aos causos. Por fim, verificamos um sentimento de decepção por parte do narrador e protagonista de história, Geraldinho, pois ele tinha expectativa de ouvir uma música que certamente era de seu gosto pessoal, e também seria a primeira vez que ele teria contato com um rádio, porém, o final mais uma vez foi trágico, pois o caipira perdeu dinheiro e ainda foi “obrigado” a rezar.

#### **3.6.4 Aspectos semelhantes nos causos analisados**

Os causos contados por Geraldinho estão repletos de discursos, ideologias e não-ditos. Uma das características observadas diz respeito aos estereótipos femininos. No “Causo da Bicicreta”, observamos a seguinte passagem: “[...] O sinhô espia o que tá fartanu nela e conserta ela pra mim”. O prosador utiliza a palavra consertar (como se conserta uma máquina ou algum outro objeto) como meio para solicitar ao médico algum medicamento para a esposa. Aqui, não estamos afirmando que Geraldinho tratava a mulher como uma máquina ou objeto; estamos analisando o uso de determinadas palavras e os possíveis sentidos de serem analisados. A palavra consertar significa “corrigir falhas ou defeitos; reparar: consertar um vestido, um relógio, etc.”. Outro exemplo de estereótipo feminino reside no emprego do termo da palavra “bua”, que é comum ser utilizada para se referir ao barulho/passos de animais, e não de pessoas. Por isso, podemos verificar que esses termos soam de maneira pejorativa referente a mulher.

Nos causos, observamos que o discurso de interesse se faz bastante presente. No “Causo da Bicicreta”, Geraldinho deixa claro que deseja que a mulher seja curada para ele. Inferimos que isso seja uma característica relativa tanto ao cuidado quanto à posse. No “Causo do Osso”, o prosador se dispõe a ajudar no mutirão da fazenda com o interesse de se aproximar da “namoradilha”, filha do fazendeiro. Por sua vez, no “Causo do Rádio”,

Geraldinho vai até a casa do senhor Enoque para ouvir uma dupla sertaneja no rádio. O interesse do caipira é de se divertir, descontraír. Por outro lado, o fazendeiro tem o interesse de ganhar dinheiro, pois cobra certa quantia das pessoas para que possam ouvir música.

Verificamos, ainda, o discurso de amizade. No “Causo da Bicicreta”, Geraldinho comenta com um “cumpanheiru” que precisava levar sua esposa ao médico, mas não sabia como iria fazer isso, pois morava distante do hospital. Orientado pelo amigo, ele compra uma bicicleta. Essa amizade entre Geraldinho e seu amigo, que não tem o nome citado, evidencia uma relação de confiança estabelecida por eles, o que fica claro quando o prosador diz: “Busca ela lá pra mim. Ocê paga, e quando ocê chega, a gente acerta tudo”. O amigo o aconselhou sobre a compra da bicicleta, disponibilizou tempo e dinheiro para ir buscá-la. No “Causo do Rádio”, quem traz a informação sobre a novidade do rádio para Geraldinho também é um outro companheiro, que o convida para ir até a casa do fazendeiro Enoque.

Sobre a linguagem verbal empregada, notamos que, além de utilizar expressões típicas da comunidade rural, Geraldinho faz uso do diminutivo de muitas palavras, como: namoradilha, fazendeirinho, peãozinho, buinha, muiezinha, dentre outras. Esse uso pode indicar ironia, depreciação, afeição ou carinho. No “Causo do Osso”, por exemplo, o prosador utiliza o termo “namoradilha” para expressar um sentimento de carinho e mostrar que ele se encontrava em plena juventude. No início do causo, ele diz que essa história aconteceu no tempo em que ainda era jovem. No “Causo do Peãozinho Novo”, o narrador emprega a palavra “peãozinho” para dizer que o protagonista da história era muito jovem e não tinha maturidade nenhum para trabalhar no campo. Essas expressões eram empregadas com bastante cautela pelo prosador.

Como mencionado, os causos estão repletos de discursos, ideologias e não-ditos. Uma característica observada foi o uso estereotipado da figura da mulher. No “Causo da Bicicreta”, Geraldinho utiliza alguns termos empregados para se referir a máquinas e/ou a objetos para se referir à mulher: “[...] o sinhô espia o que tá fartanu nela e conserta ela pra mim”. Nesse contexto, a utilização da palavra “conserta” significa que Geraldinho pediu ao médico que desse algum medicamento ou tivesse alguma solução medicinal para que sua esposa ficasse curada. Não estamos dizendo que o prosador tratava sua esposa como uma máquina ou objeto, mas estamos fazendo a análise do uso das palavras, uma vez que consertar significa “corrigir falhas ou defeitos; reparar: consertar um vestido, um relógio, etc.”. Outro exemplo do uso estereotipado referente é o uso da palavra “buia”, comumente utilizada para se referir ao barulho/passos de animais, e não de pessoas.

Outro aspecto comum percebido é o valor humano. Nos três casos em análise, existe um interesse por parte do protagonista da história, Geraldinho. No “Causo da Bicicleta”, ele deixa claro que deseja que a mulher seja curada para ele. Podemos ver isso como uma característica de cuidado e, também, de posse. No “Causo do Osso”, Geraldinho se dispõe a ajudar no mutirão da fazenda com um único interesse: aproximar-se da namoradina, filha do fazendeiro. Por sua vez, no “Causo do Rádio”, o narrador vai à casa do senhor Enoque para ouvir a dupla sertaneja pelo rádio. O interesse do caipira é por diversão, descontração; o do fazendeiro dono do rádio é o de disponibilizar sua casa para as pessoas com o interesse em ganhar dinheiro, dado que ele cobra certa quantia dessas pessoas para ouvirem músicas.

Observamos também o discurso de amizade, como no “Causo da Bicicleta”, em que Geraldinho comenta com um “companheiro” que precisava levar a sua mulher ao médico, mas não sabia como iria fazer isso, pois morava distante do hospital. Orientado pelo amigo, ele compra uma bicicleta para o auxiliar na locomoção. Nessa parte, vemos que a amizade entre Geraldinho e o tal companheiro, cujo o nome não é citado, não é somente uma amizade de vizinhança, mas também de confiança. Isso fica claro no momento em que ele diz: “Busca ela lá pra mim. Você paga e, quando você chegar, a gente acerta tudo”. Notamos que essa é uma amizade de confiança, pois o companheiro compra e busca a bicicleta para Geraldinho, sendo essa uma atitude de quem realmente quer o bem de outra pessoa. Portanto, o amigo aconselhou o prosador sobre a compra da bicicleta, disponibilizou tempo e dinheiro para ir comprá-la. No “Causo do Rádio”, vemos que quem traz a informação sobre a novidade do rádio para Geraldinho é um outro companheiro, que também o convida para ir até a casa do fazendeiro Enoque.

Sobre a linguagem verbal utilizada por Geraldinho, notamos que, além de elencar expressões típicas da comunidade rural, ele faz uso do diminutivo em muitas palavras, como: “namoradina”, “fazendeirinho”, “peãozinho”, “buinha”, “muiezinha”, dentre outras. Para analisarmos o uso das palavras no diminutivo, é necessário observamos o contexto em que se encontra cada um desses termos, pois o uso pode indicar ironia, depreciação, afeição e/ou carinho. No “Causo do Osso”, por exemplo, Geraldinho chama a moça de “namoradina” para expressar um sentimento de carinho, bem como para mostrar que se encontram na juventude, haja vista que, no início do caso, ele conta que essa história aconteceu no tempo em que ele era muito jovem. No “Causo do Peãozinho Novo”, Geraldinho faz o uso do termo no diminutivo para mostrar que o rapaz da história era muito jovem e não tinha maturidade nenhum para trabalhar no campo. Diante disso, percebemos que as essas expressões eram utilizadas de modo cauteloso, para se referir a algo ou a alguém.

Outro elemento que aparece não somente nos causos em análise, mas também nos demais causos narrados por Geraldinho, refere-se ao final trágico. No “Causo da Bicicleta”, Geraldinho diz que pede ajuda a um santo, pois estava descendo uma ladeira de bicicleta e não sabia mais como conduzi-la. Nesse momento, ele fumava um cigarro, que estava queimando sua boca. O desfecho acontece quando ele cai dentro de um buraco. No “Causo do Osso”, o desfecho ocorre quando o cachorro morde o osso que estava preso no dedo de Geraldinho e o sai arrastando. O caipira, com muita vergonha do acontecido, pula a cerca da fazenda e, como se fosse um fugitivo, corre a passos largo para sua casa. No “Causo do Rádio”, o prosador conta o sufoco que passou em ter de ficar de joelhos ouvindo a missa que a esposa do fazendeiro Enoque colocou para ele e os outros companheiros ouvirem. Na verdade, pagou cem réis com a intenção de ouvir música da dupla Os Caipiras. Podemos notar que, em todos os causos, o protagonista sempre tem um final trágico e cômico, e não consegue alcançar seus objetivos, pois sempre “se dá mal”. Por isso, o que gera humor nesses causos é o trágico-cômico, a tragicidade envolvida de comicidade é o que gera humor nos interlocutores.

Em seguida, analisamos a figura de Geraldinho por meio de três perspectivas, a saber: antes da fama, durante a fama e o seu legado. Nessa análise, optamos pela linguagem, pelo físico e pelo comportamento. Neste estudo, mostramos que Geraldinho foi um caipira simples, que nasceu na zona rural. Inicialmente, seus causos eram contados na comunidade onde vivia. Como ele morava em um lugar pequeno, todos da vizinhança já tinham ouvido falar de suas divertidas histórias, que se estenderam para além de sua comunidade e conquistou muitas pessoas.

A seguir, analisaremos o aspecto físico de Geraldinho, quando estava a contar seus causos em dois contextos sociais: na Fazenda Aborrecido (Figura 11), onde morava, e no programa televisivo Frutos da Terra (Figura 12):

**Figura 11 –Geraldinho na Fazenda Aborrecido, em Bela Vista de Goiás**



Fonte: Frutos da Terra (2020).

Percebemos nessas imagens que Geraldinho utilizava um chapéu rasgado, com um corte do lado esquerdo e um furo no meio. Ele sempre usava esse chapéu quando contava seus causos na zona rural.

**Figura 12 – Geraldinho no palco do programa Frutos da Terra**



Fonte: Frutos da Terra (2020).

Ao estabelecermos uma comparação entre as imagens, observamos que o chapéu que Geraldinho usava no palco do programa *Frutos da Terra* não era o mesmo que ele usava quando se apresentava na Fazenda Aborrecido. Apesar disso, queremos mostrar que não era somente a troca de chapéu que ocorria, mas também de discurso, com os possíveis efeitos de sentido ocasionados pela mudança de seu aspecto físico, quando se encontrava no palco. Assim, quando ele estava no programa televisivo, tanto o chapéu quanto suas roupas eram trocadas. Além disso, na filmagem realizada na referida fazenda, notamos Geraldinho com as mãos e as unhas sujas e a barba não feita. A sua encenação com as mãos era com maior

frequência. No palco do *Frutos da Terra*, ao dialogar com o apresentador Hamilton Carneiro, comportamentos, falas e vestimentas eram modificadas.

Raffael Fernandes entrevistou João Nogueira, filho de Geraldinho<sup>20</sup>. Ele disse que gostava mais do pai contando causos, quando estava fora dos holofotes. “Meu pai era um homem simples, mas que teve um nome grande aí [...]. Muita gente o conheceu na televisão, e na televisão aqueles trechos que ele fazia, pra mim eu achava que ele era mais sem graça. O bom do meu pai mesmo era você chegar na casa dele”. Podemos inferir, por meio dessa fala, que a despeito da mídia e da popularidade, Geraldinho foi um homem simples, cuja linguagem era mais caipira e de difícil compreensão. Nessa mesma entrevista, Divino Nogueira, outro filho de Geraldinho, também fala que preferia ouvir o pai contando causos quando ele estava fora do palco. “Já tiraram um pouco da originalidade dele, né? Ele ficou sem graça, mais ruim”.

De acordo com os relatos dos filhos do Geraldinho, o caipira teve de passar por algumas transformações para fazer apresentações em programas televisivos. Divino Nogueira afirma que eles exigiram de seu pai que passasse por essas mudanças para se apresentar na televisão. Entendemos que o uso de “eles” diz respeito à mídia da época. Foram necessárias tanto mudanças de linguagem quanto físicas para Geraldinho subir aos palcos. Com relação às mudanças nas falas de Geraldinho, podemos citar a expressão “Uai, Mininu”, bastante utilizada por ele no início de seus causos, principalmente em sua comunidade. Nos palcos, essa expressão passou a ser menos utilizada.

Geraldinho, antes da fama, era um caipira mais rústico e simples. Quando ganhou os palcos, foi preciso se adaptar, conforme as exigências da produção do programa *Frutos da Terra*. Isso nos revela que o sujeito enquanto enunciador discursivo conforme seu contexto social.

Diante disso, levantamos o seguinte questionamento: a mudança que Geraldinho sofreu após sua fama foi boa para sua vida? Ao refletirmos sobre os relatos de seus dois filhos, que desaprovam a performance do pai nos palcos, verificamos que o caipira foi modificado para se adequar aos padrões da mídia da época. Isso significa que, apesar de ter conquistado o público e mostrar a cultura caipira, os filhos de Geraldinho não viram a mesma originalidade que o pai tinha quando estava contando seus causos em sua comunidade, pois foi preciso que ele se tornasse um personagem moldado aos padrões da mídia para se apresentar nos programas de TV.

---

<sup>20</sup> Entrevista mostrada em um documentário sobre mitos goianos. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=5S\\_vq2GK6Eo&t=633s&ab\\_channel=DinoSantos](https://www.youtube.com/watch?v=5S_vq2GK6Eo&t=633s&ab_channel=DinoSantos)

Geraldinho também reproduziu, em seus causos, ações e atitudes humanas relacionadas com necessidades fisiológicas, como vimos no “Causo do Peãozinho Novo”, em que o humor é gerado a partir do modo como o prosador narra o momento em que o peãozinho defecou, ao estar montado no cavalo. Essa elaboração provoca muitas risadas nos interlocutores.

Os temas não foram modificados quando Geraldinho ganhou fama. Ele continuou contando as mesmas histórias. A mudança ocorreu em seu físico, na linguagem e nas gesticulações do caipira. No físico, vemos que sua roupa e sua aparência foram refinadas. Na linguagem, houve modificação em sua variação, posto que, em alguns vídeos-causos gravados na roça, aparecem palavras com mais ritmo acentual<sup>21</sup>, uma vez que nas falas dos vídeos-originais de Geraldinho ocorria prosódia e ortoepia<sup>22</sup>. Por outro lado, quando ele estava no programa de TV, não havia dificuldades em compreender suas palavras, pois Geraldinho teve que mudar sua maneira de falar quando estava nos palcos.

Uma estratégia que Geraldinho sempre empregava para gerar o riso, era ele mesmo sorrir no momento em que esperava que a plateia sorrisse. Acerca dessa estratégia, Bollela, Faleiros e Guedes Filho (2007, p. 170) pontuam que: “[...] fizemos diversas comparações visando compreender como se dá o gatilho do humor que provoca o riso do ouvinte ao escutar a narração. Geraldinho, rindo de si mesmo, convida o ouvinte a rir também, e parece lograr êxito”. Essa forma de gerar o humor permaneceu nas três etapas de sua vida (antes, durante e pós fama). Após sua morte, tornou uma caricatura em desenho animado.

Afinal, o que foi bom para Geraldinho com todas essas mudanças? Partindo do pressuposto que o sujeito tem vários posicionamentos a partir dos lugares enunciativos, podemos verificar que Geraldinho se adaptou às mudanças necessárias para conquistar um espaço maior, além da cidade de Bela Vista de Goiás. Certamente, ele se submeteu às transformações porque sabia que seria uma oportunidade de mudança de vida em termos financeiros, tanto para ele quanto para sua família. Com isso, podemos dizer que Geraldinho foi autor tanto na vida quanto na arte.

Portanto, entendemos que Geraldinho possuiu uma linguagem de natureza social, ou seja, seus enunciados foram construídos a partir de sua vivência. Por isso, não existe sujeito

---

<sup>21</sup> O ritmo acentual determina que nas línguas as sílabas podem durar diferentes quantidades de tempo, mas não é percebido como uma quantidade razoavelmente constante de tempo (em média) entre sílabas tônicas consecutivas.

<sup>22</sup> A ortoépia ou ortoepia é a área da gramática que se ocupa da definição de normas sobre a pronúncia de palavras de uma língua. A prosódia se dedica ao estudo da emissão dos sons da fala, incluindo o acento a entonação. Ambas - ortoépia e prosódia - estão muito relacionadas com a fonética e a fonologia.

pronto e acabado, que discursa a partir do seu eu individual. O sujeito é constituído de fora para dentro. Sus falas são construídas e completadas por discursos alheios. Certamente, a forma como Geraldinho contava as histórias teve inspiração em seus antepassados.

O sujeito se depara com múltiplos caminhos e vozes no processo de comunicação. E esse processo se dá por meio das trocas de experiências entre interlocutores. A interação evidencia as divergências, a materialidade discursiva das lutas sociais, a disputa de poder, a identidade dos sujeitos, a defesa de ideologias, demarcando e mostrando as valorações de cada grupo social. O “eu” do sujeito é fundamentado no eu do outro, tornando-se o “nós”. Por conseguinte, o que está nas relações discursivas não é um sujeito individualista, mas coletivo, que, apesar de ser ativo em suas interações comunicativas, também é passivo, e no espaço discursivo constrói sua relação, estabelecida entre identidade (eu) e alteridade (outro).

Veremos agora o que foi modificado e o que permaneceu nos causos de Geraldinho após sua morte. Salientamos que a análise desse tópico se dá por meio de três aspectos: Geraldinho antes da fama, ou seja, o caipira simples da zona rural; Geraldinho durante a fama, que teve de se adaptar a alguns padrões sociais; e Geraldinho após a fama, isto é, o legado que ele deixou. Os causos desse prosador revelam práticas e representações da cultura popular sertaneja goiana. Portanto, os enunciados (causos) mostram os juízos de valores que dominaram a sociedade da época, e que hoje são analisados como enunciados, provocando risos.

A Figura 13 apresenta a figura de Geraldinho em desenho animado:

**Figura 13 – Geraldinho em animação**



Fonte: Frutos da Terra (2021).

Referente ao aspecto físico, podemos verificar que, no desenho animado, a produtora Plural Imagem e Som buscaram retratar Geraldinho aproximando-se de sua imagem original. Na figura, vemos que o chapéu está com os mesmos rasgados, e a bota, furada. Na caricatura, Geraldinho utiliza a mesma roupa que usava nas filmagens, tanto nos palcos quanto na fazenda. Referente a linguagem, podemos verificar que a produtora produziu o dialeto bem distinto da linguagem original de Geraldinho, pois o dialeto do prosador não ficou arrastado e difícil de ser entendido como acontece no vídeo-causo original. As gírias interioranas o sotaque que puxa a letra *R*, também não aparecem. Por isso, verificamos que sobre a voz de Geraldinho no desenho animado ficou diferente da original. Um aspecto importante enfatizado pela produtora é a risada do prosador, esta que aparece no início e também no desfecho da história, mostrando que a risada de Geraldinho foi um símbolo marcante de sua identidade.

Ao analisarmos os discursos dessas três etapas, inferimos que, antes da fama, Geraldinho era um contador de causos que carregou consigo um humor tipicamente caipira, com histórias voltadas para o homem do campo e suas práticas. Aqui notamos um discurso de homem do campo que estabeleceu suas relações sociais na roça, na vida simples, mostrando suas valorações para a sua comunidade. A linguagem de Geraldinho não se resumia a um simples dialeto caipira, mas carregava toda uma cultura, o que fez com que se tornasse, primeiramente, narrador na vida; depois, na arte.

Mesmo que Geraldinho não tivesse consciência de sua transformação de sujeito-caipira para sujeito-narrador, ele criou um personagem quando começou a ganhar repercussão. Ele via a si mesmo e também o seu personagem. Assim, aceitou as mudanças que a produção/mídia exigiram. Apesar de seus dois filhos não gostarem de sua nova versão, Geraldinho se tornou um grande personagem e atuava com domínio e simplicidade quando estava diante das câmeras. Portanto, para se constituir como autor na arte é necessária uma mudança de posição do sujeito e a arte passa a assumir outra voz.

Geraldinho tornou-se autor na arte quando escolheu uma voz social, uma perspectiva valorativa para falar sobre seu mundo, pois, segundo Bakhtin, “em qualquer enunciado existe uma face e não uma máscara” (BAKHTIN, 2003, p. 116). Por isso, o prosador expressou-se conforme seu contexto social. Mesmo não se abstraindo de sua identidade, adaptou-se às mudanças necessárias para conseguir se apresentar nos programas de TV. Assim, “pode-se dizer que não é tanto a expressão que se adapta ao nosso mundo interior, mas o nosso mundo interior que se adapta às possibilidades de nossa expressão, aos seus caminhos e orientações possíveis” (BAKHTIN, 2016, p. 117-118).

Na segunda etapa, o discurso de interesses ideológicos e das relações de poder, ou seja, aqueles discursos dominantes da época, voltados apenas para os acontecimentos da zona urbana, fomentaram a ideia de que um caipira contando histórias era motivo de humor. Com isso, as pessoas pagariam para ver os shows de Geraldinho. Portanto, a cultura popular foi ganhando espaço junto à erudita, e os causos de Geraldinho geraram um retorno financeiro para ele e sua equipe, que sempre estava presente.

Depois da fama, ou seja, quando o prosador faleceu, notamos um discurso de carinho, respeito e admiração em torno de Geraldinho. Isso é observado nos causos que se tornaram desenhos animados, com possuem diversas visualizações, mesmo que não sejam as histórias originais. Há muitos elogios por parte dos interlocutores, que agora podem encontrar os causos em uma outra esfera da atividade humana, a esfera midiática.

Com base no que foi exposto até aqui, verificamos que Geraldinho não foi um contador de causos comum, mas um grande representante de cultura sertaneja goiana. Por meio dos causos, ele refletiu e refratou ideologias dominantes da época. Suas histórias tornarem-se signo ideológico, representando as práticas e os costumes de toda uma cultura. Por isso:

Aquilo que torna o signo ideológico vivo e dinâmico faz dele um instrumento de refração e de deformação do ser. A classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou de ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 46)

Assim, entendemos que os causos se tornaram símbolo da identidade da cultura de Geraldinho, pois constituíram um conjunto de sentidos através da linguagem. Os enunciados (causos) possuem um caráter social e transformador, porque pode transmitir discursos de diversos assuntos como: social, político, cultural, religioso entre outros. Assim, entendemos que os causos são mais do que contação de histórias porque são enunciados que refletem e refratam, que estão além da materialidade linguística, são discursos que possuem um aspecto valorativo.

Desse modo, quando Geraldinho tomava a palavra no ato enunciativo ele expressava com liberdade e autenticidade o gênero causo, isso fez com que seu discurso entrasse no campo discursivo ganhando aspecto axiológico. Portanto, Geraldinho sabia fazer a escolha do conteúdo temático do gênero (assunto), que geralmente eram temáticas que ele vivenciou ou presenciou alguém vivenciando, como disse seu filho João Nogueira na entrevista realizada por Raffael Fernandes: “meu pai contava as histórias que ele viveu, ou via por aí né, mas ele

aumentava um poquim né (risos)”. Também escolheu a construção composicional (estrutura) de forma excelente, de modo que, percebemos sempre a mesma construção de falas, pausas e risos em todos os casos. E por fim o estilo (forma individual) Geraldinho soube escolher boas estratégias para contar suas narrativas que seu personagem ficou registrado na memória de seus ouvintes, por isso, podemos dizer que seu discurso era composto de vivacidade e expressividade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo a concepção bakhtiniana, o conteúdo temático está fundamentado em vínculos dialógicos que o enunciado estabelece com outros textos, uma vez que os “enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros” (BAKHTIN, 2003, p. 297). Entendemos, dessa forma, que esses enunciados refratam e deslocam sentidos. Geraldinho, com sua risada carnavalesca, gerou efeitos de sentidos que não ficaram restritos ao tempo (1983) e ao espaço (Bela Vista de Goiás), expandindo-se para além de sua historicidade vivida. O caipira de mãos calejadas e pouca leitura dominava com maestria suas narrativas, a arte do improvisado e a cantoria. Esse artista encantou o público com sua retórica. Mesmo depois de sua morte, conservou a notoriedade, com uma valorização no contexto atual a partir da retomada dos causos em forma de animação.

A riqueza e a sabedoria de Geraldinho residem na priorização da identidade e da autenticidade, visto que ele carregava consigo conhecimentos dos costumes da vida rural, do plantio na terra, do comportamento do caipira, do trato com os animais, da piada envolvendo santos. Tudo isso ultrapassa o entretenimento. Ele trouxe práticas, valores e ideologias que marcaram uma cultura que saiu do solo social rural e atravessou o solo social urbano.

Com base no que foi apresentado no decorrer desta pesquisa, podemos afirmar que a cultura sertaneja é rica e bem-humorada. A figura de Geraldinho é essencial para os estudos que abordam a cultura popular. Esse caipira goiano apresentou narrativa singulares, baseadas em sua experiência de vida, provocando efeitos de sentido positivos. Isso gerou risos entre aqueles que ouviram os causos contados por ele, isto é, seus interlocutores. O riso, no discurso caipira, valoriza a cultura sertaneja, bem como manifesta a resistência em relação àqueles que oprimem e impõem regras a esse universo.

Assim, o riso instaura-se na rede discursiva para dar voz à cultura popular. Além disso, foi através dos causos (enunciados) que Geraldinho ficou conhecido nacionalmente. Foi no campo midiático que ele deixou a sua assinatura. Como pondera Bakhtin (2003, p. 397), “o perigo faz o sério, o riso autoriza evitar o perigo. A necessidade é séria, a liberdade ri [...]. O riso suprime o peso do futuro (do porvindouro), livra das preocupações do futuro; o futuro deixa de ser uma ameaça”. O riso é uma expressão que integra a linguagem, possibilita dizeres e constrói sentidos nas relações comunicativas. Por meio de práticas e representações da cultura popular sertaneja, Geraldinho tornou-se personagem cômico afetivo, pois trazia os interlocutores para o campo humorístico, ao mesmo tempo em que era respeitado.

Geraldinho refletiu enunciados no mundo, o riso que desestabiliza o oficial e se estabelece como força centrífuga de resistência (BAKHTIN, 2003). Esse artista gerou tensões entre classes sociais ao carregar consigo valores de um estereótipo que era visto como “sem cultura”, o que nos permite compreender que os causos não se restringem a simples contação de histórias, posto que estão carregados de valorações da cultura caipira goiana. Portanto, o prosador representou a voz social humorística, caipira, e, ao mesmo tempo, a voz de resistência, luta, valorações, cultura, aspectos estes semiotizados no campo discursivo do midiático.

Observamos, ainda, como Geraldinho tornou-se um personagem relevante e de interesse para os diversos campos de atividade humana, em dada temporalidade, estando caracterizado na posição sujeito contador de causo, que agora dialoga com sua caricatura em animação. Sobre isso, podemos citar Bakhtin e o Círculo, que contemplam uma filosofia que se constitui na totalidade do ser-evento, estabelecendo uma arquetônica da forma, do conteúdo e do tom emocional-volitivo da posição em que o sujeito se insere.

Ao refletirmos acerca das análises abordadas neste estudo, podemos afirmar que Geraldinho foi um sujeito que se constituiu de várias vozes sociais, em seu contexto sócio-histórico-ideológico. Nesse sentido, concordamos com Guimarães Rosa (1956) ao dizer que o “sertão: é dentro da gente”. Entendemos assim que, o prosador goiano exteriorizou suas práticas e costumes para uma sociedade não carnavalesca, um contexto social onde quase não se via apresentação de artistas caipiras nas mídias. Ele conseguiu se instaurar em um contexto social diferente do seu e refratou ideologias dominantes, abrindo caminho para outros artistas caipiras.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. **O sertanejo**. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2012.
- AMARAL, Amadeu. **Tradições Populares**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, Secretaria de Cultura e Tecnologia, 1976.
- ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE GOIÁS. **O saber popular em destaque**. 2022. Disponível em: <https://portal.al.go.leg.br/noticias/126992/o-saber-popular-em-destaque>. Acesso em: 01 out. 2022.
- BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova. São Paulo: Editora 34, 2019.
- BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch; VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BATISTA, Gláucia Aparecida. **Entre causos e contos: gêneros discursivos da tradição oral numa perspectiva transversal para trabalhar a oralidade, a escrita e a construção da subjetividade na interface entre a escola e a cultura popular**. 2007. 213 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Taubaté, Taubaté, São Paulo, 2007.
- BOLLELA, Maria Flávia de Figueiredo P.; FALEIROS, Sara Pini; GUEDES FILHO, José Moreira. Oralidade e humor: “O caso da bicicleta”. **Multiciência**, São Carlos, v. 8, p. 168-183, 2007.
- BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2005.
- BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 20 set. 2022.
- BRASIL 48 HORAS. **Animação traz de volta o contador de causos Geraldinho**. 2021. Disponível em: <https://brasil48horas.com.br/2021/04/08/animacao-traz-de-volta-o-contador-de-causos-geraldinho/>. Acesso em: 22 set. 2022.
- CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. 11. ed. Rio de Janeiro: Edusp, 2010.

CASTRO, Carolina do Carmo. **Práticas e representações da cultura popular sertaneja: um contador de “causos”**, Geraldinho Nogueira. 2010. 103 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, 2010.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUNHA, Antonio Geraldo da; MEGALE, Heitor; CAMBRAIA, César Nardelli. **A carta de Pero Vaz de Caminha: reprodução fac-similar do manuscrito com leitura justalinear**. São Paulo: Humanitas, 1999.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

DIÁRIO DO ESTADO. **10 festas populares e tradicionais goianas**. 2021. Disponível em: <https://diariodoestadogo.com.br/10-festas-populares-e-tradicionais-goianas-122375/>. Acesso em: 01 out. 2022.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Mutirão**. 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/mutirao/>. Acesso em: 02 out. 2022.

EDUCA MAIS. **Provérbios e ditados**. 2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/proverbios-e-ditados>. Acesso em: 27 set. 2022.

EDUCAÇÃO UOL. **Amácio Mazzaropi**. 2005. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/biografias/amacio-mazzaropi.htm>. Acesso em: 20 set. 2022.

FARACO, Carlos Alberto. **Autor e Autorial**. 2. ed. Curitiba: Base Editorial, 2010.

FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca. **Gêneros do Discurso: refletir e refratar com Bakhtin**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

FIORIN, José Luís de. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2006.

FRANCISCO, Luís Roberto de. A gente paulista e a vida caipira. *In*: SETÚBAL, Maria Alice (Org.). **Terra paulista: histórias, artes, costumes**. São Paulo: CENPEC, 2004. p. 9-51.

FRUTOS DA TERRA. **Geraldinho - Causo da Bicicleta**. Goiás, 2017a. 1 vídeo (6min30s). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=y3iYdTaz6IA&t=287s&ab\\_channel=FrutosdaTerra](https://www.youtube.com/watch?v=y3iYdTaz6IA&t=287s&ab_channel=FrutosdaTerra). Acesso em: 10 set. 2022.

FRUTOS DA TERRA. **Geraldinho - Causo do Peãozinho Novo**. Goiás, 2017b. 1 vídeo (5min41s). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=XCnzjwTWm5E&t=40s&ab\\_channel=FrutosdaTerra](https://www.youtube.com/watch?v=XCnzjwTWm5E&t=40s&ab_channel=FrutosdaTerra). Acesso em: 10 set. 2022.

FRUTOS DA TERRA. **Geraldinho - Causo do Osso**. Goiás, 2019. 1 vídeo (9min15s). Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=D0LuOYolmCw&t=27s&ab\\_channel=FrutosdaTerra](https://www.youtube.com/watch?v=D0LuOYolmCw&t=27s&ab_channel=FrutosdaTerra). Acesso em: 10 set. 2022.

FRUTOS DA TERRA. **Geraldinho - Causo do Rádio**. Goiás, 2020. 1 vídeo (1min47s). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=I\\_foyKnrSCw&ab\\_channel=FrutosdaTerra](https://www.youtube.com/watch?v=I_foyKnrSCw&ab_channel=FrutosdaTerra). Acesso em: 10 set. 2022.

GEDOZ, Sueli; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. O gênero discursivo causo: reflexões sobre sua caracterização a partir da teoria bakhtiniana. **Travessias**, Cascavel/PR, v. 5, n. 1, p. 1-18, 2011.

GOMES, Luciana Coelho. **Literatura e Identidades: o regionalismo de Hugo de Carvalho Ramos**. 2009. 118 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, 2009.

GOUVÊA, Luzimar Goulart. **O homem caipira nas obras de Lobato e de Mazzaropi: a construção de um imaginário**. 2001. 141 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2001.

JORGE, Gustavo Dal Farra Miguel. **Entre parceiros: o legado de Antonio Candido e o caipira na formação cultural do Brasil**. Sensata jul, 2020. São Paulo (PPGCS-UNIFESP).

KOCH, Ingedore G. Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da Vida Cotidiana**. Tradução de Mara Sophia Zanotto. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

LEMES, Walter Carlos. **Janelas do Tempo: Geraldinho Nogueira e outros escritos**. Goiânia: Kelps, 2013.

LEMO, Maria Teresa Toríbio; MORAES, Nilson Alves. **Memória e construções de identidades**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia., 1918.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Fala e Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

MEIO & MENSAGEM. **O que era sucesso na TV dos anos 80**. 2017. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/midia/o-que-era-sucesso-na-tv-dos-anos-80>. Acesso em: 19 set. 2022.

MELO NETO, João Cabral de. **A educação pela pedra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MEMÓRIA EBC. **Você sabe quem é o Pedro Malasartes?** 2013. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2013/08/voce-sabe-quem-e-o-pedro-malasartes>. Acesso em: 28 set. 2022.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Campesinato Brasileiro: Ensaio sobre civilização e grupos rústicos no Brasil.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas.** São Paulo: Martins, 1973.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. *In*: MEURER, José Luís; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. **Gêneros: teorias, métodos, debates.** São Paulo: Parábola, 2005. p. 185-207.

ROSA, Guimarães. **Grande sertão: Veredas.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1956.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela província de Goiás.** São Paulo: Nacional, 1944.

SIGNIFICADOS. **Anegota.** 2021. Disponível em: <https://www.significados.com.br/anedota/>. Acesso em: 01 out. 2022.

SILVA, Ademir Luiz da. O domador de bicicletas: cultura, identidade e originalidade em Geraldinho Nogueira. **Revista Educação & Mudança**, n. 24, p. 23-35, 2011.

SILVA, Lucélia Aparecida da. **O humor em Geraldinho e a caracterização do gênero causa.** 2009. 113 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Franca, São Paulo, 2009.

SOBRAL, Adail. Ético e estético: Na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas. *In*: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2005. p. 103-121.

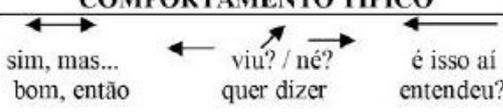
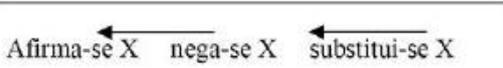
SOUSA FILHO, Sinval Martins de; ARAÚJO, Luciana Kuchenbecker (Orgs.). **Gêneros discursivos e análise linguística no ensino de línguas.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem.** Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

## ANEXOS

### ANEXO 1 – NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO

Conforme Marcuschi e Dionísio (2007, p. 74-84): “Na transcrição, desaparecem a entoação, os aspectos prosódicos, a gestualidade, o olhar, etc., mas ficam os marcadores, as repetições, as hesitações, as pausas, etc., desde que se tenha sensibilidade para sua reprodução”.

Estratégias de Formulação Textual Características da Fala		
ESTRATÉGIAS	COMPORTAMENTO TÍPICO	CARACTERÍSTICAS GERAIS
Marcadores Conversacionais		Os marcadores podem vir em início, meio e final de turno; início, meio e final de UC e podem ser bifocais(↔); prospectivos (→), retrospectivos (←), bem como orientar-se para o falante (↗).
Repetição		A repetição tem caráter retrospectivo (←) por ser a duplicação de algo que já veio antes. Há uma tendência a repetir elementos após o verbo.
Correção		Tem caráter retrospectivo e é no geral a substituição de algo que é retirado. Há correção de fenômenos lexicais, sintáticos e reparos de problemas interacionais.
Hesitação		Sempre de caráter prospectivo, pois hesitamos quando ainda não sabemos o que dizer; a hesitação vem no início de um novo sintagma ou antes de um item lexical.
Paráfrase		Assim como as repetições, também as paráfrases são retrospectivas, refazendo algo já vindo antes e pode assumir muitas formas.

## ANEXO 2 – TRANSCRIÇÃO: CAUSO DO OSSO

“[...] então lá perto ..... num era muito perto não, tinha um fazendeirim, criou uma menina bunita que era uma coisa sem jeito memo rapaiz (pausa) e aí era arisca demais então (risos) mas nós pegou... rumou uma amizade assim de longe só de zoi, as vezes nós encontrava nalguma reunião de gente ela ia com a mãe dela... ela dava aquele sinal de longe... e ai eu fui animando, falei: — O trem vai prestar (risos). E ai rapaiz o pai dela que era o defeituosos, ele era um homi crespo, ele num aceitava a família dele apresentar pra ninguém, então a que ele orientava era ficar de longe... é... aí toda vez que nois se encontrava ele num deixava eu desacosuar não... sempre no sinal de zoi. Eu falei: — Lá num dianta porque ela num sai porque o pai num aceita... mas foi ino assim... Aí foi num dia que o pai dela marcou um mutirão pra roça lá uma invernada, marcou lá pro casa, aí eu falei: — E esse dia vai da nu jeito que eu tenho vontade.... e aí rapaiz quando foi numa sexta-feira de tardi eu tinha uma foicinha velha e muntei na pedra de amolar com essa foici, rapaiz, mas eu tirei um pedaço do dia bão eu puis essa foici que ficou aparandu asa de musquito. E pensei: ‘amanhã eu vou ser o primeiro que vou butucar lá’. Encostei ela lá no canto e já com pressa de chegar o dia logo. A noite grande, aí, rapaiz, eu acordava e oiava escuro... e o trem num amanheci. Uma hora, quando eu vi que a barra do dia quis alevantar, eu pulei num catim veio lá do chão [...] Uma hora eu dava um passo largu pra chegar ligeiro, rapaiz, e deu certinhu do jeito que eu fiz a ideia, fui o primeiru que cheguei lá. E aí, quando eu peguei naquele osso pra jogá ele lá nu curral, eu oei, ele tava cum miolu bonitu. Ai eu pensei: ‘eu tô sozim aqui, vou proveitá esse trem’. Pelejei pra chupa ele: ele tava mei garradu. Aí eu tambuei esse dedo na broca dele, assim por baixo, fui empurrano e mamanu da outra banda. Foi até que, quando eu tava lambeno a cabeça du dedo, eu fui tira u dedo... cadê, rapaz! O coro empelotava lá na frente assim, que num dava de si de jeitu nenhum. Eu trucia ele assim, queria rasgá o coro e num sai memo” (FRUTOS DA TERRA, 2019).

## ANEXO 3 – TRANSCRIÇÃO: CAUSO DA BICICLETA

“Uai, minino, nesta época, sô, que pegô a saí essas bicicleta, esses recursu, nunha ocasião a muiê rumô lá uma perrenguice, uma clamura, uma gemura esquisita, aquilo não miorava; eu rancava uma saroba ali no terreiro memo, fazia uma xaropada, dava pra ela bebê... foi ficanu pió; aí eu maneí: danô! — Aí eu tentei levá ela pra cidade prum doutô dá uma reforma nela pra mim. Aí fui lá, rumei um agasaio, e levei ela... falei pro doutô: ‘Oiá, eu troxe a muié. O sinhô espia o que tá fartanu nela e arruma ela pra mim. — Eu não posso ficá aí não, eu tinha sirviço e era longe’. Aí, rapaiz, larguei ela e fui embora e era de a pé, eu ia lá dia de sabdo pra vê cumé que tava. Segunda-fera de madrugada eu virava pa trais de a pé, era aquela dificuldade. Nesse tempo, esses ricurso que tem hoje era poco. Intão foi inu ansim, um dia, sô, eu cheguei lá um dia de sabdo já p’ûas dez hora da noite, tinha um cumpanhero lá me esperanu, queria fazê um negócio comigo, esperô... aí eu cheguei cansado... Aí nós prusiemu ali um prazo... eu cramano pr’ele, aí ele falô: — Aí, Gerardim, pru que que ocê num compra ãa bicicleta? Falei: — Deus me livre sô, nunca muntei naquilo, sei mexê c’aquilo não. Aí ele falo: — Cê é bobo rapaiz, cum duas viagem que ocê andá, ocê anda, que ocê exprementá ocê anda... e eu sei dum minino que ele tem ãa, ele vende ela baratinho. Rapaiz, e eu infruí c’aquela proposta. Aí eu fui e falei pr’ele: — Ó intão faiz assim, ocê cumbina cu’ele lá e toca esse trem pra cá pra mim... nem buscá isso eu num sei não. Aí ele foi imhora. Quando foi domingo, já de tardinha, ele chegô lá c’aquela aranzé, rapaiz. Quando ele me intregô ela, rapaiz, me deu um ripindimento, eu mainei, esse trem num presta. Aí, rudiei ela dum lado, d’oto. Pra mim tava tudo afiadim, a gente num conhecia, né. Aí, nós prosidô, logo ele foi imhora, já o sol já tava quais de entranu. Eu mainei: — Ah, vô dá um repasse nesse trem é hoje memo. Peguei ela, eu mainei, eu vô lá pu campo de avião, ansim que tinha cumeçado esse campo lá. Vô pra lá que lá eu tô suzim, num tem ninguém pra fazê bagunça cumigo. E aí eu fui de pareia cu’ela, eu num sabia andá de pareia cu’ela, sô. Ela ia me puxanu assim, eu trupicava naquele istribu dela e muntuava em riba dela. Eu já fui disgostanu c’aquilo, falei: — Esse trem num presta. Foi da rua até lá nu campu ela me derrubô treis veiz. Mai eu teimanu, vamu vê. [...] Aí, eu gritei um santo, sô, ele num tava em casa... gritei oto, ele tava acudinu oto pr’ota banda...até que eu gritei um mai mais agraduado, mais aí já tava cheganu nu arame. Aí, quandi eu vi que ia, eu mainei eu vô aprumá que eu bato o istamu e caio de costa. Quandi eu aprumei, rapaiz, o rodero de diante dela tamém levantô e taaaaaaaaaaa... nós vazô. O santo num pode pará ela pra mim, mas judô a torá o arame pra nós passá. Aí quandi... — Uai você num agradeceu ele não? — Não, hora que eu disacupeí desse aranzé lá embaixo, eu num fiquei sabenu qualé que me acudiu que eu chamei eis tudo. Aí eu agardici eis tuudo. Falei: — Teve bão” (FRUTOS DA TERRA, 2017a).

#### ANEXO 4 – TRANSCRIÇÃO: CAUSO DO PEÃOZINHO NOVO

“Um dia uma época que saiu um peazinho que aprendeu só o serviço de roça era capinarrrr.... iii num sabia lida de gado. E uma época a precisão aroxo e a profissão dele num tava arrumando outro ricurso.... saiu uns fazendeiros pra caçar um sirviçu... iiii em vai em vai e toda fazenda que passava tinha muito sirvicu mas era pra mexer com gado e ele foi trocando... que ele num sabia nem entrar num curral cheio de gado (pausa) iii aquilo foi decorrendo e aprecissão dele num pode esperar mais. Mais um dia chego numa fazenda o fazendeiro falou: — Não eu tenho maiiis até foi Deus que ajudô que ocê pareceu aqui eu tenho que entregar uma boiada depois de amanhã eu tenho mais doi aí, mas os dois num da conta de areuni.... inclusive tem um bóí brabo que é o primeiro que ocê tem que buscar. E ai mininu ele pensou que a vida num tinha ricurso mais, ele pensou: — Vamo. ele pousou cedinho um dos peão buscou a tropa iii foram agir tratar de porco pra lá iii falou pra ele o senhor pode escolher... ai veio uns doze animalí, mas uns animalí fogofo... a tropa fico tudo armado ali num canto do curali rapaiz... iii ele pegou o crabesco eu falei: — Esse trem num vai prestar, aí Deus ajuda. Aí ele pegou o crabesco e foi, vinha negaciando, chegou na frente do cavalo e o cavalo assim (gesto) ele dava um papilote no nariz e eu (risos) eee rapaiz esse negocio num vai prestar. E até que ele conseguiu passar nessa tropa toda, quando ele chegava pueira irgia... quando ele chegou nesse cavalinho véi...ele... o cavalinho só armou a orelha assim... ele deu um papilote e o cavalinho só regalou os zói ele pavou ele quis fastar mas não, — Ah esse mi servi! Encaprestou e puxou pra casinha lá de ariá. Quando os outros peão veio que tavá tratando lá de porco, disse: — E mininu mas o caboco é treinado ele escolheu o cavalo mió de lida.. Ele já penso: — Esse trem num vai prestar, mais.... se arriaram e saíram. Entraram numa invernada e aqui é ali... numa ristinga lá numa cabeceira de longe o boi já deu pro fé... ele tava deitado lá, quando o boi levanto um dos peão falou: — ‘A lá o Boi brabo’ quando ele falou alá o cavalinho véi invinha atras e armou no rumo do boi aí a orelha dele intisouro lá... quando ele prozeou lá o boi já cuspiu e os dois anelo na batida e o cavalinho russo já entro de ataiiii.... já largou a rédia também o cabresco e agrudu só no arei memo pra num caiiii e o cavalo num larga ele mas ali o Santo que tinha nu mundo tava tudo reunido (risos).... e ele gritando (risos) e ele pelejando o registro dele bambeou e acho que a barriguinha dele num tava bem normalizada... de medo ele foi evaporando a massa nessa riata mininu que ficou uma brecheira que deus me livre! E o cavalinho muntou em cima memo pá pega memo sô... e em vai e lá num canto do pasto o arame intestava num vale e o boi foi nessa canto pá pula o vale, quando chego no vale o cavalinho já invinha com o queijo na anca dele, quando o boi viu que num dava de vira, o cavalinho deu um pancada na costela do boi e diirrubo ele dentro do vale...maisi ele caiu e fico lá no fundo do vale bufando mas caiu em pé num foi deitada não, maio em pé e o cavalinho esbarro. Quando os outros peaos fico perdidos pra traz foi reunindo. — Cadê o boi sô? Tá aqui dentro do vale, vigia vê se ocês preta pelo menos pra amarrar ele. Ai um tirou o laço lá da garupa e veio, quando foi passando perto dele... falou: — Hummm nossa senhoraaa rapa mas o que ocê aprontou ispia so ariata?! Ele falou: — Não mas é por isso que ocês num pega um boi

desse que ocês para pra caga, eu num tenho disso não (risos) ele cagou foi de medo (risos)” (FRUTOS DA TERRA, 2017b).

## ANEXO 5 – TRANSCRIÇÃO: CAUSO DO RÁDIO

“Em uma ocasião, mininu, eu fui judá um mininu fazer uma casa culá no mato fei. Então eu trabalhei lá a semana inteira e risorvi a pousar lá. Quando foi domingo ele falou: ‘Vamo vê Os caipira?’. Aí eu falei: ‘Uai, onde se arranja isso aí?’ Aí ele falou: ‘Não, culá no vei Enoque tem’. Aí eu falei: ‘O que tem lá?’ Ele disse: ‘Não ele tem um rádio’. Então, eu nunca vi essa encrenca nós vamo lá oiá. Chegamo lá, tava reunindo mais gente e deu um defeito, rapaiz, é que cada um tinha que pagar cem reis (risos). Aí eu quis empacinar com aquilo (muitos risos) mas todo mundo tava paganu. Eu falei: ‘Então vamo’. Aíi mas primero ele foi lá dentro iii chamô a muiê pra vim sortar o trem porque ele não sabia (risos). Quando ela torceu o imbigu dele, o trem cipiou e errou o endereço e muntou numa missa (risos), e aí foi preciso nós foi obrigado a jogá o chapéu pruma banda de costas e bater o joei no chão e o pau quebrou. Essa missa num cabava iii em vai... e joei foi dueno e eu tô tolerando, quando desocupou, rapaiz eu já num tava a mingar o ralo lá ajueiado (risos) quando cabou aquela engrenagem (risos), eu pulei lá no terreiro (risos): — Eu vou perder meus cem reis (risos), mas (risos) eu num quero saber desse trem de rádio mais nunca (risos)” (FRUTOS DA TERRA, 2020).